

*A Luz Vem do
Alto*

Dr. Penna Ribas

1ª Edição 1998

Copyright © Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas.

Todos os direitos para a língua portuguesa reservados pela Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, guardada pelo sistema "retrieval" ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, seja este eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação, ou outros, sem prévia autorização, por escrito, da SOCIEDADE DE ESTUDOS E PESQUISAS ESPÍRITAS.

Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas
Rua Visconde de Itaboraá, 265 - CEP 24.030-091 - Centro
Niterói-RJ - Telefone: (021) - 620-8574

Telefones para aquisição do livro: (021) 620-8574
717-2706
714-0682

R4821

Ribas, Penna, 1907-1994.

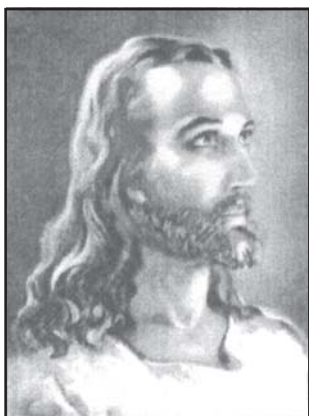
A Luz vem do Alto/Penna Ribas. - Niterói, RJ :
Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas, 1998.
192p.; il., 21 cm.

ISBN 85-86004-02-2

1. Espiritismo. I. Sociedade de Estudos e Pesquisas
Espíritas. II. Título.

CDD - 133.9

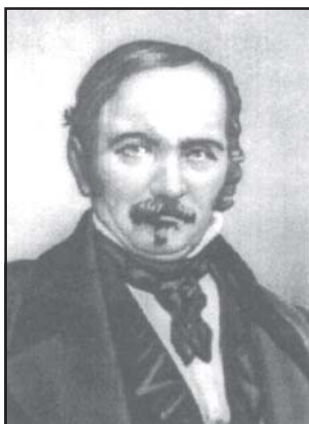
Mestre dos Mestres
Jesus de Nazaré



“Amar a Deus sobre todas as coisas
e ao próximo como a si mesmo.”

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Mestre Allan Kardec



“Um outro caráter da revelação espírita e que ressalta as condições mesmas nas quais ela se produz, é que, apoiando-se sobre os fatos, ela é e não pode deixar de ser senão essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Por sua essência, ela contrai aliança com a ciência, a qual, sendo a exposição das leis da Natureza numa certa ordem de fatos, não pode ser contrária à vontade de Deus, o autor das leis. As descobertas da ciência glorificam Deus, em lugar de O rebaixar; elas não destroem senão o que os homens edificaram sobre idéias falsas que eles fizeram de Deus.

O Espiritismo não estabelece, portanto, como princípio absoluto, senão aquilo que está demonstrado com evidência ou que ressalta logicamente da observação. Ligado a todos os ramos da economia social, aos quais empresta apoio de suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que elas sejam, elevadas ao estado de verdades práticas e saídas do domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria; deixando de ser o que é, desmentiria sua origem e sua finalidade providencial. O Espiritismo, marchando com o progresso, jamais será ultrapassado porque, se novas descobertas demonstrassem estar em erro sobre um certo ponto, ele se modificaria sobre esse ponto; se uma nova verdade se revelar, ele a aceitará.”

A Gênese — Edição Especial — Editora Lumen págs. 36 e 37.

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Mestre Léon Denis



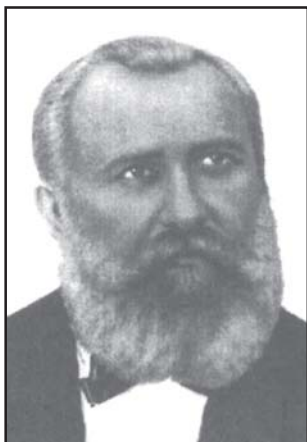
“Não vos viemos dizer que devemos ficar confinados no círculo, por mais vasto que seja, do Espiritismo kardequiano. Não; o próprio Mestre vos convida a avançar nas vias novas, a alargar a sua obra.

Estendemos as mãos a todos os inovadores, a todos os de boa vontade, a todos os que têm no coração o amor da Humanidade.”

Léon Denis — *No Invisível*
Federação Espírita Brasileira 7ª edição — pág. 4.

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Mestre Bezerra de Menezes



“O mundo tem todos os dias a prova material de que, na medida do desenvolvimento da perfectibilidade humana, descem das alturas novas e mais elevadas revelações.

O mundo, porém, não aprende, e, sempre cego, obedece fatalmente ao impulso que o leva a repelir tudo que é novo, tudo que vem substituir alguma peça do mecanismo construído por seu saber.

A revelação religiosa, do mesmo modo que a científica, tem vindo sempre progressiva, e na razão do desenvolvimento da perfectibilidade humana.”

Bezerra de Menezes — *Estudos Filosóficos*
Editora Edicel — 1ª parte — págs. 11 e 17.

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Mestre Penna Ribas



“O Cristianismo, o Espiritismo e o Neo-espiritismo são doutrinas que, em conjunto, representam três fases gradativamente aperfeiçoadas da incessante revelação divina, cuja finalidade é iluminar, com luz cada vez mais forte, a consciência moral dos Espíritos terráqueos, à medida que evoluem, quer estejam encarnados, quer estejam desencarnados, de molde a incrementar a fraternidade entre os dois planos de vida: o visível e o invisível!”

R. Penna Ribas — *Jesus de Nazaré* — como
ele foi. Como ele é. pág. 341.

PREFÁCIO

É com muita honra que respondemos ao convite para prefaciar este livro. Não é somente uma honra; é também uma responsabilidade enorme incentivar este mesmo público a reconhecer todo o conhecimento existente nas suas páginas, escritas por este honorável Mestre do Espiritismo, que dedicou sua vida à pesquisa e à elucidação dos fenômenos espíritas, à luz destes conhecimentos.

Dr. Randolpho Penna Ribas é bastante conhecido, também, por suas conferências, seminários e programas de rádio e televisão, dos quais participou.

Esta obra mostra a todos a profundidade e a amplitude de seu pensamento e de suas pesquisas, tendo, portanto, a capacidade de ser a resposta para várias perguntas que o tempo todo nos fazemos.

Ela é, obviamente, endereçada às pessoas inteligentes. É o diagnóstico de um médico das enfermidades psicológicas e sociais. Ele aponta aqui os passos que considera fundamentais para que possa haver algum futuro.

Este homem é um intelectual brilhante, guia iluminado de muitas pessoas - talvez não compreendido por alguns que lutam para impedir o mundo de se mover em direção à evolução espiritual.

Ele nos mostra que o autoconhecimento é o único caminho para o autoaperfeiçoamento. E para isso é mister descobrirmos nossas limitações, defeitos e imperfeições, e lutar-mos contra elas, para no fim da escalada da evolução, atingirmos o estado puro da alma, processo semelhante ao da pedra bruta que extraída do fundo da terra, se torna um brilhante nas mãos do lapidador. E que todo o nosso progresso depende basicamente de nós mesmos. Nós somos, portanto, os lapidadores de nossas próprias almas, os construtores de nosso próprio destino. E para sermos bem sucedidos nesse objetivo, é necessário emprendermos a maior e mais difícil batalha: nossa modificação interior.

Gandhi nos mostrou, através do seu próprio exemplo, como libertar seu povo da opressão, vencendo a batalha sem o uso da violência. Ele também nos mostrou a necessidade de sermos perseverantes, mesmo diante de todas as adversidades, para alcançarmos nossos objetivos: "Primeiro eles o ignoram, depois o ridicularizam, em seguida o combatem e por fim você os vence."

Michel Campos

Glória Maria Belém F. Campos

APRESENTAÇÃO

Este livro constitui-se da compilação de uma coletânea de palestras radiofônicas, proferidas nas extintas rádios Mundial, Guanabara e Copacabana; e, também de artigos jornalísticos publicados em jornais de grande circulação, em Niterói e no Rio de Janeiro, entre 1935 e 1980.

Alguns destes artigos foram revistos e ampliados pelo próprio autor, a fim de enriquecer e ampliar as fronteiras do Espiritismo, constituindo, posteriormente, capítulos dos livros *Caminho da Iluminação Volumes I e II*.

A SEPE - Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas - relança muitos deles neste livro, agrupando-os por assunto, de forma a facilitar a todos aqueles que desejam conhecer a Filosofia Espírita ou ampliar seus conhecimentos sobre uma sólida base.

SUMÁRIO

1. O Pior Cego é o que não quer ver!	23
2. O Preço da Verdade	29
3. O que é o Espiritismo I	35
4. O que é o Espiritismo II	41
5. O que Significa a Doutrina Espírita	47
6. Considerações sobre a Origem do Espiritismo	53
7. A Propósito da Publicação do Livro dos Espíritos	59
8. Em Defesa do Espiritismo I	64
9. Em Defesa do Espiritismo II	71
10. Pelo Progresso do Espiritismo I	77
11. Pelo Progresso do Espiritismo II	83
12. Esclarecendo os Espíritas	87
13. Falando aos Para-espíritas	91
14. O Escândalo é Necessário	95
15. Dúvidas duma Milionária	100
16. Por que a Convicção dos Espíritas é Irremovível	106
17. O Ponto Nevrálgico do Espiritismo	112
18. Espiritismo não é Exploração dos Espíritos	117
19. O Espiritismo e a "Geografia" do Outro Mundo	121
20. O Falso e o Verdadeiro Espiritismo	126
21. Espiritismo - A Religião do Futuro	132
22. Ciência e Espiritismo	137
23. Fenômenos Espíritas - a Comprovação dos Sábios	142
24. Fatos e Provas sobre o Espiritismo	149
25. A Respeito da Inseminação "In vitro"	154

26. A Pluraridade dos Mundos Habitados	160
27. Contra os Preconceitos Científicos	166
28. Da Existência da Alma	173
29. Que é o Pensamento?	179
30. Contra fatos não há Argumentos	184
31. Melhorar o Homen	189

O PIOR CEGO E O QUE NÃO QUER VER!

O mais cego dos cegos é o que, vendo, não quer ver. Há mais de um século, os espíritas vêm demonstrando, com fatos positivos e argumentos lógicos, a veracidade do Espiritismo. Mas, apesar disso, os adversários, irritados com o progresso da revelação divina, tapam os olhos à luz da verdade, ou se alapardam por trás das trincheiras de seus preconceitos. De toda forma, preferem não arrostar as provas, a fim de que possam continuar a alimentar as ilusões de suas crenças. Por isso mesmo, por mais inofensável que seja o valor do fato que se lhes apresente e por mais evidente que se torne o argumento que lhes oponha, continuam a proclamar que tudo é prodígio do subconsciente, quando não é arte de Satanás!

Todavia, como estou convencido de que, ao lado desses antagonistas, existem muitas criaturas de bom senso, que se não deixariam enredar nas malhas dos sofismas teológicos, nem se subjugariam às facciosas teorias forjadas por cientistas parciais, porquanto, aspiram a um conhecimento mais profundo acerca do destino humano, nutro a esperança de que essas palestras lhes venham a servir de estímulo para o estudo da Doutrina Espírita.

Na verdade, o que torna o Espiritismo empolgante é que, além de basear-se em fatos comprovados mercê da observação provocada, método empregado, diariamente, em vários domínios da Ciência, dá respostas racionais a numero-

sos problemas, que nenhum sistema religioso até hoje pôde solucionar satisfatoriamente. Com essas credenciais, ninguém o destruirá. E se, hoje, o Espiritismo repellido pelo preconceito humano, entra nos laboratórios universitários disfarçado com o nome de Parapsicologia, amanhã, provadas, não as hipóteses dos parapsicólogos, mas as afirmações dos espíritas, será forçosamente o farol da nova civilização, salvando a humanidade da destruição atômica, de vez que estabelecerá, definitivamente, no mundo, a verdadeira conceituação da fraternidade cristã, acabando com os preconceitos de fronteiras e de raças e inspirando a organização de um governo mundial, sem hegemonia de nações, visando a paz perpétua entre os povos e a prosperidade de todas as criaturas!

Falando para auditório heterogêneo, admito que, dentre os que me distinguem com a atenção, figuram muitos que, ingenuamente, ainda imaginam que Espiritismo é feitiçaria ou credence de senzala. Para alertá-los, vou citar algumas observações, onde poderão ver que, por trás dos fenômenos, dirigindo as manifestações, estão ocultas inteligências portentosas, detentoras de conhecimentos que sobrepõem espetacularmente a cultura dos mais sábios cientistas da atualidade!

De fato, é notório o esforço e o potencial energético mobilizado pelos modernos físicos para libertarem a energia nuclear, transformando partículas de matérias em formas de radiação. Entretanto, no campo das manifestações objetivas da mediunidade, e, particularmente, no setor das materializações e das desmaterializações, é fato de observação a facilidade com que a matéria se transmuta em radiação e a radiação em matéria - tudo sem auxílio de trituradores de átomos, “ou doutros complicadíssimos recursos da moderna tecnologia”, como se o fenômeno fosse espontaneamente provocado pela simples presença do médium. A

menos que se admita que tais médiuns sejam dotados de misteriosa radiação, capaz de desagregar, e de tornar a agregar, espontaneamente as moléculas dos corpos circunvizinhos - hipótese absurda, força é admitir que, os médiuns de efeitos físicos são possuidores de enigmáticas radiações, armazenadas misteriosamente em seus organismos, radiações essas que são utilizadas na produção dos fenômenos, pelos cientistas do Além.

Tornando o assunto mais objetivo, entro logo no terreno dos fatos. Advirto, porém, que as provas são tão numerosas e abarcam não só os casos de materialização de fantasmas e de desmaterialização de médiuns, como de materialização e desmaterialização doutros corpos animados - animais e plantas - e de corpos inanimados, como objetos domésticos.

Para simplificar, escolherei apenas alguns exemplos. Nas célebres experiências efetuadas, na Alemanha, por um grupo de professores universitários, à frente do qual se colocou, com louvável desassombro, o prof. Zoellner, conhecido astrônomo, com a colaboração de vultos eminentes da Ciência, como Webber e Fechner, o primeiro, fisiologista afamado, e o outro, filósofo e psicólogo de reputação mundial, ficou comprovado que, com a participação do Dr. Slade, médico norte-americano, voluntariamente transformado em cobaia humana, para demonstrar ao mundo científico suas faculdades mediúnicas, podiam ocorrer fatos absolutamente inexplicáveis para a Ciência do século passado, mas em cuja pista se encontram presentemente numerosos investigadores. De fato, duma feita, em presença desses reputados homens de ciência, pequena mesa de madeira foi totalmente desmaterializada e, em seguida, novamente materializada!

Doutra vez, ainda em presença de Slade, sob o controle rigoroso dos mesmos cientistas, vários moluscos ainda molhados, foram misteriosamente transportados e depositados sobre a mesa em torno da qual se sentavam o médium e os investigadores que o controlavam. Entretanto, a sala estava inteiramente isolada do mundo exterior, com todas as entradas hermeticamente fechadas. De modo que a única explicação plausível para o fenômeno é a que dá o Espiritismo: os moluscos, previamente desmaterializados, no local onde se encontravam foram, em seguida transportados, sob a forma duma radiação desconhecida, para o interior da sala, sendo então rematerializados. O mais surpreendente, porém, foi que, a despeito da tremenda reação atômica que os transformou primeiro em radiação, e depois, outra vez, em matéria, os moluscos continuaram vivos como se nada de extraordinário lhes houvesse acontecido, fato, por si só, mais maravilhoso do que a desmaterialização e a rematerialização a que foram submetidos!

E para demonstrar que tais fenômenos são, de fato, dirigidos por inteligências extraterrenas bastaria a seguinte prova: nessa mesma ocasião, com os mesmos sábios e com o mesmíssimo médium, foram transmitidas várias mensagens, pelo processo da chamada “escrita direta”, em que os autores se identificavam como antigos habitantes deste mundo. Para que se compreenda o valor dessa prova, urge atentar no seguinte: o prof. Zoellner adquiriu pessoalmente, numa loja, diversas lousas, dessas que antigamente se usavam no curso primário. Depois, tomando-as duas a duas, amarrou-as uma contra a outra, colocando, antes, entre elas, um fragmento do lápis, próprio para a escrita nessas “pedras”. Para maior segurança, selava as lousas assim ajustadas e amarradas, e, além disso, punha sua rubrica sobre o selo. Nessas condições, qualquer violação seria desmascarada. Contudo, para maior certeza, ele próprio segurava as lousas du-

rante as experiências. Pois bem, por incrível que pareça, ao terminar a reunião, rompido o selo, seccionados os atilhos e apartadas as lousas, lá estava, na superfície interna, a mensagem nitidamente escrita, como se mão invisível a houvesse traçado! Ora, como entre as lousas ficava, apenas, uma cavidade virtual, decorrente da justaposição das molduras de madeira das duas lousas estreitamente unidas, a única explicação para o fato é que as letras, em vez de escritas, foram, de fato, materializadas! E o mais interessante foi que, em certas ocasiões, terminada a experiência, escritas as mensagens, as pontas de lápis lá estavam, inteirinhas, para demonstrar aos investigadores que os autores da escrita conheciam outros processos para escreverem nas lousas. E doutras vezes, para provar a chamada “passagem da matéria através da matéria”, a ponta do lápis atravessava a espessura da lousa e caía na mão de quem a segurava. E, não obstante, as mensagens eram escritas da mesma forma!

Tudo se passava, portanto, como se os cientistas do Além quisessem provar aos sábios da Terra que a Ciência do lado de lá está mais avançada do que a do lado de cá!

Corroborando com as observações dos investigadores alemães, posso citar ainda as provas dadas por Mme. d'Espérance, sob o controle de numerosos intelectuais e, dentre eles, o próprio Aksakof, cuja réplica à obra do filósofo alemão Von Hartmann, serviu para demonstrar o elevado critério com que investigou os fenômenos espíritas. Pois bem, dentre muitos outros fenômenos, cada qual mais assombroso, era comum haver a materialização de um ou mais Espíritos, às vezes simultaneamente, permanecendo, no entanto, a médium consciente a ponto de poder, ela mesma, palestrar com Espíritos materializados à sua custa! E, às vezes, quando era maior o número de Espíritos materializados, a desmaterialização do corpo da médium era tão extensa que somente a cabeça permanecia intacta, a flutuar em pleno ar!

E dentre os Espíritos que mais freqüentemente se materializavam havia um, com a aparência de bela jovem, que dizia chamar-se Iolanda e que era uma espécie de especialista em materialização de flores. Geralmente, pedia um copo d'água, cobria-o com um pano, mantendo-o seguro com a mão, durante alguns instantes. Logo se via o pano subir, propelido por misteriosa força. E quando Iolanda descobria o copo, lá estava um galho florido, quase sempre a haste duma roseira. E o mais curioso é que a espécie de rosa ficava a critério dos assistentes. Houve, até, quem desejasse a materialização duma rosa negra! E o Espírito não se fez de rogado, materializou a exótica flor. Doutra feita, um botânico desejou a materialização duma planta originária da Índia, a *Ixora crocata*. Também, lhe foi feita a vontade. E, para maior surpresa do cientista, Iolanda materializou, também, um lírio dourado, espécie raríssima, que o especialista levou para casa, na Inglaterra, onde viveu, ainda, cerca de três meses, desmaterializando-se, depois, tão misteriosamente quanto fora materializada!

Ora, diante de fatos como estes, na verdade, uma fração desprezível em face do número arrolado nos protocolos das investigações científicas, realizadas não só na Europa como na América, fica-se atônito ao constatar que ainda há muitas pessoas cultas que imaginam que o Espiritismo é produto da ignorância ou da arte do demônio!

Sem embargo, mais do que pelos fatos que apresenta, o Espiritismo vale por sua filosofia que nos dá gloriosa concepção do homem, do Universo e de Deus!

O PREÇO DA VERDADE

Ninguém suponha que é fácil encontrar o caminho do Espiritismo. Todos os que chegaram à meta final, primeiro que se convertessem, tiveram de pagar alto preço pela luminosa revelação que receberam.

A princípio, é o sofrimento. Sofrimento moral, pela perda irreparável de um ente querido; ou sofrimento físico causado por doença misteriosa. Em suma - sofrimento que a religião não consolou ou que a Medicina não debelou...

Depois, já em contato com o Espiritismo, surgem os obstáculos de toda ordem. Primeiro, a oposição dos parentes, que, por ignorância, embora de boa fé, combatem o de que não entendem. Uns afirmam que o Espiritismo é genuíno diabolismo; outros asseveram que é credence primitiva, reminiscência da necromancia dos silvícolas... Depois, vem a pressão psicológica do grupo social. Os apodos dos adversários. As chufas dos céticos. As chalaças dos zombeteiros. Os remoques dos despeitados. O risinho de escárnio dos críticos levianos, que apontam o neófito na rua, acoimando-o de mentecapto, porque crê na manifestação dos “mortos”!

Contudo, o maior empenço não é a oposição nem a assuada dos “vivos”; o grande estorvo é a sabotagem dos “mortos”, dos Espíritos atrasados, que não desejam o aperfeiçoamento moral dos homens. Companheiros habituais das criaturas pervertidas e viciadas, sentem-se felizes em parti-

lhar com elas os prazeres terrenos. Presos à Terra por suas paixões, permanecem ligados à humanidade, numa vida semimaterial, a sugar, em autêntico vampirismo espiritual, as energias vitais de suas vítimas, mediante as quais podem conservar em seus Espíritos, as sensações carnis que tanto valorizam!

Esses, os verdadeiros inimigos do Espiritismo. Porque, a despeito de “desencarnados”, muito lhes custa renunciar aos prazeres da carne. E, todavia, sabem que o gozo de tais sensações só lhes será dado por intermédio do sistema nervoso, ou melhor, da energia vital dos centros sensoriais dos médiuns faltosos, desprovidos de proteção espiritual. Não desejam, portanto, que o homem se melhore, a fim de não perderem o controle que exercem sobre os habitantes da Terra. Para esses Espíritos atrasados, algemados, ainda, aos desejos da carne, a regeneração da humanidade seria o fim do nefasto domínio que exercem. Ora, a Filosofia Espírita, por seu poder de modificar o homem, transformando criaturas crivadas de defeitos, em pessoas honestas, sensatas e caridosas, constitui, de fato, grave obstáculo aos desígnios dos Espíritos inferiores, interessados em utilizar os indivíduos displicentes e gozadores como instrumento para a satisfação de sensações adstritas ao corpo carnal. Assim sendo, é natural que os piores inimigos do Espiritismo estejam do lado de lá, nos planos espirituais mais próximos de nosso planeta.

E não se diga que são inimigos esporádicos, que arremetem em ataques fortuitos. Muito ao contrário. São terríveis adversários do bem, solidamente organizados em aguerridas falanges, chefiadas por Espíritos altamente inteligentes, que ocuparam, não raro, elevados postos na Terra, e, fracassados espiritualmente, longe de se humilharem perante à justiça divina, revoltam-se contra o destino e arvoram-se em líderes da maldade, aproveitando-se do subjugante

magnetismo que possuem. Enquanto não se regeneram, equiparam-se aos demônios inventados pela Teologia. E, conquanto não estejam votados eternamente ao mal, o sofrimento que podem causar às criaturas erradas é, de fato, muito cruciante. Isso é fato sabido por todos que têm estado em contato com os habitantes do Além, quer sejam espíritas ou não. Não é, pois, para admirar que, excitando a ira dos que não querem o aperfeiçoamento da humanidade, o Espiritismo, como regenerador de almas que é, seja sobretudo visado pelos Espíritos atrasados. E disso mesmo logo se certifica o principiante, em face do combate surdo ou ostensivo, que, desde o início, é obrigado a enfrentar. Bem intencionado, e, portanto, bem protegido, os Espíritos inferiores não o podem atingir diretamente. Não obstante, valem-se dos médiuns faltosos, para alvejá-lo indiretamente. Assim - se é dia de sessão, dia, portanto, em que deve evitar contrariedades e esgotamento físico, a fim de não prejudicar, à noite, durante a reunião, o trabalho dos Protetores a realizar-se no fluido vital de seu perispírito, campo de força onde reside o mistério da vida, se é dia de sessão, repito, mil oportunidades se lhe deparam para irritá-lo a atrasá-lo. No emprego, aparece, sempre, um companheiro a criar-lhe um problema, que o emocione ou que o retarde. Emocionado ou angustiado pela dúvida de perder a sessão, de toda forma, o estado vibratório de seu perispírito estará incompatível com a radiação suave e luminosa dos Protetores, e, destarte, pouco lucrará na reunião, a menos que logre, por um esforço sobre-humano, restabelecer o autodomínio.

Outras vezes, o elemento para o traçoeiro assédio está dentro de casa: é, por exemplo, a cozinheira, que, no dia, retarda o jantar, dificultando a ida à sessão. Outras vezes, o médium faltoso está na rua, obstruindo o trânsito ou dentro do ônibus, provocando brigas... Enfim, de mil modos,

os Espíritos atrasados procuram prejudicar o indivíduo, que, tangido pela dor, começa a aproximar-se do Espiritismo, sequioso de consolo e de esclarecimento, acerca dos mistérios do destino humano. Sem embargo, se houver pertinácia, tudo será superado. O essencial é não esmorecer e colocar, acima de tudo, a voz da própria consciência, menosprezando as opiniões e os preconceitos alheios. O Espiritismo é tão lógico na teoria e tão convincente na prática, que, para aceitá-lo como filosofia de vida, basta ter personalidade, sobretudo caráter e amor à verdade. Os que sobrepõem às provas e aos dados da razão, os interesses pessoais e as conveniências sociais, esses jamais serão verdadeiros espíritas, ainda que permaneçam a vida toda a frequentar sessões. Na melhor das hipóteses, serão admiradores do Espiritismo. Na maioria dos casos, porém, são simples exploradores da bondade dos Espíritos protetores. Aparentam convicção na esperança de conquistar a simpatia dos Guias espirituais para a solução de seus problemas. Problemas materiais ou sentimentais - fique bem entendido. Mesmo assim, quando são justas as pretensões, conseguem, muitas vezes, a benéfica interferência de Espíritos indulgentes...

Todavia, os que procedem dessa forma, ainda que se demorem longos anos no caridoso aconchego do Espiritismo, não pretendem palmilhar o alcantilado caminho que os conduziria à fulgurante revelação espírita! Preferem permanecer no átrio, indiferentes à luz do tabernáculo. Mas, um dia, na vida espiritual, talvez acordem cegos; porque, na Terra, estiveram face a face com a verdade e não na quiseram ver; ou porque, vendo-a, acharam-na muito forte e, por isso, colocaram-na sob o alqueire...

Espíritas verdadeiros serão apenas aqueles que, depois de arrostarem todos os óbices, depois de enfrentarem todos os preconceitos, depois de resistirem a todas as opiniões

levianas, e acrimoniosas, impregnaram-se, finalmente, da essência da moral espírita, adotando-a como norma de vida. E aí principia o maior obstáculo, aquele que sobrepujará todas as barreiras já vencidas, porque foi erigido pelos seus mais temíveis inimigos - as suas próprias imperfeições, as suas mazelas morais, os seus vícios inconfessáveis...

Doutrina profundamente consoladora, pela certeza que nos dá da sobrevivência, pela bondade do Criador que nos revela e pela justiça que nos mostra na aparente injustiça dos destinos humanos, nem por isso o Espiritismo deixa de nos descortinar a tremenda responsabilidade de nossos atos e, até, de nossos pensamentos, com vistas à construção de nossa felicidade futura, nos planos do Além. De modo que, em última análise, o pior inimigo está dentro de nós mesmos - é a nossa própria deficiência, a nossa fraqueza moral, a nossa tendência ao erro, a nossa vocação ao mal. Vencido este inimigo, aberto estará o roteiro para a conquista de todos os louros que a Filosofia Espírita nos pode dar, transformando-nos, de criaturas sofredoras e inseguras do próprio futuro, em adeptos otimistas, que lutam com denodo contra as próprias insuficiências, vencendo as paixões e dominando os instintos, com a determinação de quem tem a consciência de estar plasmando a própria felicidade - felicidade, que, indefectivelmente, desfrutará nas próximas encarnações! E só o otimismo e a paz de consciência que a Filosofia Espírita assegura ao adepto, só isso, já compensa todo sacrifício que, porventura, se faça, para praticá-la religiosamente. Por conseguinte, se você, meu irmão, está torturado pela dor, e se, em sua religião ou em seu ceticismo, não encontra explicação e consolo para seus males, por que hesita ainda em aproximar-se do Espiritismo, a filosofia do futuro, aquela que alia a religião à Ciência, satisfazendo às exigências da razão e atendendo às necessidades do coração? E você, minha irmã, alma sensível, massacrada pelas

iniquidades da sorte, iniquidades que sua religião, fria, dogmática e anticientífica, não sabe explicar, por que teme você o contato com o Espiritismo, o herdeiro do legítimo cristianismo, difundido na Terra por emissários de Jesus, para a consolação dos aflitos e para a confraternização de todos os povos? Por que, meus irmãos, essa hesitação e esse temor? O caminho é árduo, não nego; mas a grandeza da Doutrina Espírita compensa o sacrifício... De resto, nestes dias de inflação moral e de subversão de valores, é justo que seja muito alto o preço da verdade!

O QUE É O ESPIRITISMO I

Por incrível que pareça, há muitas pessoas - e pessoas cultas - que só de ouvirem falar em Espiritismo já se arrepiam de pavor. É que, mal orientadas por capciosa catequese, essas criaturas imaginam, ingenuamente, que o Espiritismo é pacto com o demônio ou genuína feitiçaria!

Entretanto, para provar que o Espiritismo não é conluio com o Diabo, basta dizer que os autores intelectuais da Doutrina Espírita, os Espíritos instrutores que guiaram Allan Kardec na codificação do Espiritismo, esses, sempre afirmaram que o Evangelho é o caminho e que Jesus é o Mestre dos Mestres.

Ora, para admitirmos, como certos teólogos, que os ensinamentos espíritas “são da lavra de Satanás”, teríamos de aceitar, primeiramente, uma dessas duas hipóteses: ou que Belzebu se converteu ao Evangelho e, como discípulo, regenerado e arrependido, segue Jesus - fato que se não coaduna com a ortodoxia; ou que Jesus e o Evangelho são, ambos, roteiros de perdição, que, ao invés de nos salvarem, induzem-nos ao erro, transformando-nos em presa do Maligno - fato que se harmoniza muito menos ainda com os dogmas religiosos dos próprios acusadores do Espiritismo!

Afastada, liminarmente, a hipótese de ser o Espiritismo maquinação do demo, de vez que nem o imaginário Satanás teológico pode converter-se ao cristianismo, nem Jesus pode servir de instrumento aos desígnios do demônio, vejamos

agora, depois dessa prévia explicação, quando os escrúpulos de consciência de certos radiouvintes já foram satisfeitos, o que é, realmente, o Espiritismo.

Sintetizando, como o exige o momento, podemos condensar os sublimes conhecimentos que o Espiritismo nos revela, dizendo, simplesmente, que o Espiritismo é uma filosofia religiosa, baseada em fatos experimentalmente comprovados por métodos científicos, que, alia, por conseguinte, a religião à Ciência, e que tem, como princípios basilares, os seguintes postulados: 1 - Existência de Deus - princípio criador, organizador e mantenedor do Universo; 2 - Existência da alma ou espírito - sede das faculdades morais e intelectuais; 3 - Existência do corpo espiritual ou perispírito, composto de matéria desconhecida, instrumento de ligação entre o espírito e o corpo carnal, detentor do fluido vital que anima a vida dos seres vivos e princípio diretor de todos os fenômenos físico-químicos intracelulares. Este corpo espiritual, também denominado fantasma dos vivos, está irrecusavelmente comprovado não só pelas investigações dos cientistas da Society for Psychical Research, de Londres, como por muitos outros pesquisadores, que, dentre outras provas materiais, obtiveram fotografias decisivas; 4 - Imortalidade da alma, aí compreendida a preexistência, a sobrevivência e, como decorrência lógica, a pluri-vidência do Espírito; 5 - A palingenesia, as vidas sucessivas ou as reencarnações do Espírito, que, criado inocente e ignorante, deverá evoluir, até conquistar a perfeição, e, com ela a felicidade eterna, por meio de inúmeras vidas, moralmente solidárias entre si, não só neste planeta como em tantos outros quantos necessários, tomando, para isso, um corpo adequado ao mundo em que vai viver, e atravessando, nas vidas consecutivas, as mais diversas situações sociais, a fim de adquirir, através dessa múltipla e longa experiência individual, as qualidades morais e intelectuais indis-

pensáveis ao ingresso nos planos de felicidade; 6 - A pluralidade de mundos habitados ou a obrigatoriedade da encarnação em diversos mundos, verdadeiras escolas para o Espírito - onde a disparidade de condições contribuirá para o enriquecimento da experiência pessoal, acelerando o aperfeiçoamento de cada Espírito, dando-lhe todas as oportunidades de exercitar suas faculdades, em benefício próprio, usando, para isso, o relativo arbítrio que lhe é concedido; 7 - Existência duma lei de causalidade moral, que, tornando solidárias entre si as diversas vidas sucessivas de cada Espírito, governa seu destino, fazendo reverter sobre ele, indefectivelmente, as conseqüências inalienáveis dos seus méritos e dos seus deméritos, de tal sorte que cada qual se torna responsável direto por seu próprio destino, quaisquer que sejam suas convicções filosóficas ou religiosas; 8 - Existência de um Mundo Espiritual, movimentado por antigos habitantes da Terra, que interferem, incessantemente, na vida deste planeta, ora, discretamente, através das intuições e dos pressentimentos, orientando ou desorientando as criaturas terrenas, de acordo com os seus sentimentos e com as intenções dos Espíritos desencarnados, que, delas se aproximam, seja durante o dia, no estado de vigília, seja durante a noite, no sono normal, por intermédio dos sonhos proféticos ou premonitórios, ou por meio dos pesadelos, se o Espírito é inimigo, ora, ostensivamente, através das manifestações supranormais dos médiuns; 9 - Existência da mediunidade, considerada, não como estigma degenerativo, mas, muito ao contrário, como sinal de evolução biológica, e indício de desenvolvimento de novas faculdades psicológicas, que, no futuro, porão a humanidade inteira em contacto com o Mundo Espiritual, liquidando, definitivamente, o materialismo ateu; e que, no presente, obriga a todos os médiuns, Espíritos sobrecarregados durante a vida terrena com os compromissos assumidos, antes de en-

carnarem, no Mundo Espiritual, e cujas faculdades não podem deixar de exercitar, em benefício próprio, a menos que se queiram arriscar a graves desequilíbrios mentais, com dolorosa repercussão na vida além túmulo; 10 - E, finalmente, para encerrar a modesta síntese dos postulados básicos da Filosofia Espírita, e como decorrência imediata dos princípios aqui formulados, a existência de doenças por influência espiritual, ou seja, por sugestão telepática, propositadamente transmitida, ocasionadas por Espíritos de maus sentimentos e, de qualquer forma, prejudicados na atual ou em anterior existência, pelo médium do qual se aproximaram, com desejo de vingança ou de reparação - doenças que podem ser, também, sugeridas durante o sono normal, por entidades desencarnadas, e que se manifestam à maneira de *sugestões post-hipnóticas*, rapidamente curáveis pelo Espiritismo e pelo Hipnotismo, mas que dificilmente encontrariam lenitivo na terapêutica oficial...

É quase certo que, para a imensa maioria dos que me dão a honra de ouvir-me neste momento, muita coisa aqui afirmada poderá parecer pura especulação, estribada em hipóteses absurdas, algumas inteiramente superadas pela Ciência, sobretudo pela Medicina, e, em particular, pela Psiquiatria.

Todavia, se me derdes o privilégio de continuardes a escutar essas singelas palestras, que, com serem dirigidas a auditório heterogêneo, me obrigam a não descer a certas minúcias, espero que, nas próximas doutrinações, a pouco e pouco, possa demonstrar-vos que o Espiritismo é assunto muito mais sério do que geralmente se imagina, e que, até hoje não houve filosofia nenhuma, e, particularmente, filosofia religiosa, que se escorasse sobre tão vasto acervo de fatos, rigorosamente comprovados, quanto o Espiritismo.

Antes de tudo, porém, necessário se torna afastar a crença perniciosíssima de que o Espiritismo determina a loucura. Os próprios médicos que afirmam essa revoltante injustiça confundem, lamentavelmente, fenômenos mediúnicos com Espiritismo, que é como se viu uma filosofia religiosa, e não, apenas, a prática da comunicação com os mortos. Comunicar-se com os mortos, comunicam-se todos os indivíduos que são médiuns, sejam eles espíritas ou não, pois, desde os tempos mais primitivos, conforme comprovam desenhos e inscrições milenários, sempre houve indivíduos dotados de faculdades supranormais ou mediúnicas, que, como sacerdotes, profetas, hierofantes, pitonisas, pajés, “pais-de-santo” etc., entraram em contato com os Espíritos, ora sendo por eles beneficiados, ora gravemente prejudicados, inclusive na saúde, como foi o caso bíblico de Saul, e, no entanto, naquela época, nem se sonhava de codificar a Doutrina Espírita!

Ao contrário: o Espiritismo, filosofia admiravelmente consoladora, que abre ao espírito humano novas perspectivas, deixando-o entrever o futuro glorioso que o aguarda; que lhe dá absoluta certeza de que a morte é mera ilusão, pois o corpo é, apenas, a roupa, enquanto o Espírito é tudo; que lhe explica a desigualdade dos destinos, conciliando os infinitos poderes de Deus com a situação aparentemente injusta e realmente torturante da criatura terrena; que justifica o sofrimento, não por pecado hereditário - injustiça clamorosa - mas pelas faltas do passado e pelas fraquezas do presente do próprio Espírito, que está a sentir, na carne, as conseqüências de suas iniquidades, mas que, em compensação, sabe, de certeza certa, que a dor é corretiva, que o castigo é efêmero, durando, tão-somente, o tempo necessário à sua regeneração, pois a finalidade é a salvação e não a perdição, e, por isso, nega o tormento eterno, que só se justificaria por odiosa vingança, porque não teria nenhum obje-

tivo. Uma filosofia, que dá ao homem coragem para lutar, força para sofrer, resignação para esperar e estímulo para aperfeiçoar-se, pela certeza de que ninguém padece sem motivo justo, nem se salva por uma graça iníqua, ou pelo sangue de um justo, mas, exclusivamente, pelo próprio merecimento, de acordo com uma lei de justiça universal, perante à qual são absolutamente iguais todas as criaturas de Deus; uma filosofia de tanta beleza moral e de tanto esclarecimento espiritual, uma filosofia assim, senhores ouvintes, nunca, jamais, poderia servir de roteiro para o hospício, nem de instrumento de degradação, uma filosofia assim é, isso sim, fulgurante farol a nos clarear, entre impérvias e traiçoeiras veredas, a estrada maravilhosa que nos levará, um dia, contritos e deslumbrados, à sacrossanta presença de Deus!

O QUE É O ESPIRITISMO II

Codificada há mais de um século, a Doutrina Espírita, pelo temor de uns e pela displicência de outros, continua ignorada por muitos e deturpada por grande número de compatriotas. Daí a lamentável mixórdia, que, com nome de “Espiritismo”, se observa em certos ambientes e que dão ensanchas aos vitupérios de iracundos adversários.

Aproveito, pois, a oportunidade para dirimir certas dúvidas, focalizando, em rápida síntese, os pontos cardeais da Doutrina dos Espíritos, conforme a denominou Allan Kardec.

Em se tratando duma filosofia religiosa, o primeiro postulado do Espiritismo não poderia deixar de ser a existência de Deus. Não de um Deus antropomórfico, de aparência humana e dotado de qualidades e defeitos peculiares às criaturas terrenas, mas de um Deus perfeito, sábio e justo, que longe de ser objeto de nosso temor é alvo de nosso amor. Inteligência suprema e supremo poder, Deus, criador, organizador e mantenedor do Universo, se nos revela através da infinita sabedoria com que rege a natureza e se nos manifesta por intermédio da sábia justiça com que preside nossos destinos.

Donde se infere que, ao contrário do que acontece na maioria das religiões, a Doutrina Espírita nos dá gloriosa conceituação a respeito do Criador.

Aceito este princípio, passo agora, ao postulado imediato: a existência da alma. Ainda aqui, o Espiritismo se afasta da maioria das religiões, que, escoradas em pretensas revelações, admitem a alma como princípio de fé, questão dogmática, fechada à razão. Contrapondo-se a essa atitude de impor à força, pelo respeito à autoridade - (*magister dixit!*) - aquilo que se quer provar, o Espiritismo comprova, com fatos de observação, a existência da alma ou Espírito, princípio imortal do homem. Para isso, vale-se de duas categorias de fatos, que, mutuamente se confirmam, provando a independência que existe entre o Espírito e a matéria, embora, normalmente, matéria e Espírito funcionem como um todo psicossomático indissociável. Refiro-me aos fatos anímicos, que dizem respeito ao Espírito encarnado e aos fatos espíritas, que se referem ao Espírito desencarnado. No que toca os fatos anímicos estão cientificamente comprovados mercê das investigações da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, de Londres, mundialmente afamada. E pouco importa que, dentre seus membros, alguns cientistas, para não renunciarem às suas convicções religiosas ou para evitarem polêmicas estéreis, hajam escapado pela tangente, aventando hipóteses que fogem à realidade dos fatos. O que importa é que, do meticuloso trabalho realizado pela conceituada sociedade londrina, ficou demonstrada, nos seres humanos, a existência de um duplo etéreo ou corpo espiritual, o perispírito de Allan Kardec, sede do Espírito e, por conseqüência, da consciência e das faculdades superiores do Espírito, que, em determinadas condições, pode desprender-se do corpo carnal, transportar-se a distância e, até, provar, objetivamente, essa transcendental exteriorização. Dentre as provas coligidas por sábios, quase todos infensos à tese espírita, posso citar a máscara de Eusápia Paladino, a célebre napolitana, cuja mediunidade fora comprovada por mais de cinqüenta cientistas europeus. Retida numa cadei-

ra, sob o controle de vários cientistas, o duplo da médium pôde desprender-se do corpo físico, e, semimaterializado, imprimir, na argila úmida, adrede preparada, e colocada a distância, da médium, artística máscara facial, onde se viam estereotipadas até as contraturas musculares observadas em sua fisionomia, durante a produção do fenômeno!

Como se vê, já não se trata de fenômeno subjetivo, atribuível à alucinação - é prova material, documento irrecusável, que, sobre comprovar a existência do corpo espiritual, demonstra que, ainda em vida, o Espírito já se pode libertar e agir independentemente do corpo material, razão não havendo, por conseguinte, para não sobreviver à morte do corpo carnal.

E, na verdade, independentemente do transe profundo, como ocorreu no caso de Eusápia, criaturas há cujo duplo se desprende com freqüência e com grande facilidade. Haja vista o que sucedia com Mademoiselle Sagée, modesta professora francesa, repudiada do magistério por causa de suas faculdades. Estivesse ela na aula, no jardim ou em seu próprio quarto, com tamanha facilidade desprendia-se-lhe o duplo, com tal freqüência via-se-lhe o corpo espiritual ao lado ou a distância do corpo físico, e tantas vezes assustou as educandas que se vira despedida de quatro educandários consecutivamente. E - note-se - no caso de Mlle. Sagée, o “duplo” fora visto, simultaneamente, por várias jovens, não sendo cabível, por conseguinte, a hipótese de alucinação, tão ao sabor dos céticos. Muito menos aceitável seria uma alucinação coletiva, hipótese absurda, que elimina o valor do testemunho humano, e, por consequência, nega a existência da própria história da civilização. De fato, se a prova testemunhal, mesmo quando baseada no depoimento de numerosas pessoas, deve ser tida em conta de alucinação coletiva, então já não sabemos se devemos, ou não, acreditar na existência de Alexandre, de Cleópatra, de Napoleão, de Sócrates, de Kant e, até, do próprio Jesus!

Sejamos, pois, razoáveis: não há como negar os inúmeros desdobramentos de Mlle. Sagée. E, aceito o desdobramento, comprovada a libertação momentânea do corpo espiritual, sem prejuízo dos mais elevados atributos do Espírito, estabelecida fica a independência entre a alma e o corpo, não havendo razão, portanto, para que a alma não sobreviva à morte do corpo.

De resto, a independência da alma pode demonstrar-se, também, experimentalmente, com auxílio de hipnotismo. Em hipnose profunda, sobretudo quando é potente a radiação magnética do hipnotizador, pode obter-se a exteriorização do “duplo” do sensitivo, exteriorização essa observada pelos videntes e confirmada pela prova fotográfica!

Portanto, quando a Doutrina Espírita afirma a existência da alma, não se estriba num ato de fé - baseia-se em provas irrecusáveis, obtidas quer nos desdobramentos espontâneos, quer nos desdobramentos provocados, - os primeiros, observados no êxtase místico ou no transe mediúnico; os outros, verificados no “estado de hipnose”. Em conclusão: o espírita não crê na existência da alma - o espírita sabe da existência da alma!

E admitindo provada a existência da alma, passo a outro postulado fundamental da doutrina - a sobrevivência da alma. Também aqui, o Espiritismo não se cinge a uma vaga crença - chega à certeza. Parte dos fatos, da hipótese de trabalho, da observação provocada, até chegar à contra-experiência. Depois, conclui por indução. O próprio desprendimento do “duplo”, ou seja, do Espírito, envolvido no perispírito, durante a vida terrena demonstrando sua independência do corpo carnal, já seria forte argumento a favor da sobrevivência. Sem embargo, a prova decisiva está na materialização dos Espíritos, acompanhada de insofismável identificação de antigos habitantes deste planeta - fato já comprovado nos países mais civilizados da Europa e da

América, desde o segundo quartel do século passado. E comprovado não por simples diletantes, mas por verdadeiros sábios, consagrados em diversos ramos da Ciência, e que, em conjunto, constituem a mais brilhante equipe de cientistas que até hoje investigou em qualquer setor da natureza. E, se nem todos aderiram à concepção spiritista, a verdade é que, em tese, nenhum deles pôde apresentar qualquer teoria capaz de substituir a Doutrina Espírita na explicação dos fenômenos. De modo que, em última análise, prevalece a teoria espírita, com a certeza da sobrevivência da alma. E, com essa certeza, entro no último postulado, que, pela angústia de tempo, só poderei analisar sucintamente, - a pluralidade de vidas, ou seja - a lei da reencarnação.

Partindo da desigualdade dos Espíritos, patente na diversidade dos predicados espirituais e dos valores morais observados entre os homens, e baseada na convicção de que Deus não pode ser injusto, a Doutrina Espírita afirma que, antes de encarnarem, os Espíritos já existiam e já haviam adquirido as qualidades que entre si os distinguem. Caso contrário, o Criador seria arbitrário e faccioso - o que é blasfêmia. Ora, se, antes de tomarem um corpo carnal, os Espíritos já viviam livremente no Além, é evidente que, regressando, com a morte, ao Mundo Espiritual, nada poderia impedir que novamente voltassem à Terra, em outras encarnações. Na verdade, a própria preexistência da alma, serve de argumento a favor da lei da reencarnação. De resto, sem a reencarnação é impossível conciliar a bondade do Criador com a chocante desigualdade dos destinos humanos. Solucionando o problema, a Filosofia Espírita admite que os Espíritos foram criados exatamente iguais: partiram da ignorância e da inocência, e, dotados de relativo arbítrio, foram, lentamente, conquistando experiências e valores, através de vários planos e de múltiplas vidas, até alcança-

rem a Terra, onde prosseguirão encarnando enquanto não merecerem mundo melhor. Saindo deste planeta, a evolução continuará noutros mundos gradativamente mais aperfeiçoados, onde a vida é cada vez mais feliz, até alcançarem a perfeição e, com ela, a suprema felicidade. Essa evolução está, entretanto, governada por sábia lei de causalidade moral. Todos os atos e pensamentos, automaticamente gravados no perispírito, refletem sobre o Espírito que os praticou ou que os emitiu. Cada Espírito se torna, assim, arquiteto de seu próprio destino. Todo mérito é motivo de prazer e caminho de progresso; todo demérito, ao contrário, é fonte de sofrimento e razão para estacionamento. Todavia, ninguém herda “pecados”, nem se salva por graça especial. Se há herança, é fruto daquilo que cada Espírito acumulou em vidas anteriores e que conserva no subconsciente - produto da sementeira que semeou - nunca erros ancestrais, com os quais nada tem de comum, pois como Espírito eterno, proveio de Deus e não de Adão!

Em conclusão: provando a sobrevivência, o Espiritismo extingue o temor da morte, suavizando a vida; demonstrando a comunicação dos Espíritos, torna menos cruel a separação dos entes amados que partiram para o Além; colocando em nossas próprias mãos a construção de nossa felicidade, dá-nos estímulos para lutar contra nossas deficiências, de vez que afasta de nossa frente o espantoso das faltas irremissíveis e dos castigos eternos; mostrando-nos, em suma, um Deus benevolente, cuja justiça se inspira no amor, infunde-nos serenidade e otimismo e dá-nos confiança para lutar em prol de nossa perfeição. Numa palavra: o Espiritismo, pelo realismo dos fenômenos e pela grandiosidade de sua filosofia é o farol que, futuramente, iluminará a nova civilização - civilização decalcada no amor fraterno e na cooperação internacional de todos os povos, para a felicidade da humanidade e para a glória dos emissários de Deus, que há mais de um século vêm lutando heroicamente pela implantação da nova revelação divina!

O QUE SIGNIFICA A DOUTRINA ESPÍRITA

A Doutrina Espírita não é criação de Allan Kardec. Embora não se possa menosprezar o trabalho interpretativo do genial fundador do Espiritismo, a verdade é que a substância da filosofia, proveio do plano espiritual.

Aliás, desde as épocas mais primitivas, à medida que a civilização progredia, crescente revelação foi sendo esparzida sobre as criaturas terrenas, quer no campo da Ciência, através dos descobridores, quer no domínio das religiões, através dos “iniciados”. Nessas condições, mercê da intuição dos sábios e da mediunidade dos místicos, dia-a-dia, ampliaram-se nossas concepções relativas ao Criador e ao Universo.

Todavia, o Espiritismo, queiram ou não os que o combatem, marcou nova fase no longo curso da revelação divina. Até sua aparição, toda revelação teve caráter pessoal. Qualquer religião, por mais antiga que seja, foi obra de um missionário de Deus. O Bramanismo, o Budismo, o Masdeísmo, o Islamismo, o Judaísmo, o próprio Cristianismo, originaram-se de revelações divinas transmitidas à Terra por um profeta, isto é, por um médium. Com o Espiritismo, porém, a coisa foi diferente. Não dependeu de um missionário somente. A revelação jorrou por toda parte. Numerosas nações da América e da Europa, exatamente as mais civilizadas, foram por ela contempladas. Centenas de médiuns, pertencentes às mais díspares religiões, começaram a receber,

inesperadamente, significativas mensagens, alertando a humanidade para uma verdade maior. Apresentando-se em nome de Deus e como mensageiros de Jesus, Espíritos abnegados iniciaram, simultaneamente, em diversos países, notável trabalho de catequese. Ao mesmo passo, forneceram, por intermédio de diversos médiuns, os elementos necessários para que Allan Kardec, já consagrado como pedagogo, pudesse colocar-se à vanguarda do movimento, tornando-se o mais notável colaborador de Jesus na ingente tarefa de restabelecer o verdadeiro sentido dos ensinamentos do glorioso profeta da Galiléia, revoltantemente assassinado, antes que sua doutrina estivesse solidamente radicada no coração dos homens. Tanto assim que, para salvar o pouco que se salvou de suas pregações, antes que os discípulos se dispersassem, apavorados com a cruel condenação do Mestre, Jesus teve de lutar muito, depois de desencarnado, manifestando-se a várias pessoas, inclusive, completamente materializado, aos próprios apóstolos, já em risco de se deixarem dominar pelo ceticismo de Tomé!

De modo que, no que concerne a Jesus, podemos dizer que ele foi portador não duma, mas de três revelações consecutivas: a primeira quando encarnado; a segunda logo depois de desencarnado e a terceira, quase 2 milênios mais tarde, por meio do Espiritismo, através dos ensinamentos complementares, trazidos por seus enviados.

Como se infere, a Doutrina Espírita supera os anteriores ensinamentos de Jesus, não só porque perdeu o cunho de revelação pessoal, tornando-se revelação de equipe, confirmada em toda parte, por numerosos Mensageiros do Mundo Espiritual, através de médiuns pertencentes às mais diferentes crenças, como, também, porque, agora, graças à liberdade de consciência religiosa, a verdade pode ser proclamada claramente, sem os riscos que cercaram as pregações do Nazareno e que o levaram, a despeito de todas as cautelas, inclusive do emprego de linguagem parabólica, ao martírio do calvário!

Partindo, embora, dessas premissas, ninguém julgue, no entanto, que o Espiritismo é uma religião como outra qualquer, condenada a permanecer estagnada sob a pressão de conceitos dogmáticos. Ao contrário. Aliada à Ciência, cujos métodos de investigação adota, a Filosofia Espírita é essencialmente dinâmica, evoluindo paralelamente com os conhecimentos humanos.

Todavia, pelo fato de ser evolutiva e, por conseqüência, sujeita a ampliações, e a retificações, à medida que os homens se desenvolvem espiritualmente, nem por isso deixa de ser autêntica, já que seus ensinamentos assumem caráter universal, promanando de várias fontes, todas se confirmando mutuamente, de tal modo que, no conjunto, constituem o maior, e o melhor, repositório de verdades divinas até hoje transmitidas às criaturas terrenas!

De qualquer forma, porém, os fatos que servem de base à doutrina são submetidos, sistematicamente, à crítica científica, conforme preconizou seu venerável codificador.

O espírita não é, portanto, um fanático; é um convicto. Fanático seria se aceitasse tudo o que lhe dizem os Espíritos, acreditando cegamente em afirmações contrárias à razão. Convicto é, com efeito, porque, partindo da dúvida, mediante à observação dos fatos, chega, por via indutiva ou dedutiva, à certeza da realidade. Por isso mesmo, posto que pareça paradoxo, a fé do verdadeiro espírita é, em última análise, uma conclusão lógica.

Entretanto, exatamente porque empresta grande valor aos ensinamentos transmitidos do Além, o espírita não pode deixar de ser rigoroso na apuração dos fatos. Antes que aceite a origem espiritual da mensagem, o espírita, cioso da integridade da doutrina, procura afastar, uma a uma, todas as hipóteses que, fora do Espiritismo, poderiam explicar os fenômenos observados. De modo que, somente quando não há nenhuma hipótese que explique melhor o fato, é que o

espírita passa a considerá-lo proveniente do Mundo Espiritual, emprestando-lhe, não obstante, relativo valor; pois, qualquer que seja o teor da comunicação, ela traduzirá, tão-somente, o ponto de vista do Espírito que a deu, valendo, apenas, como opinião individual, compatível com a evolução, e, por conseguinte, com o plano espiritual em que se encontra o autor da mensagem.

Sabido que, em comunicação com nosso planeta, existem, no Mundo Espiritual, Espíritos que se encontram nos mais diversos graus de evolução, claro é que o conteúdo das mensagens deverá ser muito variável, não só quanto ao valor literário como quanto ao valor doutrinário.

O que é inegável, porém, é que mensagens existem de cuja origem não se pode duvidar. Darei exemplo; colhido, ao acaso, dentre muitos outros, em *Nos Umbrais do Além*, cujo autor, William Barrett, sobre ter sido professor de Física na Universidade de Dublin, foi membro da Royal Society, onde só ingressam verdadeiros sábios.

Dedicando-se, durante vários anos, à investigação da fenomenologia espírita, o prof. Barrett idealizou vários processos para evitar as causas de erro.

Como a escrita automática, mais conhecida por psicografia, dá aos críticos a impressão de que, quando a mensagem não é propositadamente fingida, é criação do subconsciente do médium, o mestre inglês empregou, de preferência, o processo da prancheta. Aliás, foi o meio pelo qual Allan Kardec recebeu as primeiras mensagens. Consiste numa pequena tábua triangular, munida de três pés, à qual se amarra um lápis. O médium apenas a toca, de leve, com as extremidades digitais. A prancheta, em seguida, principia a escrever a “comunicação”. A fraude é mais difícil do que na psicografia. Sobretudo quando dois ou mais médiuns estão encostando os dedos na prancheta; porque, neste caso, a escrita exigiria, não só prévia combinação, das frases a escrever, como fantástica coordenação dos movimentos musculares!

Contudo, o prof. Barrett aperfeiçoou o processo, dificultando ainda mais a mistificação. De resto, com o emprego de máscaras, que vedavam totalmente a visão dos médiums, o cientista tornou a fraude absolutamente impossível. Nada obstante, decisivas provas da sobrevivência da alma se lhe apresentaram. Eis uma delas: com a participação de, apenas, duas jovens da sociedade inglesa, ambas filhas de médico, foi transmitida, pela prancheta sob a fiscalização do professor, uma mensagem cujo autor se dizia o primo duma das moças, oficial do exército francês, que morrera um mês antes, no front. Dentre outras coisas recomendou ele: “Diga à minha mãe que dê o meu alfinete de gravata com cabeça de pérola àquela que eu devia esposar.”

Como ninguém sabia nada a respeito desse noivado o Espírito deu, em seguida, o nome, o sobrenome e o endereço de sua ex-noiva. Não obstante, a carta enviada à noiva, foi devolvida, com a anotação de que, no endereço, a moça era desconhecida! Tudo dizia, portanto, que a mensagem era apócrifa. Entretanto, não era. A prova apareceu seis meses mais tarde, quando o Ministério da Guerra mandou abrir a bagagem do oficial. Lá estava o testamento, onde ele se referia à noiva, cujo nome coincidia, exatamente, com o da mensagem da prancheta! Ainda mais - dentre os pertences do oficial, figurava o alfinete de gravata de cabeça de pérola!

Ora, por incrível que pareça, este noivado, contraído em Londres, antes da partida do oficial para o front, na França, foi mantido em segredo: ninguém da família sabia do caso. Muito menos a prima, que recebeu a mensagem. Somente com a morte do oficial, o noivado veio à baila - primeiro pela mensagem mediúnica; depois pelo testamento. Como se vê, fraude não houve, porque, embora a noiva não fosse encontrada - coisa muito explicável numa época de guerra, quando ninguém tem residência fixa, - o testamento do ofi-

cial não deixou margem a qualquer dúvida. Telepatia também não foi, porque ninguém sabia do caso: nem as moças, nem o prof. Barrett, nem parente nenhum do oficial. Logo, não podia ser telepatia. Criação do subconsciente dos médiuns, muito menos, pois o fato foi autenticado seis meses mais tarde, através do Ministério da Guerra. Nessas condições, apenas uma hipótese fica de pé: a hipótese espírita. Foi, de fato, o Espírito do morto, que, preocupado em testemunhar à noiva seu amor, quis, a qualquer preço, fazer chegar ao seu conhecimento aquilo mesmo que já determinara no testamento - que o alfinete de pérola fosse a sua herança. O fato de o Espírito ignorar a mudança de endereço da ex-noiva, nada significa, porquanto é muito comum, entre os recém-desencarnados, a amnésia de certos fatos e o alheamento de outros, tudo provocado pelos próprios Guias do morto, para evitar choques emocionais, que poderiam determinar longos períodos de perturbação. Quem conhece a doutrina sabe disso. Quem tem prática de lidar com os habitantes do Além, também. De modo que, no exemplo em foco, não há outra alternativa - foi, mesmo, o Espírito do ex-oficial que transmitiu a mensagem, dando, ao mesmo passo, bela prova de sobrevivência da alma. E é assim, com fatos comprovados, que o Espiritismo caminha para a vitória, sem temor do futuro, porque está aliado à Ciência; e sem fugir às provas, porque está com a verdade!

CONSIDERAÇÕES SOBRE A ORIGEM DO ESPIRITISMO

Provido de modestos órgãos sensoriais, que o colocam em relação apenas com pequena fração dos fenômenos do Universo; vendo e ouvindo menos do que muitos irracionais; dotado de faculdades lógicas que mais lhe valeram para apontar o erro do que para encontrar a verdade; sujeito, por consequência, às contingências dos sentidos e coarctado à relatividade da razão, o homem não pode ter a veleidade de querer assenhorear-se das causas primárias, nem das causas finais, no mundo de causalidade que o cerca, esmagando-o com o peso do seu mistério!

Na verdade, o número de Kant e os desígnios de Deus são tremendos enigmas, que, por muitos séculos ainda desafiarão a argúcia dos sábios!

Sem embargo, como toda forma de sabedoria, a revelação divina, embora lenta e gradativa, desde os primórdios da civilização, vem manifestando-se-nos, cada vez mais ampla e mais perfeita, à medida que a mente humana, penosamente aperfeiçoada, através da morosa evolução biológica da espécie, pode absorver maiores e melhores conhecimentos. Conhecimentos de caráter científico, com auxílio da intuição dos inventores e dos teorizadores, que equacionam os problemas e formulam as leis, sistematizando as ciências; conhecimentos de cunho religioso, por intermédio dos iniciados, que, desde as eras mais primitivas, com o nome de profeta, mago, pitonisa, feiticeiro, pajé, numa

palavra - médium - entram em contato com o Mundo Espiritual, e, de acordo com o grau de evolução de cada um, apreendem uma das múltiplas facetas do mundo misterioso do Além.

Donde se infere que todo conhecimento, seja ele religioso ou científico, obtido através da intuição do sábio, ou mediante a mediunidade dos místicos, é, em última análise, uma conquista feita ao Mundo Espiritual: conquista discreta, no caso da intuição, em que a idéia, a “hipótese de trabalho” surge, de repente, à revelia do raciocínio, já perfeita e com tanta força de evidência, que o pesquisador, que, antes, tentara, debalde, encontrar o roteiro da descoberta, não tergiversa - vai direto ao ponto crucial do problema; conquista ostensiva, por via supranormal, quando a mediunidade está abertamente em função, seja na caverna do primitivo, seja na maloca do silvícola, seja, finalmente, no tabernáculo do “iniciado”.

De qualquer modo, cada médium recebe, sempre, a mensagem que merece, da mesma forma que cada povo tem a religião que pôde alcançar. Os ensinamentos serão tanto mais sublimes quanto mais virtuoso for o médium, e as religiões tanto mais espiritualizadas quanto mais evoluídos os adeptos.

Interpretada com esse caráter de universalidade, a mediunidade, sobre esclarecer muitos problemas que continuavam a desafiar a perspicácia dos antropólogos, dos etnólogos e dos sociólogos, justifica a insistência com que a História nos aponta, entre as mais diversas nações, as raças mais díspares e as mais diferentes culturas, a crença na manifestação dos Espíritos.

E o curioso é que, a despeito do progresso atual, casos houve em que os processos primitivos deram ensejo a comunicações tão verídicas quanto às que se podem obter presentemente, quando, com a denominação de “percepção extrasensorial”, a mediunidade penetrou nos modernos laboratórios de Parapsicologia...

Haja vista o caso de Patrício e Hilário, relatado por Amiano Marcelino, historiador romano, que viveu no 4º século da Era Cristã. Esses cidadãos, acusados de magia, explicaram ao tribunal como procederam. Construíram uma mesinha de loureiro, considerada planta mágica, e sobre ela colocaram uma bacia metálica, em cujas bordas havia um alfabeto gravado. Depois, um médium, invocando o Protetor espiritual, segurou, entre os dedos, um fio de linho, em cuja extremidade fora amarrado um anel metálico, mantendo esse pêndulo no ar no centro da bacia. Em seguida, o anel, propellido por força invisível, principiou a saltar de letra para letra, estacionando sobre a escolhida, a fim de que os circunstâncias tivessem tempo de anotá-la; e, assim, de letra em letra, de palavra em palavra, ia transmitindo as mensagens do Além.

Nessas condições, interrogado o invisível autor do movimento do anel qual seria o sucessor do Imperador, o anel, sem que se soubesse por quê, apontou apenas as letras T, H, E, O... E, sem motivo aparente, estacionou, não se movendo mais de modo algum. Concluíram todos que o sucessor seria Theodoro. E, nisso todos erraram; menos o anel ou, melhor, o Espírito, porque, de fato, Theodósio, foi quem ascendeu ao trono.

Como se vê, um fenômeno interessante, porque, tal como se deu, afastou a hipótese da interferência do subconsciente do médium, de vez que, também ele errou o palpite, imaginando que o escolhido seria Theodoro e não como foi, Theodósio. Não há, por conseguinte, como recusar-se ao fato o caráter premonitório.

Hoje, nós espíritas não procederíamos dessa forma, à maneira dos radiestesistas. Comportar-nos-íamos como o prof. William Barrett, da Universidade de Dublin. Optaríamos por uma prancheta, que tem gloriosa tradição no mo-

vimento espírita. Mas não a usaríamos como no tempo de Kardec. Colocaríamos, como o fez o sábio inglês, entre duas placas de vidro grosso, cartões com as letras do alfabeto, sem a menor preocupação sobre a posição que ocupassem. E, na verdade, só poderia haver vantagem se a seqüência das letras não fosse a normal de vez que mais difícil seria a fraude e menos numerosas as causas de erro. Depois, ainda por precaução, mandaríamos inverter os cartões, virando as placas, de modo que as letras, ao invés de permanecerem voltadas para os investigadores, ficassem invisíveis, viradas para a superfície da mesa. Em seguida, pediríamos aos médiuns que pusessem, de leve, seus dedos sobre a prancheta assentada sobre as placas de vidro.

Dessa maneira, ainda que as letras fossem visíveis, sendo várias as pessoas a tocarem na prancheta, só se deletrearia a mensagem, se todos os participantes da experiência houvessem combinado, previamente, o seu conteúdo. Caso contrário, seria difícil haver a necessária coordenação de movimentos, entre os diversos experimentadores, a fim de que as mensagens não saíssem verdadeiros disparates.

Nada obstante, para maior segurança, exigiríamos que não só os médiuns como todos os elementos da “corrente” permanecessem de olhos vendados, com máscaras opacas, como procedeu o cientista inglês.

Com a visão livre, deixaríamos, apenas, o encarregado de anotar as letras à medida que a prancheta as fosse apontando. Mas este, não teria contato algum com a prancheta, e, por conseguinte, não poderia influir nos movimentos dela.

Assim, as mensagens seriam garantidas de toda autenticidade, como garantidas de autenticidade foram as obtidas pelo ilustre físico de Dublin.

Por isso mesmo é que, quando o prof. Barrett nos afirma que, por este processo, obteve inequívocas provas de identidade de amigos falecidos, não se pode, de boa fé, duvidar do seu respeitável depoimento.

Infelizmente, até hoje, apesar do imenso progresso dos padrões de mediunidade e a despeito das técnicas científicas introduzidas no controle da fenomenologia espírita, ainda há adversários que combatem o Espiritismo ridicularizando-o por ter nascido da chamada dança das mesas.

Esquecem-se tais opositores de que dos fatos aparentemente mais banais surgiram grandes descobertas, que glorificam a Ciência contemporânea.

Foi da oscilação duma lâmpada, fato corriqueiro, que surgiram as leis do pêndulo, e, conseqüentemente, os cronômetros. Mas, para arrancar o segredo à natureza, necessário se tornou que um gênio - Galileu - verificasse, contando as próprias pulsações, que eram isócronas às oscilações do lampadário da catedral de Pisa...

Foi de um fato trivial, a contração das patas duma rã, que nasceu toda uma ciência - a eletricidade. O homem vulgar contemplaria o fato com um sorriso de desdém. O gênio de Galvani, porém, fê-lo estacar, para observar; e, depois, experimentar, para concluir. Resultado - o galvanismo e, em seguida, a réplica de Volta, com a construção da primeira pilha elétrica...

Em todos os tempos o vinho, sem que se soubesse por quê, de quando em quando azedava. Azedou durante séculos. Todo mundo via e sabia, mas o recurso era conformar-se. Até que o gênio de Pasteur descobriu, na “doença do vinho”, a presença de germes de fermentação; e, mais tarde, o mesmo sábio, por analogia, concluiu que, à maneira das “doenças do vinho”, muitas doenças do homem deveriam ser causadas, como de fato são, por micróbios que pululam na intimidade do organismo!

Desde remota antigüidade, muita gente consultou os Espíritos por intermédio das mesas. O próprio Tertuliano nos dá conta do fato. Mas só o gênio de Allan Kardec pôde ver naquele fenômeno banal, a revelação de um processo,

não para passatempo com Espíritos galhofeiros, atraídos pela displicência de ociosos ou pelos sentimentos inconfessáveis dos que desejavam tirar partido dos Espíritos, mas, ao contrário, para estabelecer intercâmbio com Espíritos instrutores que viriam iluminar a consciência dos homens com uma doutrina sublime, na qual, a evidência dos fatos e a lógica dos princípios completam uma filosofia religiosa, profundamente confortadora, que nos demonstra a magnanimidade do Criador, a justiça das provações terrenas e o esplendor do glorioso destino reservado ao homem!

A PROPÓSITO DA PUBLICAÇÃO DO LIVRO DOS ESPÍRITOS

Dia virá em que a data 18 de abril será comemorada, no mundo inteiro, como marco luminoso, a assinalar, na história do pensamento filosófico-religioso, uma das maiores senão a maior transformação sofrida pela humanidade no ciclo acidentado de sua evolução.

Na verdade, com a publicação do *O Livro dos Espíritos*, obra básica da Doutrina Espírita, a 18 de abril de 1857, iniciou-se, positivamente, nova Era para nossa civilização, com a eliminação gradativa, mas fatal, do materialismo ateu e a confraternização universal dos povos, em torno de um espiritualismo diferente, inspirado no mais sadio idealismo, estruturado com postulados racionais e soerguido sobre sólido alicerce de fatos de observação, cientificamente controlados.

Com efeito, contrariamente ao que se propala por aí, em pérfida e insidiosa campanha, o Espiritismo não é, como acreditam os ingênuos, os ignorantes e - por que não dizer? - os fanáticos, motivo de perdição, caminho do inferno, nem, muito menos, fator de desequilíbrio mental, causa de loucura. Não! Firmando convicções com provas irremovíveis e justificando logicamente o sofrimento e o chocante contraste dos destinos humanos, o Espiritismo, doutrina confortadora, nunca poderia ser fonte de distúrbios mentais, originários de psicopatias. Confortando profundamente os deserdados da sorte, pela certeza da imortalidade e pela

segurança de que uma lei de amor e de sábia justiça une todas as criaturas, por mais inferiores que sejam e sejam quais forem suas crenças, a um Criador boníssimo, que, dada a diversidade de evolução dos Espíritos encarnados, embora se veja obrigado a essa desigual distribuição de destinos, pois é de justiça que se tratem desigualmente indivíduos de desiguais méritos e deméritos, reserva, não obstante, para todos os seus filhos um futuro glorioso, aureolado pela perfeição e nimbado de imarcescível felicidade, o Espiritismo, confortando como conforta e regenerando como regenera, jamais, poderia tornar-se instrumento de perdição, passaporte para o inferno!

Não! O Espiritismo, sublime filosofia religiosa decalcada na moral evangélica, em tempo algum poderia ter sido inspiração satânica, obra demoníaca, não só porque fora fundada sob os auspícios de Jesus de Nazaré, em cujo nome falavam e continuam a falar os Espíritos missionários que ditaram o *O Livro dos Espíritos*, como porque, convertendo-se a ele o homem se melhora em todos os sentidos, tornando-se otimista, confiante, sereno, resignado, tolerante, caridoso, e, não obstante, severo consigo mesmo, se esforçando parra perder os vícios, lutando para expungir-se da vaidade, do orgulho, do ciúme, da maledicência, da vingança, do egoísmo e de todos os defeitos, que, de algum modo, poderão acarretar-lhe graves dissabores na vida espiritual, independentemente dos aborrecimentos que lhe trazem durante a existência terrena!

Não! Se é válido o critério que nos deu Jesus de Nazaré, se “pelo fruto se conhece a árvore”, a regeneração dos que se tornam espíritas é prova suficiente de sua origem divina. Porque, tornando-se espírita, o chefe de família relapso, desvencilha-se da amásia, afasta-se da boêmia, abdica do jogo e reajusta-se novamente à família, ressarcindo-lhe a economia e amparando moralmente a esposa, a companheira

de todos os momentos, e os filhos, cujo futuro lhe foi confiado; o viciado, bebedor contumaz ou batoteiro inveterado, arrependido do tempo malbaratado, da saúde comprometida e do dinheiro perdido encontra, no Espiritismo, a força para libertar-se dos grilhões que o algema à fonte da degradação - e regenera-se e torna-se homem decente e transforma-se em cidadão prestadio; e até o criminoso, convertendo-se ao Espiritismo, transfigura-se inteiramente, modificando o temperamento e retificando o caráter, tamanho é o poder corretivo da Filosofia Espírita!

Não! Uma doutrina, como a espírita, que dá ao homem tão portentosa convicção sobre seu glorioso destino, e que lhe empresta tanta força para aperfeiçoar-se, de modo nenhum poderia, jamais, contribuir para levá-lo à loucura ou para conduzi-lo ao inferno, como afirmam, cavilosamente, alguns adversários!

Não! O Espiritismo é, de fato, a religião do futuro, porque, além de falar tão intensamente ao coração, arrosta, sem temor, à razão, porquanto se baseia em fatos rigorosamente comprovados. Não é, como poderia parecer, produto da especulação dum precursor. É fruto do trabalho de equipe de Espíritos missionários, iniciado por intermédio de duas jovens, castas e puras, Carolina e Julia Baudin, a primeira de dezesseis e de quatorze anos a outra, que, valendo-se dum instrumento primitivo, a corbelha ou cesta-pião, transmitiram a Allan Kardec, durante quinze meses consecutivos, os ensinamentos que deveriam constituir os fundamentos do *O Livro dos Espíritos*. Processo rudimentar e trabalhoso, quase ridículo, é verdade, mas útil e eficiente, porque teve a vantagem de eliminar a fraude, excluindo do fenômeno a participação intelectual das jovens, cuja colaboração era, tão-somente, mecânica e limitada aos movimentos involuntários dos braços, completamente controlados pelos Espíritos! Nessas condições, era de todo em todo

impossível que a escrita, já de si muito difícil, pudesse originar-se de prévia combinação das duas irmãs, e isso por dois motivos: o primeiro é que, dada a espécie de aparelho utilizado, a cesta-pião, a coordenação dos movimentos das duas participantes do fenômeno, exigiria tal perícia e tão perfeita sincronização de movimentos, que, se pode ter a certeza moral de que o prodígio não estava ao alcance dessas moças ingênuas e desinteressadas, que nem sequer avaliavam a influência que tais mensagens teriam, mais tarde, para o futuro da humanidade; o segundo motivo - e esse é mais decisivo - é que, na maioria das vezes, as mensagens, não poderiam ser forjicadas, com intenção dolosa, pela simples razão de que eram respostas a perguntas formuladas, na ocasião, por Allan Kardec.

De resto, como, de um modo geral, o teor das mensagens estava em contradição com as opiniões de Kardec, o Codificador, para certificar-se da origem extra-humana e da autenticidade do ensinamento submeteu-as a cuidadoso teste, consultando os Espíritos que o assistiam por intermédio doutra jovem, Srta. Japhet, que conhecera na residência da família Roustan, e que nada sabia das “mensagens” das irmãs Baudin. Ainda uma vez, foi empregado um instrumento tosco, a corbelha de bico, antecessora da prancheta, que tanto se divulgou posteriormente. Mas, apesar disso, ou talvez por isso mesmo, afastada qualquer participação mental da jovem, as mensagens obtidas vieram confirmar impressionantemente os pontos básicos dos ensinamentos ministrados por intermédio das irmãs Baudin, fato que muito contribuiu para consolidar a convicção de Allan Kardec, levando-o a publicar o livro, que, não sendo fruto de sua elaboração mental e sim pensamento dos Espíritos, só poderia denominar-se, como, de fato, se denominou: *O Livro dos Espíritos!*

Conseqüentemente, no momento em que se rememora a publicação dessa obra, é justo que, ao render minhas homenagens ao glorioso fundador do Espiritismo, encareça a valiosa colaboração dessas três jovens, sem cujo concurso os Espíritos missionários, encarregados da revelação espírita, dificilmente teriam entrado em contato com Allan Kardec, escolhido para tão importante codificação!

Com efeito, se é certo que, para a confecção das demais obras da coleção kardequiana, houve colaboração de muitos outros médiuns, é incontestável que a obra básica da doutrina, aquela cuja publicação hoje se festeja, essa se deve não só à abnegação duma equipe de Espíritos missionários e ao talento didático de Allan Kardec, como a colaboração daquelas que serviram de ponte entre os dois mundos, o nosso e o mundo dos Espíritos, as jovens irmãs Carolina e Julia Baudin e a senhorita Japhet, razão por que fazem juz ao preito de gratidão de todos os espíritas.

E ao falar em tributo de gratidão aos responsáveis pelo advento do Espiritismo, é-me grato consignar a homenagem que a Câmara Municipal de Niterói vem de prestar a Allan Kardec, dando seu nome a uma rua no Barreto, cuja placa fora doada pela Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro. Como espírita, estou agradecido ao poder público pelo apreço que demonstrou ao fundador do Espiritismo. Só me resta formular os melhores votos para que os que ainda não leram as obras de Allan Kardec, diligenciem por conhecê-las enquanto antes; pois a verdade é que elas abriram uma era para a humanidade - a era da evolução espiritual pela compreensão das leis que regem o destino humano, a Era do aperfeiçoamento moral por amor à perfeição, único caminho para chegar-se a Deus - fonte da verdadeira felicidade!

EM DEFESA DO ESPIRITISMO I

Numa obra mundialmente conhecida, Gustave Le Bon, que, além de erudito psicólogo, foi proficiente investigador nos domínios das ciências experimentais, ao estudar o mecanismo psicológico das crenças religiosas, afirmou, paradoxalmente, que a lógica servia para nos ajudar a descobrir o erro, mas pouco valia para nos conduzir à descoberta da verdade.

Embora não possa deixar de fazer restrições à generalização desse conceito do afamado escritor francês, diante do que tenho verificado, em longos anos de doutrinação, sou forçado a convir que, pelo menos em relação à fenomenologia espírita, tão rica de fatos ostensivos no sentido baconiano, a lógica não serve para convencer certos adversários. Pois, por mais que lhes mostremos os fatos, e que lhes demonstramos, à luz da razão crítica, que a única doutrina que explica logicamente o conjunto dos fenômenos é, incontestavelmente, o Espiritismo, tais adversários permanecem insensíveis a toda espécie de argumentação, porque estão metidos, à maneira dos crustáceos, dentro de grossa carapaça de resistentes preconceitos, que lhes tolhem o raciocínio. Preconceitos religiosos ou preconceitos científicos, pouco importa, de vez que ambos se equívalem em matéria de intolerância e de intransigência. De modo que, para certos adversários, os fatos mediúnicos, comprovem como comprovam a sobrevivência da alma e a comunica-

ção dos mortos, são, sempre, arte do demônio, solércia de Satanás para arrebatar criaturas incautas, levando-as à perdição eterna. Pouco importa que os demônios, que se manifestam nas sessões espíritas, pratiquem a caridade, preguem o Evangelho e apontem Jesus como Mestre. Nada disso importa. O fruto é bom, mas a árvore não presta. Jesus é que se enganou, ou que nos quis enganar, quando nos legou, em suas prédicas, o falso critério de julgarmos o valor da árvore pela qualidade dos frutos! Eis o beco sem saída onde nos quer colocar a obstinação dos inimigos do Espiritismo!

Para outros adversários, porém, a explicação dos fatos tem origem menos apavorante. Não se trata de nenhuma cilada do Diabo, mas duma espécie de contrabando do inconsciente do médium. Tudo que o médium produz, provém dele mesmo, de seu inconsciente. Também não importa que os fatos estejam muito acima da mentalidade do médium. O inconsciente, para tais adversários, é, de fato, onisciente; pois é como um vasto estuário onde desembocam múltiplas correntes, que arrastam, em suas caudais, toda a sedimentação multissecular de imensa cultura filogênica. De sorte que, se o médium não sabe, soube seu pai; e se seu pai também não soube, deveria saber seu avô, ou outro qualquer ancestral. O fato é que, para esses adversários, todos nós herdamos, através da hereditariedade, toda a sabedoria de nossos antepassados - sabedoria que permanece, nos tipos normais, sem função alguma, como entulho jogado num porão, lá bem no fundo do inconsciente. Mas, com os médiuns, a coisa é diferente. Nesses tipos mórbidos - dizem eles - há uma desagregação psicológica, uma desarticulação do trapézio que sustenta a consciência, uma fenda na estrutura mental por onde poreja colossal sabedoria hereditária, que embasbaca os ingênuos, fazendo-os acreditar em almas do outro mundo. Para outra escola de com-

batentes, os fenômenos espíritas são manifestações da libido, explosões de complexos recalçados, de grande significação para a interpretação sibilina das neuroses que se aposaram dos pobres médiuns.

Não é pilhéria, não. Com palavras mais arrevesadas ou com termos mais técnicos, os médiuns são arrolados entre os degenerados e o Espiritismo, quando escapa do ridículo do cientista, é para sofrer o impacto do vitupério clerical...

Consola-nos, no entanto, a certeza de que, nem um nem outro, estudou sinceramente a Doutrina Espírita, nem investiou, jamais, os fatos em que ela se baseia. Ambos repeliram-na, movidos, apenas, pela paixão, imbuídos de preconceitos, incapazes, portanto, de raciocinarem com lógica. A mesma paixão e o mesmíssimo preconceito que, duma feita, obrigaram aquele padre-mestre da Universalidade de Pádua a repelir o convite de Galileu para contemplar os astros ao telescópio; e, noutra ocasião, levou a Academia de Ciências da França a escarnecer do fonógrafo - um dos inventos que deveria, mais tarde, tornar afamado o nome de Edison.

Sobre este último incidente prefiro dar a palavra a uma testemunha ocular - o célebre astrônomo Camille Flammarion. “Assistia eu - escreve o afamado autor de *A Pluralidade dos Mundos Habitados* - assistia eu, certo dia, a uma sessão da Academia de Ciências, dia esse de hilariante recordação, em que o físico Du Moncel apresentou o fonógrafo de Edison à douta assembléia. Feita a apresentação, pôs-se o aparelho docilmente a recitar a frase registrada em seu respectivo cilindro. Viu-se, então, um acadêmico, de idade madura, de espírito compenetrado, saturado mesmo das tradições da cultura clássica, nobremente revoltar-se contra a audácia do inovador, precipitar-se sobre o representante de Édison e agarrá-lo pela gola, gritando: ‘Miserável! Nós não seremos ludibriados por um ventríloquo!’” O sábio, meus

irmãos, era Bouillaud, uma das mais sólidas culturas da França nos meados do século passado. E, para que possais aquilatar até que ponto o preconceito científico pode afastar um homem de ciência do caminho da verdade, não me posso furtar ao prazer de conceder novamente a palavra ao grande Flammarion: “Mais curioso ainda - acrescenta o afamado astrônomo - mais curioso ainda é que, seis meses após, numa sessão análoga, sentiu-se Bouillaud muito satisfeito em declarar que, após maduro exame, não constatara, no caso, mais do que simples ventriloquia, mesmo porque, disse ele textualmente, não se pode admitir que um vil metal possa substituir o nobre aparelho de fonação humana!”

Em conclusão - para um dos mais reputados membros da Academia de Ciências da França, o fonógrafo, que dos primitivos gramofones evoluiu para as modernas eletrolas, não passava duma ilusão acústica!

Centenas de outros incidentes escabrosos como este, poderia eu recapitular, para demonstrar como também os homens de ciência erram lamentavelmente quando, em presença de fatos que escapam à rotina de suas atividades científicas, eles, por preconceito apenas, teimam em interpretá-los à luz dos princípios de seus sistemas...

Basta-me, porém, a convicção de que os que condenam e rebatem a autenticidade dos fenômenos mediúnicos, são espíritos facciosos e apaixonados, empolgados, muitas vezes, por interesses inconfessáveis. Por isso mesmo, seja qual for a posição que ocupem, no mundo religioso ou no científico, de pouca monta será o valor de seus depoimentos.

E como me dirijo, não aos que não querem, mas aos que desejam e precisam das verdades provadas pelos Espíritos, prefiro não perder tempo com a dialética e apresentar logo o fato, que é sempre mais convincente, quando o raciocínio não está totalmente obliterado por sentimentos interesseiros.

O caso está relatado numa obra muito interessante - *The Holy Truth* ou, em vernáculo, *A Verdade Sagrada*, de autoria do banqueiro norte-americano Hugo Browne, convertido ao Espiritismo em virtude das provas sensacionais que obteve graças à mediunidade de seus próprios filhos.

Com efeito, o capitalista tinha uma filha, menina de onze anos apenas, que, de vez em quando, manifestava o fenômeno da escrita automática ou psicografia, como se diz na terminologia espírita. Embora só conhecesse a língua materna, o inglês, as mensagens vinham em várias línguas, completamente desconhecidas pela jovem psicógrafa, e, também, por todos da família. Mensagens que eram decifradas, posteriormente, com auxílio de tradutores, e que, por conseguinte, não poderiam provir do subconsciente de ninguém da casa.

Acontece, porém, que Mr. Browne vivera vários anos em Natal, na África Meridional, onde aprendera o dialeto dos nativos. E, por feliz coincidência, certo dia, estando já na América, ao sair a passeio com a esposa, o banqueiro encontrou um negro de orelhas rasgadas, que, pelas características raciais se lhe afigurou um cafre. E, de fato, o era. Tanto assim que, interpelado no dialeto africano, o negro, espantadíssimo, sem compreender como um americano poderia falar sua língua, respondeu prontamente à interpelação. Daí nasceu mútua simpatia entre ambos, ainda que isso pareça incrível, em se tratando de norte-americano, pois lá a rivalidade racial é quase um imperativo nacional. Mas o fato é que Mr. Browne gostou do negro, e como logo arquitetou uma experiência com ele, convidou-o a aparecer em sua residência.

Ainda por uma feliz coincidência, o negro chegou à casa do milionário justamente na ocasião em que sua filha estava psicografando várias mensagens. Imediatamente ocorreu ao banqueiro a idéia de efetuar uma prova, ou melhor,

uma contraprova para verificar, mais uma vez, se as mensagens provinham de inteligências extracorpóreas ou se emanavam do subconsciente de sua própria filha. Para isso Mr. Browne perguntou aos Espíritos, ali presentes, se, porventura, dentre eles se encontrava alguma entidade, amiga do cafre, que com ele se quisesse comunicar. Incontinenti, a mão da menina traçou, rapidamente, uma frase em língua cafre, que, lida pelo banqueiro, foi perfeitamente compreendida pelo negro, com exceção, apenas, duma palavra, cujo sentido não apanhou. O banqueiro tentou ler a palavra de diversas maneiras. Tudo debalde. O negro não pesava nada. Entrementes, a mão da menina escreveu a seguinte mensagem: “Dê um estalo com a língua.” O efeito foi imediato, informa o escritor. “Recordei-me então dum característico estalo, que deve, habitualmente, acompanhar a letra t na língua cafre e pronunciei a palavra conforme o método indicado, conseguindo fazer-me entendido imediatamente.” Mas, intrigado com o fato de receber mensagem em língua cafre, quando sabia, por experiência própria, que os negros cafres ignoram totalmente a grafia, Mr. Browne quis apurar como fora possível semelhante fato; e, neste sentido, interrogou aos Espíritos. A resposta não tardou. A mão da menina escreveu significativa mensagem, em inglês, na qual velho amigo de Mr. Browne, pessoa culta e de elevada posição social, que residira, também, longos anos em Natal, onde travara conhecimento com o dialeto dos cafres, explicou que fora ele quem escrevera foneticamente a mensagem, a pedido de amigos do negro que não sabiam escrever. Na realidade, a mão da psicógrafa já havia escrito vários nomes numa folha de papel, nomes estes que o negro identificou como sendo de antigos conhecidos seus, todos já falecidos - fato que corrobora a explicação dada pelo amigo de Mr. Browne.

Eis, grosso modo, o fato, ou melhor - os fatos. Pergunto agora: poder-se-á, em sã consciência, atribuir tais mensagens apenas ao subconsciente da filha de Mr. Browne? Não!

É impossível. Mesmo se quiséssemos aceitar as hipóteses absurdas dos bio-psicologistas e dos psicanalistas para explicar o fato de a menina escrever em línguas que desconhecia, como uma consequência de conhecimentos lingüísticos hereditários, herdados de seus antepassados, é difícil admitir-se que os ancestrais dessa americanazinha tenham raízes nas selvas africanas. Além disso, não está demonstrado que os conhecimentos sejam hereditários. Ao contrário, tudo prova que a sabedoria é aquisição individual, fruto do estudo e da experiência pessoal, transmissível apenas dentro de certos limites, pelos meios normais de transmissão do pensamento - nunca através dos genes.

Por outro lado, teria Mr. Browne transmitido telepaticamente as mensagens? Também impossível. Primeiro, porque muitas mensagens houve que só foram compreendidas com auxílio de tradutores. Segundo, porque, em relação à mensagem em dialeto cafre, ele também não na pôde decifrar senão com o auxílio da filha, que lhe transmitiu a advertência para dar o tal estalo da língua antes do t. Em relação ao negro, a hipótese de transmissão telepática fica prejudicada pelo mesmíssimo motivo.

Portanto, em boa lógica só fica de pé a hipótese espírita, isto é, as mensagens foram transmitidas por inteligências extracorpóreas, Espíritos de antigos habitantes deste mundo, uns conhecidos de Mr. Browne, outros amigos do negro africano - todos desejosos de demonstrarem a sobrevivência da alma e a comunicação dos impropriamente chamados mortos com os impropriamente chamados vivos - porque, na verdade, eles estão muito mais vivos do que nós, assim como amanhã estaremos muito mais vivos do que hoje!

Esta é uma grande certeza que nos trouxe o Espiritismo e, ainda que fosse essa a única certeza, já valia a pena de lutar por ela com todo entusiasmo, com todo amor, com o máximo sacrifício, porque o Espiritismo abre à humanidade terrena nova era de progresso e de felicidade!

EM DEFESA DO ESPIRITISMO II

É com profunda tristeza que os verdadeiros espíritas vêem, a cada passo, o Espiritismo acusado ou chaco-teado por pessoas que, embora instruídas, nunca leram nem sequer as obras básicas da doutrina. Invektivam-no e ridicularizam-no baseadas, tão-somente, em errôneas informações ou escoradas em lamentáveis mistificações, observadas com médiuns inescrupulosos, indiferentes aos postulados morais que norteiam a Filosofia Espírita.

Todavia, não é justo que, com falsas informações ou com fatos fraudulentos, se forme juízo temerário e se estabeleça desprimorosa conceituação a respeito duma doutrina tão sublime quanto a espírita, que conjuga o arrojo da concepção filosófica com o rigor da técnica experimental, polarizando, num deslumbrante foco luminoso, os dois pólos da humanidade - o sentimento e a razão.

É verdade que, com o nome de Espiritismo, campeia, livremente, em nossa Pátria, execrável exploração das tendências místicas das massas populares. Contudo, ao Espiritismo não se lhe pode incriminar por tamanho descalabro, de vez que certas práticas abomináveis e certos cultos esdrúxulos que, por aí afora se realizam, não se coadunam com os ensinamentos doutrinários plasmados na codificação kardequiana - única fonte do legítimo Espiritismo.

Falando francamente, devo ressaltar que o caricato Espiritismo que se esparrama através de grande número de pseudos Centros Espíritas, é decorrência lógica da falta de preparação doutrinária dos dirigentes, aliada aos sentimentos interesseiros da maioria dos frequentadores. Desgraçadamente, a exagerada tolerância dos líderes espíritas tem contribuído para que indivíduos desprovidos do necessário preparo moral e do indispensável lastro cultural, se arvo-rem em dirigentes de organizações, cujo progresso, como é evidente, depende, sobretudo, da assistência de Espíritos missionários, encarregados de propiciarem à humanidade uma revelação mais ampla, e mais profunda, a respeito do destino do homem. De tal modo que, não havendo, na instituição, nem o clima moral indispensável, nem os aparelhos mediúnicos adequados, os verdadeiros arquitetos da obra, os Espíritos protetores, acabam afastando-se, desencantados, do falso Centro Espírita. Como conseqüência, duas lastimáveis eventualidades podem ocorrer: ou a associação se fragmenta imediatamente, em virtude de deploráveis retaliações entre seus dirigentes, originando-se, dessa detestável divisão de forças, novos Centros Espíritas, que, marcados pelo malsinado dissídio, não poderão ter melhor destino, fadados como estão, por sua vez, a sucessivas defecções, até ao esfacelamento total, sob a instigação invisível de temíveis inimigos da doutrina; ou, o infelizmente Centro Espírita, a despeito do afastamento dos Guias espirituais, conduzido pela obstinação interesseira de seus responsáveis, prossegue seu acidentado roteiro, qual navio sem leme em mar tormentoso, ludibriado por Espíritos atrasados, quiçá zombeteiros, que, ocultos sob o nome de antigas personalidades terrenas de notória projeção social, passam a interferir nos trabalhos mediúnicos, generalizando a mistificação e corrompendo os médiuns, com grave prejuízo moral para a doutrina, embora, em sã consciência, não se

lhe possa incriminar pelo procedimento de criaturas que a ignoram completamente, ou que nunca quiseram pautar sua vida pelas normas morais por ela estabelecidas.

Na verdade, podem ser médiuns; espíritas, não. Porque é preciso não confundir - médium: indivíduo dotado de faculdades supranormais, com espírita: adepto da Filosofia Espírita, ou, como prefere Allan Kardec - da Filosofia dos Espíritos.

Não é, entretanto, sem uma nota de melancolia que somos obrigados a reconhecer que esse descabro poderia ser evitado, se todos os dirigentes de instituições espíritas tivessem capacidade para fazer, de cada centro, uma “escola de iniciação”, de tal forma que o corpo mediúnico fosse rigorosamente selecionado, não apenas pelo valor extrínseco do médium, isto é, pela variedade de faculdades supranormais que apresenta, mas, sobretudo, por seu valor intrínseco, ou seja, pelo padrão de seu caráter.

Porque a verdade é que, sem médiuns de grande sensibilidade mediúnica e de ilibada vida moral, não se pode contar com a cooperação dos verdadeiros Instrutores da humanidade, Espíritos superiores, compromissados no progresso da revelação divina, pela difusão dos ensinamentos filosóficos do Espiritismo. Contar-se-á, quando muito, com o auxílio de Espíritos medianeiros, sequiosos de evolução e cheios de boa vontade, mas desprovidos dos conhecimentos indispensáveis à orientação das verdadeiras instituições espíritas.

Entretanto, a despeito da transcendente significação do problema, essa questão tem sido, até hoje, deploravelmente descurada. Via de regra, os médiuns, mal ingressam num centro, logo são convidados a desenvolverem suas faculdades. E, se aceitam, vão sentar-se à mesa, como eles duma corrente espiritual, ocupando o lugar dum “iniciado”, embora tudo ignorem da doutrina e da mediunidade, estando, ali, apenas, pela esperança de se livrarem de todos os males que os afligem...

Ora, é preciso não esquecer que, em tese, os médiuns que procuram os Centros Espíritas, são sofredores, quase sempre psiconeuróticos, que já tentaram, debalde, todos os recursos da medicina. Desiludidos da arte médica, acabam aceitando o convite de alguém, que já se beneficiou com o Espiritismo. Vão, assim, à sessão, ansiosos por um lenitivo qualquer. É claro, portanto, que, se lá lhes dizem que seus sofrimentos só desaparecerão quando eles “trabalharem” como médiuns, não se lhes pode recriminar a afoiteza com que se sentam à “mesa de desenvolvimento”, pois a culpa da precipitação cabe, toda inteira, ao leviano dirigente dos trabalhos mediúnicos. Porque de duas, uma: ou a doença é orgânica e, neste caso, o médium não pode desenvolver suas faculdades antes de equilibrar a saúde, pois, para o “desenvolvimento” é imprescindível o perfeito funcionamento dos centros nervosos ligados à mediunidade; ou a doença é de origem espiritual, isto é, uma Espiritopatia, provocada pela atuação telepática, durante a vigília, ou pela sugestão *post-hipnótica*, realizada durante o sono, por Espíritos atrasados, que assediam o médium, na ânsia de dominá-lo, com fins escusos; hipótese em que o perispírito do médium está seriamente afetado, pela perda de fluidos a ele inerentes e pelo contágio com fluidos prejudiciais, transmitidos pelas entidades que o fazem sofrer, motivo por que não pode desenvolver suas faculdades mediúnicas, sem amparar, primeiramente, pela oração e pela doutrinação, os Espíritos que o perturbam, a menos que queira arriscar-se a ter como “desenvolvedor” um dos Espíritos que já o estão prejudicando a ponto de afetar-lhe a saúde! É por ignorar tais coisas que muitos médiuns, além do estranho mal-estar que sentem na “corrente de desenvolvimento”, vêem seu estado de saúde agravar-se, em vez de melhorar, depois que foram considerados “prontos” por presidentes ineptos, que, por mera vaidade, arrostaram a gravíssima responsabilidade de dirigir sessão espírita!

Na verdade, as relações entre os médiuns e os Guias espirituais são regidas por uma lei de justiça absoluta - cada médium tem o Protetor que merece, computando-se os méritos não só da atual, como das passadas encarnações - tudo de acordo com o carma individual. Donde se conclui que, para ter boa proteção, é indispensável que o médium se corrija e se integre nos deveres espirituais. Para isso, antes de pensar em desenvolver suas faculdades, pondo-as a serviço do Mundo Espiritual, é mister que estude criteriosamente a doutrina, até compreendê-la e senti-la no coração, para praticá-la religiosamente, testemunhando-a em todas as oportunidades, sem transigir, jamais, com o preconceito; e sem misturá-la com os dogmas, os rituais ou os sacramentos doutras seitas, já que o Espiritismo é uma filosofia religiosa que se basta a si mesma, dispensando o adjutório de sibilinas especulações teológicas.

Mais do que se possa imaginar, sei quanto é difícil a organização de um grupo de médiuns. Há vários anos luto, com os maiores sacrifícios, para formar um corpo de médiuns, com os predicados que reputo imprescindíveis. O que consegui, quase nada é, em relação ao esforço empreendido. De toda forma, porém, prefiro poucos - bons, do que muitos - mentirosos e mistificadores. Por isso mesmo, a SEPE sempre lutou com as maiores dificuldades materiais. E o motivo é simples. Lá, nós não vendemos ilusões. Não prometemos “arranjar a vida” de ninguém. Não enganamos com mentirosas “limpezas psíquicas” dos lares desajustados, nem “descarregamos” o azar de quem quer que seja. E é exatamente para isso que muita gente vai ao Espiritismo, confundindo os Mensageiros de Deus, com vis lacaios, prontos a satisfazerem os interesses materiais de uns e as paixões e vícios de outros...

Infelizmente, para muita gente a finalidade do Espiritismo é “tirar o azar” e “melhorar a vida”. Por isso mesmo, às sextas-feiras vão em busca de sorte nos centros e, aos domingos, à Igreja, pedir perdão a Deus!

Entretanto, se há doutrina de regeneração moral e de espiritualização, essa é o Espiritismo. Assim sendo, para que a situação melhore, para que o azar desapareça, o que é preciso não é fazer “trabalho” ou “despacho”: é que haja a correção das faltas da vítima da provação, a fim de merecer que as provas se lhe tornem cada vez mais amenas. De fato, compreendendo, sentindo e praticando o Espiritismo, todos os sofrimentos vão-se tornando suaves, todas as provações vão sendo abreviadas, de vez que a razão do sofrimento é, sempre, expungir o homem de suas imperfeições. E com efeito, somente pela compreensão da doutrina e conseqüente retificação do comportamento, muitas criaturas têm sido beneficiadas, inclusive, libertando-se de vícios, como o de fumar, o de beber e o de jogar; muitos lares têm sido reajustados e muitas dores têm sido aplacadas, em nossa SEPE. Por isso mesmo, apesar de tudo, estou convencido de que, mais do que nunca, é dever de todo espírito sincero lutar em prol da elevação do nível cultural e doutrinário dos dirigentes de grupos mediúnicos e pela formação iniciática dos médiuns. Só assim, obteremos constantes mensagens autênticas. Fora disso, o que haverá é a mistificação generalizada, voluntária ou involuntária, mas, de qualquer forma, muito prejudicial à reputação da Doutrina Espírita, que já é tão injustamente combatida e que não merece ser acoimada pela negligência daqueles que têm o dever de defendê-la custe o que custar!

PELO PROGRESSO DO ESPIRITISMO I

Em prosseguimento ao tema focalizado na derradeira palestra, vou reprisar em problemas que reputo de suma importância para o futuro do Espiritismo. E, em se tratando de assunto que diz respeito particularmente aos médiuns e aos dirigentes de instituições espíritas, dou liberdade, desde já, aos demais radiouvintes para se livrarem da maçada, desligando, sem constrangimento, os receptores.

E, agora, meus caros confrades, reunidos em família, permiti vos fale francamente, como é de meu feitio.

Como não podeis ignorar, a Doutrina Espírita não se originou de nenhum desses livros, considerados de origem divina, que, a despeito dos erros crassos que contêm servem de inspiração às diversas religiões atualmente praticadas: proveio, ao contrário, do ensino coletivo dos Espíritos, transmitido através de centenas de médiuns, pertencentes às mais diversas nações e às mais diferentes crenças.

Explicando, racionalmente, os milagres registrados nos livros sagrados de todos os povos, confirmando integralmente a moral cristã e reforçando a posição de Jesus como a do maior Mestre até hoje encarnado neste planeta, a Filosofia Espírita sobrepuja a todas as outras revelações divinas, não só pela grandiosa concepção que nos dá a respeito do Criador do Universo e do homem, como, sobretudo, pelo fato de ter promanado totalmente do Mundo Espiritual,

trazida por Mensageiros do Além, que lá estão vivendo e sentindo em si próprios a aplicação das sábias leis morais que governam o destino humano, esteja o Espírito provisoriamente encarnado, na Terra, ou, desprovido de corpo material, no espaço. Entre o valor de seu testemunho, diariamente a jorrar sobre a humanidade em catadupas de luz, e a significação das mensagens esparsas transmitidas, em tempos remotos, por veneráveis profetas e, posteriormente, traduzidas e interpretadas ao sabor dos interesses e dos preconceitos da época, vai, na verdade, grande distância. Distância tão grande quanto a que iria, por exemplo, entre o valor da opinião duma dúzia, ou, mesmo, duma centena de turistas, que, ocasionalmente, em apressadas excursões, nos séculos passados, houvessem obtido permissão para contemplar, furtivamente, algumas paisagens maravilhosas, num país misterioso, interdito aos estrangeiros, e o peso do testemunho pessoal de centenas e centenas de habitantes dessa enigmática nação, que, agora, em nossos dias, em virtude do progresso dos meios de comunicação, nos viessem trazer, voluntariamente, todos os dados relativos às condições de vida na referida região!

Mutatis mutandis, o comportamento dum Sociólogo, que, para a conceituação dos fenômenos sociais ocorridos em tal país, preferisse, ao testemunho vivo dos atuais habitantes, a duvidosa opinião de esporádicos excursionistas, colhida de vetustas tradições populares e preservada na letra de velhos anais, não seria tão absurdo, talvez, quanto o procedimento dos teólogos, que, agarrados aos textos de velhos alfarrábios inspirados nas visões místicas dos antigos profetas, tapam os olhos e os ouvidos às formosas lições, que, presentemente, nos vêm ministrar, por intermédio de centenas de médiuns, os próprios habitantes do Mundo Espiritual, aqueles que, melhor que ninguém, nos podem informar sobre a vida espiritual e o destino que nos aguarda, guiando nossos passos para futuro mais venturoso!

Mas, exatamente porque nós, espíritas, temos a certeza

do incomensurável valor da doutrina, não só pela amplitude que deu à revelação divina, como pelo efeito propulsor que exerce sobre o progresso espiritual do homem, confortando-o no sofrimento e impelindo-o, sempre, para o aperfeiçoamento moral, exatamente por isso, meus irmãos, temos o dever de contribuir, com o máximo esforço, para que, cada vez mais, se torne constante e perfeita a torrente de conhecimentos extravasada através dos médiuns. Porque, se é inegável que, graças ao valor individual de alguns médiuns, os fatos espíritas estão solidamente estabelecidos e a doutrina inteiramente abroquelada contra as investidas dos adversários, não é menos verdade que, evolutivo como é, o futuro do Espiritismo está dependendo, em grande parte, do aperfeiçoamento moral dos médiuns. Desejosos de ampliar os conhecimentos doutrinários dos espíritas, deve haver, no Além, muitos Instrutores. O que lhes falta, porém, é o aparelho adequado - o médium altamente espiritualizado e consagrado, acima de tudo, aos deveres da doutrina, como é o caso de Chico Xavier, ideal pelo qual me venho batendo, na sociedade que dirijo. Porque, na verdade, médiuns para manifestações grosseiras, existem muitos - dentro e fora do Espiritismo. Mas, médiuns para Espíritos doutrinadores, muito poucos. E, para Espíritos cientistas, que eu saiba, nenhum, por enquanto!

Via de regra, as manifestações ou são de sofreadores ou de obsessores. Instrutores, mesmo, de verdade, poucos conseguem transmitir suas mensagens, tão imperfeitamente são, ainda, os médiuns que encontram! Idêntica deficiência se nota, outrossim, no setor dos fenômenos físicos, aqueles que, por sua objetividade, comportam a aplicação de métodos científicos, provocando proselitismo entre os sábios. Dada a falta de preparação doutrinária, tão sobrecarregado de fluidos prejudiciais está, em geral, o perispírito do médium, que nenhum Espírito de certa elevação se

aventuraria a absorver tais fluidos, para materializar-se. Materializar-se mesmo, materializa-se, quase sempre, um Espírito atrasado, cuja mentalidade, via de regra, está abaixo do nível intelectual do médium - fato que chocou a tal ponto alguns homens de ciência, que, liminarmente, afastaram a hipótese de ser o fantasma diante deles materializado um habitante do outro mundo, para admitirem que, muito ao contrário, a personalidade materializada era, apenas, a projeção, no espaço, duma emanção do organismo do médium, plasmada por misteriosas energias do subconsciente!

Na verdade, esses sábios não puderam compreender, por falta de conhecimento doutrinário, que, à maneira do teatro de fantoches, por trás dos fantasmas momentaneamente materializados, trabalhou uma equipe de cientistas do Além, que não entrou em cena por falta de médiuns adequados, mas que manobrou os cordéis para dar efêmera encarnação a Espíritos cujo perispírito estava de acordo com o perispírito do médium disponível na ocasião.

Todavia, quando os médiuns de materialização compreenderem que, afinal, eles não são os tais, porque os fenômenos que tanto assombro e entusiasmo despertam, não são provocados por eles, e sim, trabalho alheio, sabedoria dos Espíritos, certamente se compenetrarão de sua insignificância e procurarão corrigir-se, de acordo com a doutrina, para merecerem, futuramente, a materialização de Espíritos de elevada hierarquia espiritual. E, nesse dia, grande passo terá dado o Espiritismo, consolidando seu prestígio nos meios científicos, porquanto as Entidades materializadas saberão discutir, com vantagem, com os sábios terrenos, provando-lhes sua origem.

Tudo isso é sabido e ressabido, bem sei, meus irmãos. Contudo, para que a doutrina não estacione é imprescindível que médiuns, cada vez mais aperfeiçoados, sejam, cuidadosamente preparados, por todas as Instituições Espíritas do mundo. E, para isso, o caminho é aquele que, em mensagem póstuma, Allan Kardec apontou aos espíritas do Brasil e que Bezerra de Menezes tentou estabelecer, em vida, na Federação Espírita - a escola de médiuns.

Com efeito, o espetáculo pouco edificante que, infelizmente, se observa, em certos locais, onde se imagina praticar o Espiritismo, constitui alarmante sintoma da mais crassa ignorância dos princípios basilares da doutrina! As mistificações que aí se processam correm por conta da irresponsabilidade de médiuns que, desconhecendo a gravidade de sua função, foram para a “mesa de desenvolvimento”, não para exaltarem a doutrina, dedicando-se a ela de corpo e alma, como deveriam proceder, se fossem verdadeiramente espíritas, mas, ao contrário, desejando, apenas, se safarem dos sofrimentos que os levaram ao centro, para, depois de curados, voltarem as costas aos benfeitores!

E alguns há tão afoitos que pouco se demoram na mesa. Na ânsia de se tornarem médiuns a força, pavoneando-se com as faculdades que Deus lhes deu, não se conformam em esperar que tudo venha a seu tempo, à medida que for merecendo, por sua renovação moral, única maneira de iluminar seu perispírito, instrumento de ligação entre os dois mundos - o material e o espiritual. Preferem, então, desertar e ingressar num terreiro, onde, dizem eles, os protetores são mais fortes e as manifestações mais rápidas. Pudera! Todo segredo do desenvolvimento mediúnico reside, como sabeis, meus irmãos, na modificação do estado vibratório do perispírito, de modo a tornar o campo mediúnico facilmente controlável pelos Mensageiros do bem, cujas vibrações perispirituais são incompatíveis com as dos médiuns

faltosos. Ora, os protetores de certos terreiros são tão imperfeitos, ou mais, do que a maioria dos médiuns. Assim sendo, dada a semelhança de estado vibratório do perispírito de ambos, o “protetor” e o “cavalo” não encontram nenhuma dificuldade de adaptação. Daí a facilidade da manifestação, a presteza com que o “cavalo” fica “pronto”. Isso não significa, contudo, como erroneamente imaginam muitas pessoas, que o impropriamente chamado “espiritismo de terreiro” seja mais forte do que o de mesa. Significa apenas, que, para certa espécie de protetores, desnecessário se torna maior aperfeiçoamento do médium.

Em suma: a maioria dos erros cometidos pelos médiuns provém do desconhecimento de fatos elementares, que deveriam ser, sistematicamente, ensinados, nas escolas de médiuns, antes que se permitisse o desenvolvimento da mediunidade, porque o médium, antes de ser médium deve ser espírita! E é nesse sentido que aqui deixo o meu apelo, aos médiuns e aos dirigentes de Centros Espíritas, em benefício do progresso do Espiritismo!

PELO PROGRESSO DO ESPIRITISMO II

Quando se compara a profundidade da Filosofia Espírita com o mistifório da maioria das “mensagens do Além”, publicadas nos países onde o Espiritismo se vem expandindo, não se pode deixar de lamentar a displicência com que os líderes desse grandioso movimento de renovação espiritual têm encarado o futuro da Doutrina dos Espíritos, como a denominou Allan Kardec.

Na verdade, já deveria ter havido, no seio do Espiritismo, uma reação contra a abusiva liberdade com que, qualquer indivíduo, independentemente de prévio preparo doutrinário, se arvora em dirigente de um Centro Espírita, e, por falta de cultura, ou de integridade moral, se transforma em instrumento de retardamento, ou de desmoralização da doutrina, como tem acontecido.

Nada de semelhante seria tolerado em qualquer religião. Mas como, por enquanto, não há legislação específica nesse sentido e o funcionamento dos Centros Espíritas está subordinado a uma delegacia de costumes, órgão entendido no crime, mas incompetente em matéria de filosofia religiosa, é claro que, para tal autoridade, desde que o pretendente não seja marginal, pode fundar um Centro Espírita, e dirigi-lo, contanto que não fuja às normas dos bons costumes.

Todavia, para presidir os destinos duma instituição espírita, não basta não possuir maus costumes: é preciso ter

outras credenciais, indispensáveis perante o Mundo Espiritual, que é quem, em última análise, dirige o movimento espírita.

Infelizmente, contra tão necessária seleção, impera ainda, no meio espírita, a esdrúxula conceituação de que, no Espiritismo, não existem mestres, porque Mestre só Jesus o é. Imagine-se se no Catolicismo ou no Protestantismo, ambos filiados ao cristianismo, fosse assim. Que balbúrdia não seria! Quantos cismas não surgiriam diariamente! Não fora, pois, o esforço dos Mensageiros do Além, em face dessa mentalidade, que equipara o douto ao semi-analfabeto e o virtuoso ao interesseiro, a Doutrina Espírita já se teria esfacelado, fragmentada em milhares de opiniões pessoais e diluída nas mais estapafúrdias modalidades de cultos e de rituais!

Não! Sem o mínimo menosprezo por Jesus, verdadeiro precursor do Espiritismo, força é reconhecer que, sem o concurso de pregadores cultos, e moralmente idôneos, a Filosofia Espírita jamais se imporá ao mundo civilizado! Basta atentar no fato de que, além de retificar muitos erros admitidos por outras religiões, o Espiritismo revoluciona a Ciência, sobretudo a Medicina e, particularmente, a Psiquiatria. Logo, as teses que sua doutrina inspira não podem ser debatidas por qualquer um. E, assim sendo, é justo que se arremessem os líderes espíritas no sentido da criação imediata de escola de doutrinadores, onde, por força de lei, deveriam ser preparados os candidatos à direção dos Centros Espíritas, das escolas de médiuns e, até, das instituições assistenciais de cunho espírita - tudo em benefício do prestígio do Espiritismo.

Paralelamente a esta providência, os presidentes de instituições espíritas deveriam estatuir a freqüência obrigatória à escola de médiuns para quantos se candidatassem ao desenvolvimento das faculdades mediúnicas, evitando-se,

assim, que médiuns desequilibrados somática ou psiquicamente, assumissem o compromisso de tarefas incompatíveis com seu estado físico ou mental, como, desgraçadamente, é fato de observação, em muitos locais que se dizem espíritas!

Sei, de experiência própria, quanto é difícil disciplinar o ambiente espírita, onde, por não querer aceitar a autoridade dos Mestres, cada qual se julga professor, querendo ensinar aos outros o que não sabe para si mesmo...

De experiência própria, sei, outrossim, quanto é custoso convencer aos médiuns de que a mediunidade não é faculdade mecânica, que se movimenta maquinalmente, quando eles se sentam à volta da mesa; mas, ao contrário, é sintonização espiritual, que se consoma à custa de morosa e árdua ascensão espiritual, mediante a prévia destituição das imperfeições morais e a sincera integração nos postulados doutrinários.

Rebatendo a argüição dos que afirmam que, a despeito de moralmente imperfeitos, médiuns há que dão autênticas comprovações de suas faculdades, devo ressaltar que, no caso, o que se visa não é uma ou outra prova verdadeira, mas a autenticidade de todas as manifestações, de vez que é do equilíbrio espiritual do “grupo dos médiuns” que depende o futuro de cada Centro Espírita.

De fato, por mais prodigiosa que seja a mediunidade, se o médium é moralmente fraco, longe de ser um sustentáculo para a instituição a que pertence, pode tornar-se instrumento de mistificação, de discórdia interna, e, até, de desagregação da obra que se propôs realizar!

Na verdade, há um ponto que não se deve esquecer: a imensa maioria dos médiuns só procura os Centros Espíritas porque, sofrendo muito, não encontrara lenitivo na Medicina. No fundo, porém, todos querem ver-se livres das mazelas, para se escafederem enquanto antes, do local onde

se beneficiaram. Não lhes move, pois, nenhum sentimento nobre, em relação às faculdades que possuem: desejam, egoisticamente, seu bem-estar. Curados, não pensam, via de regra, nos que poderiam, também, curar. E se muitos permanecem nos centros, fazem-no constrangidos, com medo de se retirarem e de serem castigados pelos “protetores” da instituição, que os amparou. Tudo errado e contrário a uma doutrina de amor e de perdão, como é a Filosofia Espírita. Mas, de qualquer modo, médiuns dessa espécie não servem para o progresso da doutrina. Para isso, é imprescindível que o médium sinta, no coração, o entusiasmo por sua missão, colocando, acima de tudo, os sagrados interesses da doutrina. Caso contrário, desertará - ora por tibieza em face dos deveres; ora por vaidade, julgando-se, já, mestre e capaz de, por sua vez, dirigir um grupo de médiuns! Nessas condições, por fraqueza de vontade ou por fatuidade, tão cego está que nem repara na traição que perpetra contra a instituição que o socorreu; e nem pondera a responsabilidade duma defecção, que pode retardar o progresso do Espiritismo! E é assim, pela pusilanimidade de uns e a vaidade de outros, que muitos Centros Espíritas acabam divididos e subdivididos em grupos, grupinhos e grupelhos, onde os médiuns traidores, que repudiaram a autoridade do Mestre que os amparou, transvestidos em mestres-mirins, disseminam os frutos de sua execrável felonial!

Em suma - contra tais descabros, urge que se plasme a mentalidade espírita noutros moldes, implantando-se a mística de que os sacrossantos interesses do Espiritismo devem sobrepassar acima de tudo, até da própria vida do adepto, porque a Doutrina Espírita é, antes de tudo, um patrimônio divino confiado à humanidade para a regeneração do mundo e a elevação espiritual do homem, a fim de que a paz e a felicidade sejam, definitivamente, implantadas no planeta!

Que venham, pois, - enquanto antes - as escolas de doutrinadores e as escolas de médiuns, pedras angulares para o grandioso edifício, que o Espiritismo construirá, para a ventura da humanidade e para glória de Deus!

ESCLARECENDO OS ESPÍRITAS

Confrades há que, sem embargo da confiança, do entusiasmo mesmo, que demonstram pelo Espiritismo, continuam a comportar-se, em muitas situações, ao arrepio dos princípios doutrinários.

Na verdade, são espíritas pelo coração, que agradecidos pelo amparo moral recebido, a si mesmo se dispensaram de empregar a razão na análise dos fatos. E é fora de dúvida que, pela fé, podem conquistar certa evolução espiritual. Todavia, porque não estudaram a teoria, nem utilizaram o raciocínio em matéria de tamanha responsabilidade para eles, além de cometerem erros lastimáveis, causam escândalo e confusão, nos sectários doutras crenças, o que é lamentável, de vez que dificulta o proselitismo.

Em palestras anteriores, já mostrei quanto é errado o espírita fazer promessa aos santos católicos, acender velas às almas e defumar o lar. Hoje, quero chamar a atenção para um fato, aparentemente sem importância, mas que, no entanto, é de suma gravidade para o espírita, que o pratica. Refiro-me ao batismo. Bem sei que muitos confrades não o consideram senão como um ato puramente social, sem qualquer valor místico. Mas aí é que está o erro. Primeiro, porque, praticado como exigência social, o batismo deixa de ser um fato sem significação, para ser hipócrita transigência com descabido preconceito; e o espírita, para ser espírita,

não pode ser hipócrita, nem admitir qualquer preconceito social. E muito mais grave será a falta espiritual, se, por trás desse ato, considerado como meramente social, se ocultam interesses inconfessáveis, como é o caso dos que procuram para os filhos padrinhos ricos ou influentes, com o fito de tirarem proveito de fingida amizade. Porque, aí, o erro não foi, somente, a hipocrisia: foi a calculada barganha duma amizade insincera pelos favores de um compadre ingênuo - fato que, à luz da espiritualidade, é crime perfeitamente caracterizado, que atenta contra a lei da fraternidade.

Contudo, à parte o aspecto social com o qual esses confrades querem disfarçar a hipocrisia ou a tibieza de convicções doutrinárias, o batismo tem, para os que o instituíram, e para os que nele crêm, transcendental significação: é, para certos cristãos, um sacramento, que tem o privilégio de apagar o pecado original e, segundo certos teólogos, de expulsar o demônio e de transformar o batizando em filho de Deus!

Como se vê, o batizado, como sacramento, tem poderes que a Filosofia Espírita, *a priori*, nega. De fato, não só porque seria clamorosa injustiça, como porque, admitindo a lei das vidas múltiplas, a Doutrina Espírita não pode aceitar a hipótese do pecado original, herança absurda de discutível erro de lendário casal, que, afinal de contas, nada mais fez do que aquilo que todo casal continua a fazer com o beneplácito da própria Igreja; dessa mesma Igreja que valoriza o casamento a ponto de considerá-lo um sacramento, e que, de acordo com o “crescei e multiplicai” aconselha os pais a gerarem filhos!

Ora, aceitando, como não pode deixar de aceitar a reencarnação, o espírita, *ipso facto*, não pode admitir o pecado original, a menos que o conceba não no sentido teológico, mas como tara de imperfeições trazidas de anteriores exis-

tências, no Espírito da criancinha que acaba de nascer. Mas, nesse caso, a tara deverá ser extinta mediante as lutas da reencarnação, pela diuturna depuração do Espírito reencarnado - e não por um passe de mágica na pia batismal!

Da mesma forma, se, em virtude de crimes cometidos em vidas anteriores, o Espírito que acaba de reencarnar, veio assediado por Espíritos maléficos, inimigos de outra, participantes do crime, de toda forma, essa má assistência, não se afastará de repente, e sim, mais tarde, quando a elevação espiritual do antigo criminoso lhe permitir amparar aqueles que, no passado, levou à desgraça.

De resto, para o espírita, convicto como deve ser de que todas as criaturas humanas foram criadas por Deus - e criadas exatamente iguais, como Espíritos inocentes e ignorantes, que, pelo próprio esforço e gozando de relativo arbítrio, devem atingir, um dia, a perfeição e, com ela, a felicidade definitiva, - para o espírita, repito, não tem sentido dizer que o batismo transforma o catecúmeno em filho de Deus, porque, na verdade, todos os Espíritos, estejam eles encarnados ou desencarnados, na Terra ou noutra planeta qualquer, são, desde a origem, filhos de Deus. Por conseguinte, sob o aspecto teológico, o batismo não tem a menor significação para o espírita.

Todavia, pelo fato de não ter, para o espírita, maior significação, não se segue que o batizado, em si, não traga graves prejuízos aos filhos dos espíritas. E isso é que é de fundamental importância, até para o progresso da Doutrina Espírita. De fato, é dever de todo espírita zelar pelo futuro da humanidade, transmitindo aos filhos não só as lições como os exemplos do Espiritismo. Toda mistura de doutrina, toda confusão de práticas, repercute, sempre, de modo altamente prejudicial nos jovens que principiam a absorver os ensinamentos da Filosofia Espírita, fato explicável pelas leis psicológicas já formuladas. Mas o certo é que a mistura de

religião não é prejudicial apenas na juventude - também nas primícias da vida pode influir, se se levou a criancinha a involuntário compromisso com Espíritos doutras seitas. E é o que acontece no batismo quer seja ele praticado no Catholicismo, no Protestantismo ou noutra qualquer religião, que tenha o batismo na conta de sacramento. De fato, durante o batismo, a criancinha recebe, no corpo espiritual ou perispírito, um fluido magnético, correspondente à religião do sacerdote que realiza a cerimônia; e mais - esse fluido é trazido, no momento, por um Mensageiro do Além, partidário da religião oficiante, que se considera, daí em diante, paraninfo e protetor do batizando, responsabilizando-se, perante seus superiores, pela futura conversão do recém-batizado!

Diante disso, é de calcular-se o trabalho que, mais tarde, o pai espírita terá, para converter o filho, que inadvertidamente batizou em religião antagônica à sua! E, desde já, posso asseverar que, se não tiver ascendência moral sobre o Espírito que paraninfou o compromisso do batizado, convertendo-o à Doutrina Espírita, jamais converterá o filho; e terá o dissabor de vê-lo encaminhado para doutrina diferente, ou, o que será pior, transviado para o materialismo e revoltado contra os antagonismos das religiões, fato que ele não saberá, jamais, justificar, porque na realidade, não atentou na diversidade da evolução dos Espíritos encarnados na Terra. Em conclusão: nada justifica que os espíritas batizem os filhos na Igreja Católica ou noutra qualquer. Nem no Espiritismo, onde o batizado seria uma aberração!

FALANDO AOS PARA-ESPÍRITAS

O Espiritismo é muito freqüentado, mas pouco estudado. Pelo menos no Brasil assim é. De modo que muitas criaturas, a despeito de freqüentarem, assiduamente, as sessões espíritas, continuam a proceder contrariamente à doutrina. Muitos até nem mudam de religião. Às sextas-feiras, vão ao centro, “para descarregar o azar”, e aos domingos assistem à missa, para pedir perdão a Deus pelo contato com o culto espírita! Esses, coitados, imaginam-se, quicá, religiosos liberais, livres de peias sectárias, e, não obstante, são espíritas superficiais, que não penetraram nem nos meandros da Doutrina Católica, nem na essência da Filosofia Espírita. Caso contrário, só pelo fato de admitirem, no intercâmbio com o mundo dos Espíritos, a manifestação de autênticos benfeitores da humanidade, dispensados ficariam do comparecimento à missa, cuja significação é a reconciliação do Criador com a criatura mediante um deicídio - hipótese absurda, que o Espiritismo jamais poderia aceitar.

Contudo, o pior não é esse injustificável arrependimento, esse serôdio remorso dominical pelos benefícios porventura colhidos no Centro Espírita. Isto prova, apenas, fraqueza de caráter ou tibieza de convicções, até certo ponto compreensíveis, nos sofreadores que ainda não encontraram o

verdadeiro caminho que lhes traçou o destino. Mas é provável que, se perseverarem, um dia, acharão, finalmente, a religião, que, consoante o grau de evolução espiritual em que se encontram, poderá conduzi-los ao mais rápido progresso espiritual. O pior é que, muitas pessoas que freqüentam o Espiritismo fazem uma salganhada danada, misturando, na prática, rituais do Catolicismo e dos “terreiros” dos cultos africanos, que, mais ou menos deformados vicejam em nossa pátria. Por falta de maior esclarecimento, esses irmãos, que, com licença dos glotólogos, eu me permito denominar para-espíritas, a despeito de se dizerem espíritas, continuam a render culto a imagens, conservando, em seus lares, os santos do Catolicismo, o que não é, propriamente um mal, embora seja demonstração de incompreensão da Doutrina Espírita. O pior é que muitos para-espíritas, isto é, irmãos que estão próximo de serem verdadeiros espíritas, faltando-lhes, apenas, melhores conhecimentos doutrinários, ainda cometem um grave erro: fazem promessas ridículas aos santos. Ora, o santo quando é santo de verdade, é sempre, um irmão superior, um Mestre no Mundo Espiritual e, na Terra, um protetor da humanidade. Como ocorre com Espírito iluminado, desprendido já das paixões e questiúnculas que movimentam os insignificantes habitantes deste planeta, a única promessa que, de fato, proporciona alegria a um santo é o compromisso moral, assumido pelo promitente, de que vai corrigir-se de seus defeitos, de seus vícios, em suma, de suas imperfeições. Só assim, poderá obter a proteção do santo, isto é, do irmão superior, que, por suas virtudes, pode servir de intercessor, sem atentar contra os princípios que governam a sapientíssima justiça divina. Todavia, quando se conhece a Doutrina Espírita, sabe-se, de certeza certa, que melhor intercessor não há nem pode haver, do que o Guia espiritual, o Mentor de cada criatura, de vez que, perante o Criador, é ele o fiador do

progresso espiritual de seu protegido. Ora, onerado com tamanha responsabilidade perante à espiritualidade, é justo que, em todos os casos, sobretudo naqueles que de alguma forma poderiam afetar o destino do homem, é o Guia espiritual, seu Mentor, que, em última instância, delibera sobre a conveniência ou não de atender ao pedido que originou a promessa. Logo, o espírita, ao invés de dirigir-se a outros Irmãos superiores do Além, dirige-se diretamente ao seu Mentor, que é o seu maior protetor. Mas a ele se dirige, não para prometer baboseiras, que para um Mentor espiritual nada representam, e sim para pedir socorro espiritual, isto é, paciência, humildade e, sobretudo, resignação na luta incruenta das provações redentoras, que a todas as criaturas afligem durante a encarnação terrena. Não é senão se melhorando, corrigindo-se e conquistando valores espirituais, que o homem pode suavizar suas provas, adquirindo essa preciosidade que se chama paz de espírito, apanágio de poucas criaturas terrenas, num mundo revolvido, ainda, pela fúria da ganância, pela sofreguidão de usufruir sensações e pelos desvarios da luxúria - ganância, sensações e luxúria que empolgam a imensa maioria dos terrícolas. Paz de espírito que é, por conseguinte, um corolário do esforço empreendido no sentido da ascensão espiritual. Ascensão espiritual, que assegura a proteção de Mensageiros do amor de Jesus. Proteção, que conforta na adversidade e inspira na solução de complexos problemas materiais. Conforto e inspiração que decorrem do mérito real de cada um, já que é da Lei que cada qual receba de acordo com suas obras, sobretudo das obras realizadas em vidas anteriores. Não é, portando, tentando “comprar”, com vãs promessas, à justiça divina, nem tão pouco acendendo velas às almas ou defumando o lar, que se há de solucionar problemas morais ou econômicos, como imaginam, desgraçadamente, os pretensos espíritas, que no contato com o Espiritismo, não

absorveram nem os princípios fundamentais da luminosa Filosofia Kardequiana. Velas acesas com intenção de alumiar os caminhos de almas transviadas, seria rematada tolice, se não fora lamentável convite a Espíritos sofredores, em estado de intensa confusão mental, que atraídos pelo pensamento de quem acende a vela e conturbados, ainda, pelas credices que aceitaram na vida terrena, se instalam dentro de casa, lá permanecendo longo tempo, vários meses, talvez, num estado que é menos de oração do que de fascinação, diante de débil luz, que jamais lhes poderia clarear o roteiro para Deus, pois a luz que nos conduz ao Criador, é a luz com que, graças às nossas virtudes, iluminamos o nosso próprio Espírito.

De resto, querer afungentar Espíritos maléficos com defumador, seria ridícula pantomima, se não fosse perigosa oportunidade de dar a Espíritos atrasados, novas energias para redobram seus malefícios, piorando o ambiente, que se quis melhorar e agravando o problema que se pretendeu solucionar.

Não! Não é assim que se obtém proteção espiritual e amparo para a solução de problemas angustiantes, e muito menos, tranqüilidade de consciência. É, ao contrário, lutando contra as próprias imperfeições, expungindo as mazelas da alma e trabalhando com amor pelo bem do próximo, que se conquista a iluminação espiritual, aquela que atrai os Mensageiros do bem e encurta o caminho do progresso na direção do Senhor do Universo - fonte da suprema felicidade!

O ESCÂNDALO É NECESSÁRIO

Escandalizam-se certos religiosos, que vivem fanaticamente apegados à letra morta dos textos, quando ouvem o espírito interpretar, à luz da Filosofia Kardequiana, confusos e problemáticos ensinamentos bíblicos. Sobreretudo se o texto é atribuído a Jesus, o glorioso profeta galileu, prematuramente assassinado, antes que houvesse escrito, fielmente, tudo o que sabia, ou, pelo menos, atraído para o grupo de seus discípulos, um elemento à altura da doutrina que deveria transmitir às futuras gerações. Pois, nesse particular, Jesus foi mais infeliz do que Sócrates, que, nada tendo escrito, contou, não obstante, com o gênio de Platão, para legar à posteridade o pensamento do mestre ateniense. E a verdade é que, por mais que queiram jogar poeira nos olhos dos incautos, se Jesus, depois de morto, não continuasse a trabalhar heroicamente na crosta terrena, aparecendo aos discípulos videntes e, até, materializando-se totalmente, para convencer Tomé, com a execrável crucificação do inocente, ficaria definitivamente encerrada a missão do glorioso Mestre, tão acovardados já estavam os seus seguidores.

De toda forma, porém, há dois fatos que se não podem menoscar, quando se quer estudar a Doutrina de Jesus, o

primeiro é que ele, pessoalmente, nada escreveu; e, de tudo que pregou, só conhecemos o que nos participaram os autores dos diversos Evangelhos aparecidos posteriormente, dentre os quais a primitiva igreja, arbitrariamente, escolheu os quatro, que considerou canônicos, Evangelhos que, em muitos pontos, discordavam entre si - diga-se de passagem.

O outro fato sobre o qual não se pode deixar de atentar é que Jesus, positivamente, não pregou tudo o que sabia, em virtude da intolerância religiosa do Sinédrio, que, de acordo com o *Deuteronomio*, não admitia novas revelações, castigando com a morte os que ousassem infringir as leis de Moisés. E posto que, nos próprios Evangelhos incorporados à *Vulgata*, haja fortes indícios de que Jesus, particularmente, revelava aos discípulos mais dignos de confiança, certos ensinamentos que, publicamente, não poderia proferir sem arriscar-se a ser lapidado, o fato é que tais ensinamentos não figuraram em nenhum dos Evangelhos, nem mesmo nos trinta e nove que a Igreja considerou, por conta própria, como apócrifos! Ao contrário, em todos os documentos conhecidos, o pensamento de Jesus está, sempre, obscurecido pela parábola, quando não deturpado por conceitos antagônicos ao espírito de sua doutrina de amor universal.

Em face, pois, da obscuridade dos textos e dos contrastes dos ensinamentos considerados como de Jesus, o espírito adota o critério de analisar os textos bíblicos através do prisma de sua doutrina, que, como é notório, não proveio, como as demais, de revelação pessoal, confiada a determinado profeta, mas, ao contrário, foi transmitida a Kardec, e continua a ser confirmada no mundo inteiro, por Espíritos missionários, que, falando em nome de Deus, afirmam que vêm repor, no devido lugar, a doutrina que Jesus não pôde esclarecer, ampliando-a, de acordo com a mentalidade mais evoluída da época atual. De modo que, sem estabelecer paralelo entre Kardec e Jesus, já que entre eles medeiam dezeno-

ve séculos de civilização, a verdade é que a Doutrina Espírita, embora mergulhando suas raízes no mais puro cristianismo, dilatou sobremaneira a revelação do glorioso Mestre de Nazaré, criando íntimos contatos entre os diversos sistemas religiosos, e deixando prever, para futuro talvez não muito remoto, a unificação de todas as religiões no esquema filosófico do Espiritismo, decalcado como está, não em filigranas de apologética, mas em fenômenos cientificamente comprovados.

Seja como for, porém, o fato é que, seguro como está da autenticidade dos ensinamentos trazidos pelos Emissários de amor, que, vindos do Mundo Espiritual, forneceram a matéria prima para a codificação kardequiana, o espírita não pode deixar de orientar-se, no estudo da Bíblia, pelas luzes que sua filosofia religiosa lhe oferece. Caso contrário, teria de refugar numerosos textos bíblicos, refugando, inclusive, diversas passagens evangélicas.

Haja vista o que figura no Cap. XVIII vers. 1 a 9, de Mateus, episódio um tanto truncado em Marcos e Lucas. Passagem, como se vê, que leva a vantagem de figurar nos escritos de três evangelistas.

Conforme sói acontecer entre condiscípulos, disputavam os aprendizes de Jesus sobre quem seria o maior no reino do Céu, isto é, no Além. Querendo eliminar a emulação, que a vaidade já principiava a estimular entre os discípulos, Jesus adverte-os que, se não se tornarem como meninos, isto é, puros e sinceros como toda criança inocente, jamais entrariam no reino do Céu. Creio que, até aí, todos estão de acordo. A menos que haja mesmo algum teólogo capaz de supor que Jesus pretendia o milagre biológico de metamorfosear um adulto em criança. Todavia, prosseguindo na prédica, Jesus, depois de afirmar que o escândalo era necessário, ou, melhor, inevitável, malsina o escandaloso, dizendo que “melhor fora que se lhe pendurasse ao pescoço

uma mó de azenha e que ele se atirasse ao fundo do mar!” Ora, isso, friamente dito, é, se me não falha a luz da razão, lamentável convite ao suicídio - o maior crime que uma criatura poderá praticar contra si mesma. Convite absolutamente contrário à Doutrina do Nazareno. Logo, o que res- sumbra aí, só poderá ser chocante imagem de oratória, para amedrontar os causadores de escândalos, acerca dos sofrimentos que os aguardam no Além. Continuando, porém, a estigmatizar os provocadores de escândulo, sentencia Jesus: “Se a tua mão ou o teu pé é objeto de escândalos, corta-o e lança-o fora, porque melhor será que entres na vida maneta ou pernetta do que seres lançado ao fogo eterno. E se o teu olho te escandalizar, arranca-o e atira-o longe de ti, porque melhor te será entrar na vida com um só olho do que seres lançado ao fogo eterno.” Tirante este “fogo eterno”, que deve ser uma das muitas interpolações com que os primitivos pais da igreja, a pouco e pouco, foram ajeitando aos seus desígnios os textos evangélicos, tudo diz que Jesus, de fato, tenha proferido tais conselhos, de envolta com tão terríveis ameaças. E, interpretadas ao pé da letra, não há de negar que a prédica distoa berrantemente da própria revelação trazida por Jesus, na qual se nos manifesta a presença de um Deus todo amor e justiça, que implantou, como lei, a fraternidade, a caridade, o amor ao próximo e, portanto, a tolerância e o perdão. Tudo contrário, portanto, ao trágico código de automutilação, que transparece no texto evangélico. E, errada como é a humanidade, se a sentença fosse para valer, milhares de cristãos perambulariam por aí sem mão, sem braço, sem olho e, muito provavelmente, sem outros órgãos, que, com maior facilidade, levam o homem ao fracasso.

Compreendida assim, literalmente, a Doutrina de Jesus seria simplesmente horripilante! Examinada, no entanto, à luz dos ensinamentos espíritas, a lição de Jesus adquire uma

feição sublime porque alia à justiça do Criador a bondade do Pai. Basta projetar-se sobre a crueldade do texto evangélico a claridade da lei da reencarnação. Agora sim. Se, por um lado, o texto nos lembra de que a mão, pelos crimes que comete, pelos documentos que falsifica, pelos livros pornográficos que escreve e por tudo mais que possa difundir a ação maléfica de um homem perverso, falsário ou depravado, é, de fato, instrumento de escândalo, e, por conseguinte, objeto de perdição, por outro lado nos adverte de que, para evitar, noutras encarnações, a incidência nos mesmos erros, Deus nos priva dos órgãos que propiciaram a realização dos crimes. Daí os aleijões de nascença. E quantos Espíritos há que, de tanto cobiçarem, em sucessivas encarnações, e de tanto errarem, por conta dessa ambição ingênita, acabam privados, desde o nascimento, do órgão da visão - única maneira de não errarem, porque, não vendo, não desejam desbragadamente? E não é só a deformidade física que os erros reiterados podem originar, com finalidade corretiva: são, também, e principalmente, os sofrimentos morais, enfrentados no Mundo Espiritual, após a desencarnação, esses bem piores do que as mutilações de nascença. E, exatamente porque são piores, é que Jesus, conhecendo-os, afirmava que melhor seria arrancar o olho do que continuar vendo, e perder o Espírito, pelas tentações que o olho proporciona ao ganancioso, ao guloso, ao libidinoso, etc. etc.

Em suma, examinado à luz da Doutrina Espírita, o nebuloso ensinamento parabólico anotado pelos evangelistas transmuta-se em fonte viva de amor e de verdade; e Jesus assume proporções assombrosas, figurando entre os maiores, senão o maior Instrutor da humanidade, que, até hoje, encarnou neste humilde planeta que habitamos. Portanto, se quiserem compreender Jesus - e, se não o compreenderem, jamais o poderão amar - estudem, meus irmãos, a Fi-

DÚVIDAS DUMA MILIONÁRIA...

losofia Espírita e vejam como sua luz espanca as trevas de numerosos textos evangélicos e abre sendas ao Espírito humano!

Atendendo ao pedido, vou responder as objeções que lhe faz uma parenta rica contra suas convicções espíritas. Isso porque as dúvidas da milionária são razoáveis. Eu próprio, se não houvesse encontrado, no Espiritismo, a explicação lógica para certos mistérios ligados ao destino humano, estaria, até hoje, num estado de espírito parecido com o da ricaça - duvidando de que uma lei de causalidade moral regesse os caminhos das criaturas terrenas. Por isso mesmo, de antemão, como espírita, perdô a acrimônia com que a parenta rica procura humilhar a crença da missivista, que é, também, a minha crença. Dada esta prévia explicação, entro agora no assunto da carta, respondendo, sumariamente, consoante o permite a angústia desses minutos de que disponho.

Não acredita a milionária na existência dos Espíritos; e pergunta à parenta pobre como pode ser, se a população do mundo aumenta cada vez mais? Respondendo, pela bondosa confreira que confiou no meu fraco saber, devo esclarecer à feliz argentária que, no estado atual das investigações científicas realizadas no domínio da fenomenologia espírita, a existência dos Espíritos não é mais problema especulativo; é fato provado. Contudo, por uma concessão à

cegueira mental dos que ignoram as pesquisas realizadas no domínio do Espiritismo, dou de barato que a prova não houvesse sido feita. E daí? Qual a dificuldade que se poderia opor ao Criador do Universo para criar incessantemente novos Espíritos? Pois o homem, inconscientemente, movido, apenas, pelo prazer sexual não “cria”, a cada passo, novos seres? E, porventura, as leis biológicas, e, dentre elas, as que dirigem a embriogênese, a formação do corpo fetal, não refletem a sabedoria do Criador? Ou, acaso, haverá alguém tão ingênuo que, à maneira de certos materialistas empedernidos, acredita que a organização do corpo humano seja obra exclusiva da natureza, como dizem aqueles que, para negar o Criador, divinizam a criação? Não. A natureza em si nada mais é do que a manifestação do pensamento divino no domínio das forças cósmicas. E se, no setor material, onde predominam as leis físico-químicas, novos corpos se formam, a cada momento, por que negar ao Criador o poder de criar novos Espíritos? Será que o Universo é tão pequeno que não comporte tal criação? Ou será que o espaço ocupado pelos Espíritos, que sobrevivem, desde que a Terra se tornou habitável, já está tão repleto que não caibam outros mais? Que representa, na verdade, este aumento da população de nosso Globo, diante das dimensões do Universo e do mínimo espaço ocupado pelo Espírito desencarnado? Nada. E é, até, ridículo negar a existência dos Espíritos pelo fato de não se saber onde colocar, em face do crescente aumento da população deste mundo, tantos Espíritos, que, diariamente, são libertados através das portas da morte! E mais ridículo ainda é querer forçar o Criador a permanecer inativo, em férias, depois das primeiras criações... De toda forma, porém, é preciso atentar no fato de que este mundozinho minúsculo que nós habitamos, presentemente é, apenas, um ponto infinitesimal

perdido na incomensurável vastidão do Universo! Mais além, muitos outros mundos existem, maiores e melhores, onde evolui um número incalculável de Espíritos, nossos irmãos, dentre os quais alguns já habitaram e outros ainda habitarão a Terra, ou um planeta semelhante; pois não só a Terra como todos os mundos nada mais são do que “escolas” destinadas à eterna evolução do Espírito eterno!

Que a parenta rica de minha ouvinte pobre não se assombre, pois, com o número de Espíritos necessários à constante multiplicação das criaturas humanas em nosso planeta; porque, apesar de tudo, sobrou um Espírito para animar seu corpo carnal, e, depois que os vermes o devorarem, ainda encontrará, do lado de lá, muito espaço para o seu verdadeiro eu - esse mesmo Espírito imortal, que irá dar contas dos atos aqui praticados; e que terá muito tempo para compreender aquilo que hoje se lhe afigura tão absurdo - a permanente atividade criadora do supremo Criador do Universo e a constante renovação dos Espíritos que habitam a Terra, uns, provenientes de planos inferiores, outros, de planos superiores e a maioria, originária de nosso próprio plano, onde reingressa pela lei da reencarnação, e todos, sem exceção alguma, em busca de novos valores para seus Espíritos carecentes de progresso...

Outro motivo de perplexidade para a parenta rica de minha missivista pobre é que para o Espiritismo só se encaminham os pobres, nunca se vendo os milionários nas casas espíritas, dando assim a entender que a crença no Espiritismo é um derivativo para criaturas torturadas pela miséria, sendo inteiramente dispensável aos que se julgam donos do próprio destino.

Posto que, ao contrário do que imagina a apatacada adversária, o Espiritismo não seja, exclusivamente, um campo para os miseráveis, mas, acima de tudo, um farol para os que têm sede de verdade e buscam o caminho da ilumina-

ção espiritual, é sabido que as criaturas terrenas, presunçosas como são, só se humilham perante o Criador, no momento em que as massacra o sofrimento. Não foi por palpite, pois, que grande instrutor da humanidade, muito conhecido de nome e pouco imitado até hoje, em sua última encarnação terrena, nos legou o Sermão das bem-aventuranças, onde bem claro está: “Bem-aventurados os que choraram, porque serão consolados; bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados...” Também não foi por leviandade que o iluminado Rabi da Galiléia rematou sua imortal prédica com a terrível advertência: “Ai de vós que sois ricos, porque já recebestes a vossa consolação! Ai de vós que rides agora, pois que lamentareis e chorareis!...” É evidente que, bom como era, a ponto de consagrar-se inteiramente à sua prodigiosa mediunidade curadora, e viver para mitigar os sofrimentos alheios, sem auferir, com isso, o mínimo provento material, praticando o bem pelo amor ao bem, e, ao mesmo passo, revelando nova conceituação acerca do Criador, mostrando-O não como um Deus privativo do povo de Israel, “Senhor dos exércitos” e protetor parcial duma nação privilegiada, mas, ao contrário, como um Deus Universal, Pai de todos, Jesus, que assim procedia, e assim ensinava, não poderia louvar o sofrimento e malsinar a riqueza se, no comportamento das criaturas, não vislumbresse, acima de tudo, as conseqüências morais sofridas numa vida maior - a vida espiritual!

De feito, com louvar o sofrimento, não mais fazia Jesus do que proclamar o valor corretivo que as provações exercem na retificação dos erros e nas ratificações das virtudes - virtudes e erros que, independentemente da forma de religião, darão ao Espírito desencarnado a justa situação em que se encontrará. E, como a vida espiritual é a verdadeira vida, não só porque mais intensa e mais ligada à consciência moral, como porque mais duradoura, natural se torna

que se louve o choro, quando é ele, que, qual remédio amargo, nos expurga do Espírito as mazelas que nos poderiam jungir a planos infernais, de cruciantes tormentos depuradores, mal a morte nos surpreendesse! Por outro ao exprobrar a riqueza, não fê-lo Jesus por despeito, ele que fora filho dum pobre carpinteiro, mas, porque, como Espírito de gloriosa evolução, profundo conhecedor da psicologia humana, e, sobretudo, como autêntico iniciado que fora, sabia de ciência certa, quanto a fortuna pode contribuir para o fracasso espiritual do homem!

Na verdade, poucas criaturas existem ainda hoje, na Terra, que podem manipular o dinheiro sem chafurdar-se no atascal das mais sórdidas maquinações. A maioria, iludida pelo poder social que o ouro lhe dá, além de massacrar o arbítrio de seus semelhantes; além de corromper caracteres pusilânimes; além de esparramar a desgraça e a corrupção em muitos lares modestos; além de desonrar moças inexperientes; além disso tudo, ainda se torna atrabiliária, prepotente, orgulhosa, egoísta, sibarita, gozadora, descaridosa, indiferente à dor alheia, vivendo para si, e, sobretudo, vivendo da e para a satisfação dos sentidos corporais!

Ora, a Doutrina Espírita ensina que o dinheiro, como todo bem que é dado ao homem, não constitui, de fato, uma propriedade de quem o retém em mãos, mas, tão-somente, um empréstimo concedido por Deus ao Espírito encarnado, a fim de que ele o mobilize em proveito próprio, não só no que toca ao conforto material, mas, sobretudo, no que diz respeito ao seu progresso espiritual, mediante a cultura intelectual, quando for o caso, e, sempre, através do amparo material e moral que venha a dispensar a seus semelhantes, quer estejam eles dentro da família, quer permaneçam ligados apenas ao campo de suas atividades. Ensina, pois, que o dinheiro não é para ser esbanjado egoísti-

camente, para regalo próprio e dos seres amados, mas também utilizado em proveito dos irmãos associados à sua vida, seja como domésticos, seja como empregados, seja como parentes necessitados...

Não manda - é claro - a Doutrina Espírita que todo rico proceda como aquele rico invejoso, que, despeitado com a prodigiosa mediunidade de Jesus, foi ao encontro do Mestre com o secreto intuito de propor-lhe a compra, a peso de ouro, do segredo de sua mágica, que tantas curas fazia, e que, desmascarado diante da percepção extra-sensorial do Rabi, foi convidado, propositadamente, a fazer aquilo que ele, rico usuário, jamais faria, ainda que fosse para ser discípulo e para possuir o dom de curar: destituir-se de todos os bens materiais, dividindo a fortuna com seus fâmulos, e, pobre como o filho do carpinteiro, palmilhar as estradas da Palestina esparzindo, a mancheias, não as espórtulas dum cofre abarrotado, mas uma riqueza muito mais valiosa, porque inesgotável e eterna, a riqueza da mediunidade curadora e da fraternidade - riqueza que conforta, regenera, converte e conquista o coração amargurado e revoltado dos desgraçados que ainda não encontraram Deus!

Não exige - é evidente - a Doutrina Espírita que o rico se faça miserável para ser verdadeiro espírita, mas mostra a tremenda responsabilidade do manuseio da fortuna e coíbe o abusivo emprego do poder econômico em detrimento de seus semelhantes. E isso, via de regra, é contrário à conceituação que os ricos fazem de seus bens; e, sobretudo, é muito contrário ao uso inconfessável que muitos ricos costumam fazer do dinheiro que herdaram ou que acumularam sabe Deus de que maneira. Por isso é que, por enquanto, ainda são raríssimos os milionários desapegados dos bens terrenos, conforme observou a parenta rica da ouvinte pobre que me escreveu. Dia virá, porém, talvez poucos anos depois da hecatombe atômica que se aproxima, em que os milionários da Terra também saberão valorizar o Espiritis-

POR QUE A CONVICÇÃO DOS ESPÍRITAS É IRREMOVÍVEL

mo! Atualmente, força é reconhecer que o Espiritismo destina-se precipuamente aos Espíritos desencarnados que ainda perambulam neste planeta, e, quiçá, a alguns habitantes da Terra que têm sede e fome de justiça e de verdade!

Na época em que residi nas proximidades da basílica de Nossa Senhora Auxiliadora, em Santa Rosa, tive oportunidade de ouvir, em prédica irradiada para rua, um conceito muito honroso para os adeptos do Espiritismo. Referia-se o ardoroso orador sacro ao fato de certa senhora o ter procurado, para ministrar a extrema-unção a um parente prestes a desencarnar. Supondo, pelo nome, que se tratasse de conhecido espírita, inflamou-se o sacerdote em santa revolta contra o moribundo, interpellando a lacrimosa beata se, acaso, não se tratava do réprobo espírita. Assombrada, persignando-se talvez, a zelosa temente a Deus, protestou que não, esclarecendo o iracundo padre sobre a confusão do nome, ou melhor - do sobrenome do agonizante. Satisfeito o piedoso zelo do prelado, o orador em patética apóstrofe, reproduzira o que, em resposta à solícita católica, lhe havia dito: “Ainda bem, minha senhora, porque se fora o espírita, eu lá não iria; pois saiba a senhora que os espíritas não se convertem; são irremovíveis em suas convicções; já fizeram, em vida, um pacto com Satanás!”

Na verdade, meus caros ouvintes, por trás do vitupério, oculta-se a grande verdade. O pacto com Satanás foi invenção do padre, mas que os verdadeiros espíritas jamais poderiam converter-se ao Catolicismo isso é certíssimo! Digo

mais - da boca de um padre nunca se poderia esperar maior elogio do que esse - que os espíritas não se convertem, porque, neles, a convicção é inabalável!

Todavia, com ser inabalável, não se segue que provenha do fanatismo, da ignorância! Muito ao contrário, a fé do espírita repousa sobre um bloco indestrutível de fatos rigorosamente comprovados. E comprovados não, apenas, pelos crentes, mas por muitos homens de ciência, quase todos dominados por profundo ceticismo, senão por verdadeira revolta contra a hipótese da comunicabilidade dos Espíritos. Contudo, a força comprobatória dos fenômenos é de tal monta que grande número de cientistas, de adversários que eram antes de investigarem, adeptos se tornam depois que pessoalmente verificaram a realidade das manifestações dos habitantes do Além! E, na verdade, mais do que a autoridade da Bíblia, pesa, na consolidação dos postulados filosóficos da Doutrina Espírita, o ensino direto trazido à Terra pelos Espíritos missionários, encarregados da ampliação da divina revelação. E a prova é que sempre que os textos das chamadas “sagradas escrituras” não condizem, com os fatos comprovados experimentalmente, prevalece o ensino transmitido pelos Instrutores do Além. Como se infere, o espírita, ao invés de permanecer hipnotizado à letra morta de problemáticos textos bíblicos, vai diretamente à fonte da verdade, recebendo do Mundo Espiritual o produto da experiência daqueles que lá estão vivendo; e que, por conseguinte, melhor do que os que aqui ficam a especular acerca do “outro mundo”, sabem, de ciência própria, as leis que nos regem os destinos, podendo, portanto, orientar-nos com maior segurança sobre o futuro que nos aguarda. De fato, entremostrando-nos o comportamento que tiveram na existência terrena, e relatando-nos as conseqüências que lhes advieram, os Mensageiros do Além, dão-nos uma idéia muito

justa do que nos aguarda, quando, como eles, chegarmos do lado de lá. E como, além de Espíritos elevados, identificados pelo teor moral de seus ensinamentos, também se comunicam Espíritos inferiores, nos mais díspares níveis de evolução, caracterizados pela grosseria de suas mensagens, dos depoimentos de tantos habitantes do Além, cada qual opinando de acordo com o grau de sua perfeição, pode o Espiritismo fazer um levantamento fiel das relações morais que unem os dois planos de vida - o nosso e o deles. Nessas condições, sobre ter a certeza de sua imortalidade pessoal, o espírita conhece suficientemente as sábias leis de justiça, que presidem aos destinos humanos, para poder dispensar no momento da desencarnação, os sacramentos, que a outros se lhes afiguram indispensáveis à conquista do céu...

Justificada a inconvertibilidade dos espíritas às outras doutrinas religiosas, vejamos agora, de relance, um instante do colossal arquivo das investigações científicas já registradas na literatura espírita. Por falta de tempo, cingir-me-ei à obra dum único cientista - a *Física Transcendental* de Zoellner, professor da Universidade de Leipzig, - e, dentro dessa obra, limitar-me-ei a um só capítulo, àquele que o autor denomina de Uma experiência para os céticos. Pena é que vos não possa descrever experiências contidas noutros capítulos, cada qual mais sensacional. Todavia, os poucos minutos de que disponho assim me obrigam a proceder. Sem embargo, se fordes imparciais, haveis de ver, na insignificância que vos vou mostrar, a prova cabal da manifestação dos habitantes do Além, dotados duma ciência mais perfeita e movidos pelo intuito de dar ao planeta conhecimentos mais verdadeiros no que tange às coisas de Deus.

Com efeito, tendo como médium o médico norte-americano Dr. Slade, o prof. Zoellner, que já havia obtido inú-

meras provas da chamada “passagem da matéria através da matéria” e da “escrita direta”, idealizou uma experiência que pudesse convencer também aos que não houvessem estado presentes à sessão. Depois de ouvir a opinião do prof. Wach, criminologista conceituado, Zöllner chegou à convicção de que se, ao invés de fechar simplesmente a lousa dupla que costumava usar, a lacrasse depois de fechada. Fechada, nenhuma escrita fraudulenta poderia ser efetuada nas superfícies internas. Seguro disso, o cientista alemão comprou várias lousas duplas, dotadas de dobradiças, que se fechavam à maneira dos livros; depois, escolhendo uma, colocou dentro uma ponta do lápis apropriado, fechou-a cuidadosamente, girando a dobradiça, e, sobre as molduras, por precaução, colou tiras de papel e, por cima, lacrou-as, pedindo, em seguida, ao prof. Wach que apusesse seu sinete. Nessas condições, só se poderia escrever nas superfícies interiores, se se rompessem as tiras de papel, abrindo a lousa. Apesar de tudo, Zöllner conservou-a, assim preparada sob sua direta custódia, até o momento da experiência, realizada, no mesmo dia, na casa de von Hoffmann, seu amigo íntimo. Presentes os três, Zöllner, von Hoffmann e Slade, todos sentados em volta de pequena mesa, o médium insistiu para que também Zöllner imprimisse o seu sinete na lousa; o que foi feito.

Nesse ínterim, ocorre ao cientista alemão perguntar a Slade se ele porventura já obtivera a “escrita direta” no papel, em substituição à lousa. Respondendo negativamente, o médium quis, contudo, tentar. Incontinenti, Zöllner tomou uma folha de papel, dobrou-a ao meio e, entre as duas metades, colocou uma ponta de lápis. Nessa altura, o médium intervém e pede ao sábio, que, para posterior comprovação, cortasse um pedaço de cada ponta de papel. Feita a vontade, Zöllner depositou o papel dobrado sobre a mesa e, acima dele, colocou uma lousa comum. Depois,

todos repousaram as mãos em cima da mesa, ficando as de Zöllner sobre as do médium. Como nada ocorresse durante vários minutos, Slade, como de hábito colocou uma ponta de grafite sobre uma lousa e, segurou-a debaixo da mesa, comprimindo-a de encontro ao móvel; e, em seguida, interrogou mentalmente, seus Guias a respeito do aparente insucesso. A resposta dada em escrita materializada na superfície interna da lousa foi a mais inesperada: “O papel, já escrito, está dentro da lousa lacrada.” E, de fato, levantada a outra lousa, o papel ali colocado pelo prof. Zöllner, lá não estava mais! No entanto, sacudida a lousa lacrada, ruído característico pareceu mostrar a presença do papel misteriosamente desaparecido. Entretanto, como essa lousa deveria ser aberta em presença do prof. Wach, a verificação ficou para depois. Todavia, Wach não foi encontrado nesse dia; e, no outro dia, na residência de von Hoffmann à hora do almoço, inesperadamente, Slade entra em transe, incorpora um Espírito e dita ao anfitrião o conteúdo exato do papel. E, com efeito, horas mais tarde, rompidas as tiras de papel e retirados os lacres, na presença de Wach, von Hoffmann, Tiersch e Zöllner, encontrou-se, perfeitamente dobrado, o papel que havia sido posto debaixo doutra lousa, sobre a mesa, tudo sob as vistas do conhecido investigador alemão! Retirando então do bolso os pedaços cortados, Zöllner verificou a coincidência dos cortes! De modo que o papel fora transportado, penetrando no interstício duma lousa dupla, hermeticamente fechada e lacrada, o que, noutros termos, significa a passagem da matéria através da matéria, ou, o que é mais provável a desmaterialização e, em seguida a rematerialização do papel no interior da lousa fechada; e, além desse prodígio, a prova da interferência dos Espíritos lá estava: na superfície interna do papel dobrado, três frases em línguas diferentes, todas desconheci-

das pelo médium!

Ora, em se tratando duma experiência, que, pelo valor científico dos investigadores, afasta, *in-limine*, a hipótese de fraude, resta-nos a certeza de que os fenômenos foram controlados por inteligências, poderosas, conhecedoras de leis que ainda escapam à Ciência. E como tais inteligências, sistematicamente, se identificam como antigos habitantes deste mundo, desejosos, quase sempre, de auxiliarem o progresso espiritual do homem, razão não há para repudiar-se a hipótese que está palpável e é aceita pelo Espiritismo, para atribuir os fatos à Satanás - estranho Satanás, aliás, porque, além de cientista, seria, outrossim poliglota e moralista!... E mais do que moralista - cristão; pois os demônios, que se manifestam nos Centros Espíritas, ensinam que Jesus é o Mestre e o Evangelho, o caminho!!!

Em conclusão: a convicção do espírita é inabalável porque construída sobre fatos indestrutíveis, comprovados rigorosamente por homens de ciência; e o pacto do espírita não é propriamente com Satanás, como afirmara o apaixonado teólogo, mas com os denodados Mensageiros do bem, que, na posição de emissários de Jesus, desejam impulsionar o progresso espiritual da humanidade de molde a tornar os homens mais fraternos, a vida mais suave e o mundo melhor!

O PONTO NEVRÁLGICO DO ESPIRITISMO

O ponto nevrálgico das doutrinas estribadas na comunicação com os Espíritos como o Espiritismo, é a imperfeição dos médiuns. De fato, o Espiritismo dá-nos admirável concepção do Universo. Revela-nos um Criador verdadeiramente sábio, justo e bom, cujas relações conosco se inspiram, sempre, no amor. Afasta de nós o pesadelo do Inferno eterno. Esmaga, como uma afronta, a imaginária ira divina. Esfacela a absurda ameaça da vingança de Deus. Pulveriza a revoltante teoria da salvação pela graça. Aniquila a invencionice da predestinação. Iguala todas as criaturas perante o Criador. Afirma que todos foram criados idênticos - partiram do mesmo ponto: a inocência e a ignorância. Ignorância e inocência, que deverão ser superadas pelo esforço próprio, através de múltiplas vidas sucessivas, em planos cada vez mais aperfeiçoados. Ensina que todas as vidas de um mesmo Espírito, esteja ele encarnado ou desencarnado, estão indissolúvelmente ligadas entre si, como elos duma cadeia, por uma lei de causalidade moral que governa seu destino.

Esclarece que o homem, no tempo e no espaço, é um produto de si mesmo: a evolução espiritual, que demonstra, e a posição social, que ocupa, são frutos de seu passado. Virtudes morais e dotes mentais são conquistas de vidas anteriores. O próprio corpo carnal é retrato fiel do esforço que o Espírito empreendeu, e das obras que praticou, no pretérito. Proclama que o homem é, em suma, o arquiteto de sua felicidade. Só dele depende progredir ou estacionar. Progredindo, colabora com as leis divinas e amplia, cada vez mais, sua felicidade; estacionando, dilata o período de sofrimento, retardando seu acesso aos planos de ventura. O destino está em suas mãos - depende de sua vontade. As leis de Deus são perfeitas e inderrocáveis. Obedecendo-as, o homem caminha para a perfeição e para a felicidade; transgredindo-as, agrava seu destino, sobrecarregando-o de dores e de decepções - dores e decepções, que, mais cedo ou mais tarde, o reconduzirão ao rumo da perfeição.

Dotado de relativo arbítrio, o homem, dentro de certos limites, pode escolher a direção a tomar. Se acertar, será feliz; caso contrário, o sofrimento o advertirá. Mas, de toda forma, um dia, as leis divinas lhe mostrarão o verdadeiro caminho. Nunca estará, portanto, irremediavelmente perdido. Em qualquer tempo que se arrependa, novas oportunidades lhe serão concedidas pela misericórdia divina. Criado pelo amor de Deus, o Universo não comporta proscritos. Por mais rebelde e degradado que seja, o dotado da vida eterna, sempre encontrará a salvação. Acrisolado pela dor, arrependido e remorciado, um dia, o desgraçado compreenderá, que somente na obediência às leis de Deus poderá encontrar a perfeição e a verdadeira felicidade. Iniciará, então, o roteiro de sua reparação, retificando erros do passado e conquistando valores para o futuro. E, para orientá-lo, nessa gloriosa ascensão, encontrará, dentro de si mesmo, um juiz indefectível - a consciência. Ouvindo a voz

da própria consciência, o homem aprenderá a usar o relativo arbítrio que a vida terrena lhe concede. E se, porventura, tiver dúvidas, fácil lhe será encontrar o roteiro certo - bastar-lhe-á permutar os papéis, imaginando que alguém procedeu com ele conforme pretende proceder com outrem. Se a consciência lhe disser que tal procedimento é precisamente aquele que desejaria tivesse com ele, poderá agir, porque estará agindo corretamente perante Deus. Mas se tal não acontecer, melhor será abster-se, porque o erro será fatal. E por mais oculta que seja a má ação, devassada esta aos olhos dos Espíritos, que, embora invisíveis, o observam atentamente, como testemunhas onipresentes da justiça divina. Nessas condições, por mais que oculte seus erros perante os homens, sua alma será, sempre, um livro aberto ao exame dos Espíritos. De resto, seu próprio perispírito ou corpo astral, à guisa de maravilhosa fita magnética, registrará fielmente todos os seus pensamentos e todas as suas ações, durante a encarnação terrena. De modo que, ao desencarnar, levará consigo o próprio corpo de delito, que servirá para seu julgamento. Ora, observado, dia e noite, pelos Espíritos, e marcado, em seu próprio corpo astral, com todas as faltas que cometeu, como poderia o homem iludir a justiça divina? Não, não na iludirá jamais. Posto que corretivo e, por isso mesmo, proporcional às faltas cometidas, o castigo é inevitável. Nenhum sacramento o impedirá. Todo ritual é inoperante e irrisório. Não há como fugir à justiça do Criador. E os médiuns não podem duvidar dessa verdade. Em contato com o Mundo Espiritual, sentindo, muitas vezes, na própria carne, a impressão dos sofrimentos dos Espíritos imperfeitos, e, por outro lado, recebendo diariamente a confirmação da felicidade dos Espíritos evoluídos, os médiuns não podem ignorar que, depois da morte, cada qual recebe de acordo com suas obras. Além disso, por experiência própria, não podem desconhecer que, na vida terrena,

cada um tem a assistência espiritual que merece. Os Espíritos, quer estejam encarnados, quer estejam desencarnados, se atraem por suas afinidades. Os homens bons, de bons Espíritos se cercam; os homens maus, com maus Espíritos convivem. Médiun ou não, de toda maneira, os Espíritos interferem nas ações humanas, inspirando idéias compatíveis com o caráter e a cultura dos a quem assistem. A primeira condição, portanto, para um médium tornar-se útil a si mesmo e a seus semelhantes é perder os defeitos, para merecer boa assistência. Para desgraça do Espiritismo, porém, este ponto ainda é muito descuidado. Via de regra, os médiuns militantes na doutrina não receberam a devida educação espiritual. Muitos, nem espíritas são. Freqüentam o Espiritismo e trabalham como médiuns porque se curaram num Centro Espírita. Depois, ameaçados com a “vingança dos protetores” (parece incrível!) continuam à mesa de médiuns, como autômatos, inconscientes da sublime tarefa que lhes cabe na difusão da doutrina!

Lamentavelmente, ninguém vai a uma sessão somente pelo desejo de conhecer a verdade e de aperfeiçoar-se espiritualmente. Quase todos vão tocados pela dor, que ninguém pôde aliviar. E, em se tratando de médiuns, todos chegam atingidos por cruéis Espiritopatias. Chegam, portanto, com má assistência espiritual. São criaturas desequilibradas física e psiquicamente, que carecem de amparo espiritual e de instrução moral. Precisam, sobretudo, de aprender o Espiritismo - a única doutrina que os poderá socorrer com eficiência. Entretanto, no fundo, nada querem com o Espiritismo - exceto a cura. Ignoram a filosofia que norteia o ambiente que freqüentam. Ignoram porque o Espiritismo cura doenças que os médicos não curam. Ignoram o que é ser médium. Ignoram porque adoeceram. Ignoram como foram influenciados por Espíritos atrasados a ponto de adoecerem do corpo e da alma. Ignoram como poderão curar-se

definitivamente. Ignoram tudo, enfim, salvo que o Espiritismo os pode curar, pois já viram curas de casos idênticos. Entretanto, em muitos locais com tanta ignorância reunida, esses médiuns desequilibrados, geralmente, são colocados à mesa de “desenvolvimento”, sob o pretexto de que precisam prestar a caridade! Ora, “desenvolver a mediunidade” é, em última análise, melhorar-se espiritualmente, corrigir-se dos defeitos, libertar-se dos vícios, em suma, aperfeiçoar-se moralmente, a fim de que possa haver “sintonização” entre as vibrações perispirituais do médium com as vibrações dos Espíritos evoluídos. E é justamente o que não acontece. Quase sempre o suposto “desenvolvimento” consiste em lamentável adaptação dos centros nervosos do médium torturado, ao perispírito dos próprios Espíritos que já o torturavam. Conseqüentemente, sem prévio desenvolvimento espiritual, o médium, ao invés do “desenvolvimento mediúnico”, mais não faz do que fortalecer a imantação com Entidades atrasadas e consolidar a mediunidade torturada!

Conclusão: dada a precipitação - e por que não dizer? - a incapacidade da maioria dos dirigentes de grupos, que colocam à mesa médiuns faltosos, as “manifestações” estão, via de regra, abaixo da crítica, com grave desdouro para a doutrina professada pelo médium. Contudo, a culpa não é da doutrina - é dos homens, que dizendo-se espíritas não se preparam para ser mestres e que sendo médiuns não querem ser espíritas!

ESPIRITISMO NÃO É EXPLORAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Duma feita, em ocasional conversa de ônibus, minha esposa, com profunda tristeza, ouviu dos lábios da companheira de banco, um conceito sobre o Espiritismo, que, desgraçadamente, está muito generalizado. Depois de elogiar as sessões, que, durante nove anos, assistiu num lar espírita, explicou a passageira, que, por fim, acabou desistindo, não só porque pouco pôde entender, como porque chegou à conclusão de que os Espíritos não evitam os sofrimentos dos que lhes buscam a proteção, e, assim sendo, não adiantava o sacrifício de ir às reuniões.

Dizer que essa criatura “pouco entendeu” do Espiritismo que freqüentou durante tão longo tempo, seria um eufemismo hipócrita. No duro mesmo, ela não entendeu nada; absolutamente nada. E não entendeu porque também lá não compareceu para entender a doutrina; e sim interessada em que os Espíritos a livrassem de todos os sofrimentos. E como essa irmã, muitos irmãos existem por aí que, anos a fio, freqüentam sessões, sem perceberem o sentido profundamente consolador e regenerador do trabalho dos Espíritos, tão alheios permanecem aos ensinamentos e tão absorvidos continuam nos desejos egoístas e, até, criminosos, que os levaram ao encontro dos Protetores espirituais!

Lamentavelmente, a maioria das pessoas, em virtude das errôneas noções religiosas que receberam, não podem avaliar a grandeza da revelação religiosa contida na Filosofia Espírita. Imaginam que o Espiritismo é, apenas, oportunidade de comunicação com o Além, para exploração da proteção dos Espíritos. Nessas condições, quando comparecem a um Centro Espírita, não vão em busca da verdade: vão tentar proteção para a satisfação de seus interesses e, quase sempre, interesses inconfessáveis, como se os Mensageiros de Deus fossem alcoviteiros ou capangas e, além de alcoviteiros - mercenários!

Infelizmente, muitos presidentes de sessões espíritas, involuntariamente, têm contribuído para a manutenção desse aviltamento da doutrina. Preocupados com os frutos imediatos da prática espírita, para satisfação dos desejos dos freqüentadores, esses presidentes, por ignorância ou displicência, descuidam-se do ensino doutrinário, esquecidos de que a prévia preparação teórica é indispensável aos que se querem beneficiar, verdadeiramente, com o trabalho dos Espíritos.

De fato, o maior benefício que os Espíritos podem fazer a uma criatura não é dar-lhe, como lhe dão, muita vez, a solução de um problema da vida terrena, que a está a torturar: é esclarecê-la, corrigindo-a, para que, amanhã, não venha a enfrentar, angustiada, situações idênticas; e, se vier, para que possa arrostá-las serenamente, confiante na justiça de Deus e certa de que tudo que lhe acontece tem uma razão de ser, em seu próprio benefício, pois é pelo sofrimento que a criatura se aperfeiçoa e conquista, na vida espiritual, planos de felicidade.

Em verdade, em verdade, ninguém procura a proteção dos Espíritos enquanto a fortuna lhe sorri, derramando-lhe sobre a cabeça a cornucópia das cobiçadas dádivas terrenas. Ao contrário, é quando se lhe abre a fatídica caixeta de

Pandora, e as desgraças, à guisa de viperídeos furibundos, atiram-se-lhe ao gasganete, que o homem, qual novo Epimeteu, vai pedir aos Espíritos que lhe não deixe escapar, na precipitada libertação das potências malévolas, a última esperança que lhe restou... O pior, porém, é que, em se aproximando dos Espíritos, a maioria não traz o propósito de absorver-lhe os ensinamentos, mas, tão-somente, o egoístico intuito de usufruir-lhe os proveitos, melhorando sua situação, para, em seguida, voltar-lhe as costas o mais depressa possível, como se fugisse dum antro comprometedor! Muitos existem, mesmo, que amparados pelos Espíritos, nunca o confessaram publicamente, com vergonha da opinião dos presunçosos, que desconhecem o que é, realmente, o sublime trabalho dos Espíritos! Outros há que, nas sextas-feiras, freqüentam sessões espíritas e, nos domingos vão à missa, pedir perdão a Deus, como se houvessem praticado algum delito! Criaturas desse padrão jamais poderiam merecer a ventura de compreender a transcendental significação dos ensinamentos dados pelos Espíritos!

Enganam-se, redondamente, os que imaginam que os Espíritos trabalham, apenas, para “tirar o azar” e forçar o destino. O destino é Deus quem o dá - dá-lo de acordo com o merecimento de cada um, tudo regulado por uma lei de causalidade moral, que une, entre si, as diversas encarnações de uma mesma criatura. Os Espíritos podem suavizar - e, de fato, suavizam muito o destino humano, porque esclarecem o homem sobre os motivos dos seus padecimentos, e, ao mesmo tempo, dão-lhe muita coragem, muita paciência e muita resignação, para vencer suas provações. Todavia, os Espíritos não podem extinguir, no adepto, o sofrimento que lhe coube como instrumento para seu acrizolamento espiritual! Caso contrário, os Espíritos ao invés de revelação de leis divinas, seriam um meio de transgres-

são dessas leis. Erram, portanto, e erram muito, os que pensam que, freqüentando sessões espíritas, nenhum sofrimento lhes advirá. Iludem-se os que acreditam que os Espíritos podem revogar as leis de Deus, abolindo o padecer dos que lhes pedem a proteção. Dada a inferioridade dos Espíritos encarnados neste planeta, a dor é lei para todos. Nenhuma religião a abolirá, por enquanto, da face da Terra. Também não poderá prometer “tirar o azar”, “descarregar o peso” de ninguém, salvo se o azarento ou o pesado se dispusesse a seguir os ensinamentos morais dados pelos Espíritos corrigindo-se, para conquistar melhor assistência espiritual, a fim de não incidir em faltas, que cada vez mais agravariam suas provações. Os Espíritos, aliviam, e aliviam muito, os sofrimentos, “tirando o peso” e “eliminando o azar” daqueles que, aceitando seus ensinamentos, fazem jus a maior amparo espiritual para que o azar e o peso possam transformar-se em dias mais venturosos, graças ao próprio merecimento de cada um. O essencial, portanto, é que, ao invés de querer forçar os Espíritos à imerecida caridade, o que seria flagrante injustiça, o sofredor, que procurou os Espíritos, se esforce por compreender-lhes os ensinamentos, regenerando-se e, à medida que for sendo esclarecido, conformando-se com o seu destino; pois, qualquer que seja sua crença, esse destino foi traçado antes de sua encarnação; e, para seu bem, deverá ser cumprido, custe o que custar. Todavia, poderá ficar certo de que, nenhuma doutrina religiosa lhe poderá dar melhor orientação e maior resignação do que os Espíritos doutrinadores!

O ESPIRITISMO E A “GEOGRAFIA” DO OUTRO MUNDO

Consignando o atual desinteresse pelas obras de Voltaire, o genial pensador, que, no conceito de Victor Hugo, caracteriza todo o século XVIII, Will Durant, conhecido filósofo e historiador norte-americano, justifica o menosprezo, alegando que já não nos atraem, como, outrora, as batalhas teológicas em que se empenhou o terrível satírico, porquanto a geração contemporânea está mais empenhada na economia deste, do que na “geografia” do outro mundo.

Embora reconhecendo o feroz utilitarismo hodierno, não posso deixar de exaltar o idealismo do talentoso polígrafo francês, que, com o fulgor de sua dialética e o cautério de sua crítica candente, esboroou a tirania clerical e abriu caminho para a liberdade e para a democracia - democracia e liberdade que transferiram ao cidadão, mais do que o direito de gerir sua economia, o direito de pensar e de proclamar suas idéias! E tão irresistível é o poder das idéias expostas com lógica e sinceridade, que o próprio Napoleão, que jamais temeu o fragor dos mais cruentos embates bélicos, tremeu diante da expectativa da liberdade de imprensa! Com efeito, pressentindo a força incoercível do movimento libertador latente em todas as consciências, o genial soldado, com indisfarçável acrimônia, advertiu aos régulos da época que, assim como o canhão matara o feudalismo medieval, a “tinta”, isto é, a imprensa mataria aquela civilização!

Na verdade, o genial guerreiro estava com a razão. A imprensa falada e escrita não tardaria a derrocar numerosos tronos, destruindo velhas aristocracias, que, protegidas por iníquo *jus sanguinis*, se aboletavam nos cargos públicos, para explorar, acintosamente, a classe proletária. E hoje, mercê de Deus, derruídos velhos tabus e extintas as classes privilegiadas na maioria do orbe terráqueo, o que tende a prevalecer no mundo é o primado da inteligência e da técnica, dentro dum regime de livre manifestação do pensamento. Os governos liberticidas tendem a desaparecer, tão contrários são ao espírito de nossa época. A História os registrará como tenebrosos eclipses na órbita luminosa de nossa civilização...

Todavia, não fora a semente lançada pelos Voltaires de todos os tempos, idealistas impenitentes que, à maneira de Mitya, nos *Irmãos Karamazov*, não desejam milhões, mas, apenas, respostas para suas perguntas, não fora essa semente e outro teria sido o roteiro da humanidade, chafurdada que permaneceria no lodaçal da ganância, dominada pela cupidez do ouro, quando não refestelada no esterquilínio da mais sórdida corrupção moral!

Sem embargo, para que este mundo, que aí está todo “absorvido na economia desta vida”, como disse o filósofo americano, não venha, um dia, por falta de um sopro espiritualista, a transformar-se num reino de Midas, onde os homens, posto que abarrotados de ouro, se sintam mais desgraçados do que nunca, famintos de fé, divorciados de Deus e na expectativa de apocalíptica hecatombe atômica, urge que todos os que têm uma mensagem de esperança e de renovação moral não poupem sacrifícios para transmiti-la a seus semelhantes, como contribuição à construção de um mundo melhor. E, nesse sentido, nenhuma filosofia poderá superar a Doutrina Espírita.

Com efeito, correspondendo às exigências da atual mentalidade, a Filosofia Espírita, a despeito de seu caráter religioso, foi decalcada sobre fatos de observação, que podem ser comprovados pelos métodos utilizados pela Ciência. Não é, portanto, teoria mística, puramente especulativa: é um conhecimento organizado por indução - partindo dos fatos particulares, para relacioná-los, em seguida, em leis gerais. De modo que seus postulados não são, como se poderia supor, opinião pessoal dos Mestres - são dados da experimentação, controlados com todo rigor científico. Por isso mesmo, ao contrário das outras religiões, o Espiritismo faz empenho em aliar-se à Ciência, tão certo está de que a cooperação dos sábios só lhe poderá exaltar o valor.

Haja vista o que ocorreu no século passado, com o prof. Robert Hare, da Universidade de Pensilvânia, que foi um verdadeiro sábio, pois além de importantes descobertas escreveu numerosos trabalhos científicos, que, segundo o testemunho do prof. Zöllner, ocupam uma coluna inteira no *Dicionário Biográfico e Literário* de Poggendorff.

Pois bem; não obstante seus inúmeros afazeres, o prof. Hare, atraído pelos rumores que vinham causando os fenômenos mediúnicos, e preocupado que seus amigos não se deixassem envolver naquilo que supunha ser pura mistificação, resolveu investigar o que havia, de real, no setor do Espiritismo.

Rigoroso investigador, principiou por imaginar aparelhos que lhe garantissem maior segurança de controle dos fenômenos. E, armado com os próprios engenhos que inventou, meteu mãos à obra. Para eliminar a interferência do médium na produção das mensagens, inventou o “espiritoscópio”, aperfeiçoamento da clássica prancheta das primitivas comunicações espíritas e que consistia num aparelho dotado de um “mostrador” com as letras do alfabeto, que era percorrido por um ponteiro - “indicador”. Com as letras

apontadas pelas inteligências ocultas, formavam-se as palavras e, com as palavras, as frases. Era assim que os Espíritos transmitiam as mensagens. Mas o essencial, no caso, era que o médium nem podia ver o “mostrador”, nem ter o mínimo contato com o aparelho. Dadas as condições, e devido ao conteúdo das mensagens, estava já o cientista convencido da realidade da comunicação de antigos habitantes da Terra, quando a repercussão dessas investigações levou à sua presença conhecido médico, o Dr. Peters, que estava curioso de ver, com os próprios olhos, os maravilhosos fenômenos. E valeu a pena. Porque, pela primeira vez que o médico entrou no Laboratório do prof. Hare, teve a ventura de observar um fato assombroso, em cuja produção não podem deixar de interferir inteligências dotadas de conhecimentos muito acima dos atuais, e, com mais forte razão, dos conhecimentos da época, em 1858, quando a Física Nuclear era, apenas, um mito...

Mas o fato é que, presentes o prof. Hare, o Dr. Peters e o médium, honesto rapazola de 19 anos, que nenhuma vantagem material usufruía das investigações, foi transmitida, pelo “espiritoscópio”, lacônica mensagem na qual se convidava o Dr. Peters para por, com suas próprias mãos, dentro duma caixinha de madeira, colocada sobre a mesa, próximo do “espiritoscópio”, dois tubos de ensaio, fechados à lâmpada, e dois pedaços de platina, pertencentes ao laboratório. Obedecida a ordem, a caixinha foi fechada à chave e mantida sobre a mesa, à vista de todos.

Feito o silêncio, o médium entrou em transe, e, decorridos exatamente 55 minutos, o “espiritoscópio” novamente voltou a movimentar-se, sozinho, desta feita para anunciar uma surpresa para o visitante. “Temos um presente para o Dr. Peters; que ele o tire da caixa”- dizia, textualmente, a mensagem. Aberta a caixa, estranho fenômeno se deparou ao olhar maravilhado do médico: os pedaços de platina

havia sido introduzidos dentro dos tubos de ensaio, e, não obstante, os tubos continuavam íntegros, hermeticamente fechados! Era a chamada “passagem da matéria através da matéria”. Teoricamente, tudo se passou como se a platina fosse desmaterializada, e, em estado de “radiação”, atravessasse o vidro, para, novamente, materializar-se no seu interior; ou como se os tubos de ensaio houvessem sido parcialmente desmaterializados para darem passagem aos fragmentos do valioso metal, e, em seguida, rematerializados, para voltarem à forma primitiva. De toda maneira, um fato sensacional, que comprova a intervenção de poderosas inteligências, dotadas de conhecimentos científicos, que, apesar do atual progresso, ainda constituem mistério para os sábios da Terra!

Contudo, como, em suas mensagens, essas “inteligências” se confessaram antigos cientistas terrenos, que, dotados de um saber mais profundo, podiam dominar a estrutura da matéria com a maior facilidade; e, como, de qualquer forma, não cabe a suspeita de fraude numa experiência desse gênero, controlada por um sábio como o prof. Hare, fica demonstrada a comunicação dos Espíritos e, *ipso facto*, a sobrevivência da alma; o que, por si só, bastaria para destruir o materialismo dessas gerações utilitárias, que só se preocupam com a economia desta vida, como acentou Will Durant.

Não! Diante das provas acumuladas pelos sábios, não há duvidar; a morte é ilusão - o homem sobrevive com a responsabilidade dos atos praticados neste mundo. Não basta, portanto, cuidar apenas da economia deste mundo - é preciso aprender a “geografia” do “outro mundo”, estudando e praticando o Espiritismo, porque, nele, se encontra o caminho mais curto para a perfeição e a felicidade!

O FALSO E O VERDADEIRO ESPIRITISMO

A té certo ponto, é compreensível a aversão que muitas pessoas demonstram pelo Espiritismo.

Porque, desgraçadamente, muita coisa existe, por aí, com o nome de Espiritismo, que, de Espiritismo nada tem - são práticas exóticas, que nenhuma relação apresentam com a Doutrina dos Espíritos, sabiamente codificada pelo professor Rivail, que, com o pseudônimo de Allan Kardec, se tornou mundialmente afamado.

Nessas condições, em defesa do bom nome da doutrina, urge alertar os incautos, a fim de que não venham a cair na esparrela armada, sub-repticiamente, por indivíduos inescrupulosos, com o fito de explorar, em proveito próprio, o prestígio popular do Espiritismo.

Com efeito, o que se nos apresenta, em certos locais com o nome de Espiritismo, não passa, na verdade, de lamentável deturpação de cultos africanos, para cá importados com as vítimas da escravatura.

Privados de liberdade e de Mestres, os escravos, a pouco e pouco, foram-se desapegando das tradições religiosas de seus ancestrais, ao mesmo passo que assimilavam os elementos do culto de seus “senhores”. Foi, portanto, do espúrio conluio de seitas antagônicas - os cultos africanos e a Religião Católica - que resultou o chocante sincretismo religioso dos “terreiros” brasileiros, abusivamente rotulados com o nome de Espiritismo.

De fato, como é notório, o termo - Espiritismo - foi criado por Allan Kardec, para caracterizar a filosofia religiosa por ele fundada. Conseqüentemente, o vocábulo não poderá ser honestamente empregado noutra sentença. Cabe, portanto, aos espíritas, o direito de reivindicarem para sua doutrina o privilégio dessa designação. Por outro lado, compete aos partidários dos cultos afro-católicos, a obrigação de inventarem denominação mais adequada para as crenças que professam. O que não se compreende é que às práticas de umbanda, de quimbanda ou de nagô sejam denominadas “espiritismo de umbanda”, “espiritismo de quimbanda” ou “espiritismo de nagô”, quando Espiritismo só existe um - o de Allan Kardec!

Todavia, batendo-me contra a confusão do Espiritismo com cultos de “terreiro”, não quero, com isso, demonstrar animosidade contra os cultos dos africanos, nem dos caboclos, nem contra culto algum, de vez que a todos respeito, quando honestamente praticados. Sou, por princípio, intransigente defensor da liberdade de consciência. Não poderia, por conseguinte, propugnar pelo cerceamento da mais sagrada de todas as liberdades - a liberdade de culto. Mas é preciso não confundir um culto verdadeiro, inspirado na adoração a Deus, no amor ao próximo, na prática desinteressada da caridade e no soerguimento moral dos adeptos, como é o caso do Espiritismo, com falsos cultos, onde médiuns ignorantes e interesseiros, num ambiente de vício e de degradação, saturado de vapores embriagantes de marafa, de fumaça de nauseabundos charutos e dos gases asfixiantes da combustão da pólvora, servem de “cavalo” a Espíritos atrasados, que barganham favores em troca de “despachos” escorchantes! É contra tal abominação que me revolto, certo que estou dos prejuízos causados aos que se deixam fanatizar por práticas tão primitivas. E revolto-me, sobretudo, quando vejo um antro dessa laia classificado

como Centro Espírita, em acintosa afronta ao Espiritismo, uma filosofia religiosa profundamente moralizadora, que jamais justificaria semelhante degradação! Mas, apesar disso, entre os que desconhecem as bases do Espiritismo, a confusão está muito generalizada. E, como prova, vou citar, dentre muitos, um fato típico. Chamado dum feita, para prestar assistência médica a infeliz epiléptica, vítima de antiga obsessão, confessou-me, trêmulo de medo, o pai da enferma que, de longa data, desejava ouvir minha opinião. Entretanto, via-se num dilema, porque, desanimado da cura, procurara, a conselho de terceiros, um “espírita”, que, além de deixá-lo quase na miséria, com as polpudas verbas que exigia para os “despachos”, ainda o ameaçava que, se chamasse médico, faria um “trabalho” para o enlouquecer!

Com grande esforço, tive de sopitar a indignação para esclarecer esse pai angustiado, que, no caso, não tratara com um “espírita” e sim com autêntico chantagista, de cujas paparrotices nada deveria temer, de vez que estava procedendo corretamente, de acordo com seu coração e com sua consciência, movido pelo impulso de salvar a filha.

Mas o fato é que, como esse cidadão, ainda há muita gente que confunde um vil explorador, um refinado macumbeiro, com um espírita!

Entretanto, em se tratando de curar, o espírita, a menos que seja médico, nada poderá cobrar, porquanto o que ele vai dar ao enfermo não é produto de seu esforço e de sua cultura, mas consequência de uma proteção espiritual, trabalho de Mensageiros do Além, que não exigem nem sequer a gratidão do doente. Além disso, o espírita, pelo fato de aceitar a lei da reencarnação, vê, em cada semelhante, um irmão, filho do mesmo Criador, e, provavelmente, um parente de vidas passadas, razão por que envolve, no mesmo afeto fraternal, a humanidade inteira. Por isso mesmo, o

espírita sente-se feliz ajudando o próximo, nunca se equiparando com um macumbeiro, que vive de enganar e de extorquir os incautos.

Na verdade, quando melhores sentimentos não o animem, o espírita sabe, de certeza certa, que o destino humano se desenrola sob o comando duma lei de causalidade moral; e que, a cada momento, com os sentimentos e os pensamentos, está a tecer, em seu próprio corpo espiritual, a trama do seu futuro, de modo que, feliz ou desgraçado, somente sobre ele recairá a responsabilidade da situação que para si mesmo criou. Ciente, pois, dessa verdade, o espírita jamais poderia praticar uma chantagem, como essa de cobrar emolumentos pelo trabalho dos Espíritos!

Realmente, o verdadeiro espírita revela-se por seu comportamento, quer na vida privada, quer na vida pública. A direção de sua existência é uma só: uma linha reta a caminho do aperfeiçoamento moral. Como todo homem, pode cair; pois, pelo fato de ser espírita, não é infalível, nem perfeito. Em caindo, porém, procura soerguer-se, escorado na misericórdia divina e na assistência de seus Protetores espirituais; pois sabe que o preço da felicidade é a conquista da perfeição e que cada um é o arquiteto de seu próprio destino.

Outro erro grosseiro consiste em considerar espírita todo indivíduo que crê na comunicação dos mortos. Pelo fato de acreditar na manifestação dos Espíritos, ou de possuir faculdades mediúnicas, não se segue que a pessoa seja espírita. Exceção feita do Catolicismo e de seu subproduto, o Protestantismo, religiões que traçaram um cordão de isolamento entre o nosso e o “outro mundo”, a fim de que sobre o padre e o pastor recaísse a glória de servirem de exclusivos medianeiros entre o Criador e a criatura, poucas religiões haverá em que o intercâmbio dos dois mundos não seja cultivado, carinhosamente, por intermédio de seus mé-

diuns, de seus profetas, de seus oráculos, de seus feiticeiros, ou de seus pajés. Pajés, feiticeiros, oráculos e profetas, que, na verdade, nada mais são do que médiuns ou intermediários entre o nosso plano existencial e o Além. Podem ver, ouvir e conversar com os Espíritos, sem que, por isso, sejam espíritas. Porque espírita é quem aceita como norma de vida, os postulados filosóficos da Doutrina Kardequiana, ou melhor - da Doutrina dos Espíritos. Para ser espírita é imprescindível, portanto, que se conheça, ao menos, as obras básicas da Filosofia Espírita. Entretanto, por paradoxal que pareça, centros existem que, embora se denominem “espíritas”, proibem os freqüentadores de ler as obras de Kardec sob o pretexto de que contribuem para o desequilíbrio mental dos leitores!

É fantástico esse conceito! Fantástico e contraditório. Como se pode ser adepto duma doutrina que se reputa perigosa para o equilíbrio mental?! Que crédito pode merecer um centro ou uma tenda - o nome pouco importa - que, dizendo-se “espírita”, interdita a leitura dos livros espíritas aos que lá comparecem em busca de uma nova filosofia, ou, pelo menos, em procura de uma explicação mais racional para o problema do sofrimento humano? Pois será crível que uma doutrina, como a espírita, que prova ao homem sua imortalidade, pondo-o em contato com parentes e amigos que o precederam na viagem de além túmulo; que, em consequência disso, extingue o pavor da morte, transformando a catacumba numa porta aberta para outra existência mais bela e mais emocionante; que, além disso, conceitua a justiça divina em termos de sabedoria e de amor, dando ao sofredor a certeza de que a dor é corretiva, proporcional às faltas cometidas em vidas anteriores, e que, mais dias menos dias, conquistará, pelo próprio merecimento, a paz e a felicidade almejadas; uma doutrina, em suma, que longe de apavorar, consola e encoraja, será crível que essa doutrina possa enlouquecer seus adeptos?

Não, absolutamente! Só por ignorância, ou por má fé, se poderia afirmar semelhante sandice. Mas sendo ignorante ou dotado de má fé, tal indivíduo não tem capacidade mental, nem idoneidade moral para dirigir um centro - deve ceder o lugar a outro que seja espírita de verdade, em benefício da humanidade!

ESPIRITISMO - A RELIGIÃO DO FUTURO

Desde os primórdios da civilização, foi, sempre áspero e cruento o embate entre a religião e a Ciência. E, por lamentável que seja, ainda hoje, é inevitável esse multissecular conflito entre o sentimento e a razão, em virtude do antagonismo existente entre as duas filosofias que polarizam os ideais da humanidade - o materialismo e o espiritualismo.

A própria história da civilização, com seus períodos áureos de acelerado progresso, e os seus eclipses de estagnação e de retrocesso; com seus admiráveis lanços de heroísmo e seus sórdidos ciclos de fanatismo e de crueldade; com suas quadras de brilhante cultura e de austera moralidade dos costumes e suas épocas de obscurantismo intelectual e de deliquescência moral, - a própria história da civilização, repito, nada mais é do que imensa projeção, no tempo e no espaço, dessa hercúlea pugna, desenrolada entre duas concepções de vida, a disputar a hegemonia na direção do mundo!

Com efeito, para o materialista, o Universo todo se restringe no pequeno número de vibrações que lhe impressionam os sentidos. Por isso, só acredita no que vê, no que ouve, no que palpa, no que pode degustar, ou no que pode cheirar. Em suma, para ele, o homem se reduz a um sistema de forças mecânicas, engenhosamente entrosadas numa cadeia de energias físico-químicas auto-reguladas. Noutros

termos - o homem é, apenas, máquina, com a particularidade de segregar o pensamento! De modo que, todas as faculdades da alma são, nesse sistema, apenas, funções cerebrais; e todas as manifestações espirituais, simples especializações das células nervosas!

Pois Bichat, o afamado catedrático francês, depois de miudamente espostear o encéfalo dum cadáver, não se julgou com direito de escarnecer dos espiritualistas, afirmando que, se a alma existisse ele a teria encontrado na necropsia?

Na verdade, de acordo com a absurda conceituação de tais adversários, não existe base científica para qualquer forma de espiritualismo. Porque, à luz do materialismo, a vida terrena é, para o homem, uma pilhéria de mau gosto, que lhe pespega o destino. Tangido por forças incoercíveis, ora representando uma comédia, ora vivendo uma tragédia, o homem, numa jornada penosa e sem finalidade, palmilha, dia-a-dia, melancólico “vale de lágrimas”, esmagado sob o peso do destino, ignorando por que nasceu e por que morrerá! Em conclusão - considerada sob esse aspeto, a vida, individualmente, não tem sentido. A personalidade humana é fogo fátuo, que bilha um segundo e logo se extingue, absorvida no coletivismo evolutivo da humanidade!

Ora, negando a sobrevivência individual, limitando a vida à duração do corpo carnal, o materialismo, implicitamente, estimula a saciedade dos mais grosseiros prazeres - única felicidade que se pode usufruir, enquanto há saúde e mocidade. Qualquer esforço no sentido do aperfeiçoamento espiritual não tem significação alguma. A própria fraternidade, com todos os predicados que desenvolve, não tem nenhum valor. O homem é, apenas, um átomo inteligente, arrastado, implacavelmente, através do infinito turbilhão do Universo, num minúsculo planeta, onde a vida surgiu por acaso... Urge, pois, aproveitar todas as oportunidades para desfrutar o máximo de prazer, antes que a morte o arrebate para o trágico festim dos vermes!

Tais são as conseqüências lógicas do materialismo ateu.

Em contradição, o espiritualismo empresta nobre sentido à vida. A dolorosa trajetória entre o berço e o túmulo, já não é um jogo de cabra-cega da criatura com seu próprio destino - a vida terrena tem uma finalidade: é o aperfeiçoamento do Espírito provisoriamente encarnado, não só pela cultura mental e moral como por todas as experiências que se podem adquirir no convívio social - tudo em função duma vida maior, e melhor, nos planos espirituais, depois da morte do corpo físico. Nessas condições, a virtude e a sabedoria adquirem profunda significação, porque transcendem o efêmero período da encarnação, para constituírem fontes de felicidades na vida de além-túmulo! Além disso, a fraternidade se impõe como lei fundamental, de vez que todos os homens estão ligados entre si por uma origem comum - Deus - perante o qual todos são irmãos.

Por outro lado, a vida assume proporções imprevistas - ultrapassa a órbita da existência terrena e projeta-se no tempo e no espaço. De modo que, a vida terrena não é mais a vida - é, apenas, uma fração da vida eterna palingenética e multiplanetária; não é um fim - é um meio para a aquisição de valores espirituais, que, esses sim, duram infinitamente. De jeito que a virtude e o saber, por mais que valham na Terra, não se destinam, somente, à vida planetária, mas, à vida eterna, esteja o Espírito encarnado ou desencarnado, aqui ou alhures, pouco importa.

Em síntese - o espiritualismo contribui para o aperfeiçoamento moral do homem, ao passo que o materialismo estimula o abuso dos prazeres e das sensações, em detrimento da felicidade alheia!

Força é reconhecer, no entanto, que existem materialistas virtuosos e espiritualistas desonestos. Isso significa que nem um, nem outro, segue, na prática, as conseqüências lógicas do sistema que adota, mas os ditames da consciên-

cia de acordo com a evolução conquistada em encarnações anteriores. Porque, de fato, entre a aceitação teórica duma filosofia e a execução fiel de seus postulados medeia, muita vez, profundo abismo. Quantas maldades não se têm praticado em nome de Deus? Quanto sangue não tem corrido para exaltar o valor de Jesus? Quantos crimes não se cometeram por causa do santo sepulcro? Quantas chacinas não se realizaram nas guerras santas? Quantas vidas preciosas, quantos médiuns inocentes, não foram barbaramente torrados nas fogueiras dos facínoras da Inquisição para “maior glória de Deus”?!

Sem embargo, nada disso destrói o valor do espiritualismo - mostra, apenas, que muitos espiritualistas, embora tragam o nome de Deus à flor dos lábios, não sentem, no coração e na consciência, o influxo regenerador das idéias que pregam. Contudo, do mau comportamento de alguns sectários cruéis não se pode inferir a imprestabilidade da doutrina. Porque há péssimos religiosos, não se pode deduzir que a religião seja um mal. Porque existem ateus bondosos, não se pode concluir que o ateísmo seja um bem. Com exceções não se formam regras. É pela influência moral que exerce sobre a maioria que podemos aquilatar do valor duma doutrina religiosa, e não pelo fracasso eventual de alguns adeptos.

Para o bem da humanidade, no entanto, seria desejável a extirpação do fanatismo religioso mediante a cooperação da Ciência, de tal modo que o verdadeiro espiritualista, ao invés de ser um crente, hipnotizado pela autoridade do preceptor, fosse um convicto, convencido pela prova científica dos fatos! Nessas condições, muito mais patente se tornaria a responsabilidade moral dos atos praticados na vida terrena. Mas, infelizmente, os contatos entre a Ciência e a religião ainda são muito explosivos. Via de regra, os cientistas, sob a falsa alegação de que os fatos não se prestam à aplicação dos métodos científicos, recusam-se a realizar investigações no domínio dos fenômenos espirituais. Os

religiosos, por sua vez, encerrados na torre de marfim dos dogmas obsoletos, repulsam, apavorados, a indiscreta perquirição da Ciência, sempre irreverente e imparcial. Destarte, gera-se um clima de franca hostilidade em derredor de um terreno quase inexplorado ainda, onde, ao invés de estéril emulação, Ciência e religião deveriam conjugar esforços em busca duma verdade maior!

Todavia, já é um consolo saber-se que, a despeito de tudo, desde o século passado, alguns espíritos livres, livremente vêm pesquisando a verdade, sem se deterem nas fronteiras dos fenômenos espirituais, ou supranormais. E é para esses espíritos independentes que o Espiritismo abre novas perspectivas, consorciando a Ciência com a religião.

Com efeito, o Espiritismo não se originou da especulação metafísica - nasceu da observação científica dos fenômenos. É, por conseguinte, uma filosofia religiosa de caráter científico. Para estabelecer seus princípios basilares, recorre à Ciência, utilizando-lhe os métodos. E, embora admita algumas hipóteses indemonstradas, não as impõe definitivamente, condicionando-as aos futuros avanços da Ciência, pois aceita, por princípio, que, como a própria verdade científica, a verdade religiosa é progressiva, como progressiva é, em todos os sentidos, a revelação divina!

Ao contrário, pois, das demais doutrinas religiosas, o Espiritismo não prescinde do apoio da Ciência. Ao contrário, exige-lhe a colaboração, empregando, na experimentação, os mesmos métodos adotados pelos homens de ciência. Por isso mesmo, os fatos são irrecusáveis e a fé que propicia não é crença fanática - é convicção indestrutível!

Aliada à Ciência, a Doutrina Espírita é, na verdade, a única filosofia religiosa com força de evidência para conquistar o mundo, de modo que, queiram ou não seus adversários, o Espiritismo será, fatalmente, a religião do futuro - aquela que, movimentando o cérebro e o coração das elites, criará um mundo melhor, estruturado na confraternização universal, para felicidade do homem e para Glória de Deus!

CIÊNCIA E ESPIRITISMO

O Espiritismo está, incontestavelmente, destinado a provocar a maior revolução jamais verificada no pensamento universal.

Síntese luminosa das revelações que, desde os primórdios da civilização e numa progressão intimamente vinculada à espiritualidade de cada geração, vivificaram as crenças de todos os povos, a Filosofia dos Espíritos é a cristalização dos princípios vitais de todas as doutrinas que fixaram a realidade da vida e do Universo num plano muito superior às formas efêmeras e às forças contingentes da matéria.

É como um vasto estuário acolhedor, que abriga ao seio todos os mananciais que, brotando nos templos da Índia e nas catacumbas do Egito, se expandiram e fecundaram outras plagas, enxertando-se com as tradições de outros povos, transmutando-se de minguado filete que era, em possante caudal cujo ímpeto subjuga tremendos obstáculos e a faz jorrar aos borbotões ao toque mágico da eloquência dos Apóstolos...

E é nos eflúvios dessa corrente de idéias que havemos de captar as vibrações do pensamento divino, manifestando-se nas fulgurações geniais de um Pitágoras, de um Sócrates, de um Platão, de um Plótino, de um Porfírio, de um Amônio Sacas, de um Jâmblico, destilando-se da doçura evangélica de Jesus de Nazaré, o maior dos Missionários divinos, para, finalmente, sublimar-se na mais grandiosa concepção da vida e do Universo!

Contudo, a verdade dolorosa é que a Doutrina dos Espíritos, onde repousam “as bases do novo edifício que se levanta e que deve um dia reunir todos os homens num mesmo sentimento de amor e caridade”, não foi compreendida nem pelos “diretores de consciências”, nem pela imensa maioria dos homens de ciência.

E o fato é que, nestes dias tenebrosos de brutal materialismo, quando nefasto cepticismo calcinou os mais puros sentimentos de espiritualidade; quando a Ciência se mostra impermeável às pesquisas dos fenômenos do Espírito; quando o pensamento é uma secreção cerebral e a consciência apenas um epifenômeno; quando muitos se jactam de ateísmo e poucos são os que não se pejam de orar, é lógico que, neste clima moral, o Espiritismo vale menos pela beleza de sua ética, baseada numa justiça perfeita, regida por sábia lei de causalidade moral, que estabelece uma relação constante entre o delito e o castigo, entre a causa e o efeito, e explica racionalmente o sofrimento e a desigualdade dos destinos humanos, é lógico, repito, que neste clima moral, o Espiritismo vale menos por sua ética do que pelo bloco de fatos concretos e indestrutíveis sobre os quais construiu o seu majestoso edifício doutrinário.

É nesse particular que a Filosofia Espírita se destaca e toma uma feição *sui generis*: ela não se baseia apenas na especulação metafísica, mas aproxima-se das ciências experimentais, “conduzindo os homens até os fatos para que sigam sua ordem e encadeamento”, conforme preconizava Bacon; não impõe uma fé irracional, mas convida a Ciência a verificar, com o máximo rigor, os fenômenos que originaram a doutrina; procura, assim, conciliar a razão com a revelação, a Ciência com a religião.

Adverte, apenas, que, “quando se apresenta um fato novo, independente de qualquer das ciências conhecidas, o sábio que pretende estudá-lo deve fazer abstração de sua ciência

e confessar que, sendo novo o estudo, não pode ser feito com idéias preconcebidas.” Ora, estas palavras de Kardec revelam um senso de realidade tão claro, que nenhum homem de ciência hesitaria em subscrevê-las. Tanto assim, que no século passado, num congresso científico em Munich, o afamado prof. Virchow já declarava textualmente: “Quando penetro em novos terrenos científicos, sempre digo de mim para comigo: agora precisas principiar a aprender.”

Infelizmente não é com essa imparcialidade que os homens de ciência encaram os fenômenos espíritas. O próprio Virchow, quando convidado pelo prof. Zoellner para assistir às experiências que realizava com o Dr. Slade - médium notável e uma das vítimas da calúnia dos homens de ciência - fez exigências de tal monta que, se aceitas, teriam impedido as manifestações mais interessantes porque comprovantes.

Não há, realmente, fato mais desconcertante para o observador imparcial do que sentir a paixão, a hostilidade, a idiossincrasia e, se me permitem o neologismo, a “mediofobia” com que os homens de ciência penetram nos estudos desses fatos.

Entretanto, se ao menos algumas das verdades espíritas fossem consideradas como “hipóteses de trabalho”, de acordo com o mecanismo do método experimental, magistralmente descrito por Claude Bernard, o sábio autor de *Introduction à L'étude de la Médecine Experimentale*, as investigações teriam sido muito mais fecundas.

Mas os homens de ciência ainda acham tão temerário afirmar a existência de Espíritos que o próprio prof. Richet, que consagrou longos anos à observação dos fatos; que não hesitou em afirmar que “*ils sont nombreux, authentiques, éclatants*”, recusou-se a aventar teorias. Preferiu acumular fatos sobre fatos, sem interpretá-los, insólito procedimento de um sábio, criticado aliás por René Sudre, com toda justiça.

Entretanto, o motivo real por que o sábio fisiologista francês se absteve de interpretações, prende-se, certamente, ao fato de que, conforme confessa, “*dans certains cas rares l’hypothese spirite, simpliste, paraît préférable...*” Donde se conclui que Richet teve medo de converter-se ao Espiritismo! De qualquer maneira, a Filosofia Espírita, posto que sendo ainda uma ciência *in fieri*, um conhecimento em organização, como de resto toda filosofia, está de posse de umas tantas premissas, que, aplicadas imparcialmente, como idéias diretrizes, às investigações psíquicas, revolucionará totalmente muitas concepções da Ciência atual.

Quando a Ciência resolver tornar-se neutra na contenda entre materialistas e espiritualistas e quiser compreender que as hipóteses espíritas devem figurar dentre as mais prováveis para explicar um conjunto de fenômenos já muito bem observados, por inúmeras sumidades, a Ciência, nesse dia festivo para a humanidade, fará uma revisão completa dos fenômenos observados no sono normal (nos sonhos), no sono sonambúlico, no sono magnético, no sono hipnótico, e nos diferentes graus de transe mediúnico e, então, a Ciência encontrará, no estudo comparativo desses fatos interessantíssimos, a prova cabal das razões do Espiritismo.

Tenho plena convicção que dos estudos de De Rochas, de Richet, de Meyer, de Crookes, de Schrenck-Notzing, de Boirac, de Bozzano, de Wallace, de Lodge, de Aksakof, de Gibier, de Delanne, de Maxwell, de Lombroso, de Flammarion, de Trespioli, de Ochorowicz e de tantos outros no terreno da mediunidade, bem como dos trabalhos de Baraduc, de Durville, de Azam, de Levy, de Yung, de Coste, de Deleuze, de Du Potet, do nosso Fajardo, do nosso Medeiros e Albuquerque, de Liebeault, Charcot, Bernheim e tantos outros nos terrenos do magnetismo animal e do hipnotismo, tenho plena convicção que, do estudo comparado desses fatos, surgirá uma nova Biologia, uma nova Filosofia, uma nova Psicologia, uma nova Psiquiatria, uma nova Sociologia e uma nova Medicina...

Não quero dizer, absolutamente com isso, que todas estas ciências estão erradas, nem que serão totalmente arrasadas; penso, porém, que serão de tal modo ampliadas e engrandecidas que no futuro mal as reconheceremos...

Até lá, não obstante, há muito que caminhar no terreno experimental, e há, sobretudo, imenso trabalho de síntese a realizar! Trabalho ciclópico, é verdade, que, por alguns anos ainda, continuará a desafiar a argúcia dos especialistas, mas que virá, fatalmente, para a felicidade do gênero humano e maior glorificação do supremo Criador!

FENÔMENOS ESPÍRITAS - A COMPROVAÇÃO DOS SÁBIOS

A pesar da obstinação com que os adversários do Espiritismo inventam as mais inverossímeis explicações para o fato - e isso quando não o negam sumariamente - a verdade é que, da vasta documentação acumulada nos protocolos de centenas de observações científicas, realizadas durante um século de pesquisas, o que ressalta, ostensivamente, é a comprovação de que os fenômenos espíritas são, de fato, controlados por inteligências extraterrenas, dotadas de conhecimentos que ainda não foram alcançados por nossa Ciência.

Não quero dizer com isso que todas as entidades que se nos manifestam são um prodígio de sabedoria, capazes de deixar boquiabertos os mais sábios dos nossos sábios; pois sou o primeiro a testemunhar que a maioria dos Espíritos, que conosco se comunicam, revelam uma capacidade mental inferior à normo-média dos habitantes deste planeta.

Todavia, dada a supranormalidade dos fenômenos espíritas, tão maravilhosos que, muitas vezes, são considerados autênticos milagres, nenhum homem dotado de mediano bom senso seria capaz de atribuir a Espíritos tão incultos a autoria desses prodígios. Para controlar tais maravilhas, é indispensável uma Ciência mais profunda, e mais perfeita, do que essa que aí está estruturada pela sabedoria dos mais proeminentes representantes do gênero humano...

E para demonstrar que não exagero, vou recordar sinteticamente, algumas observações empreendidas por uma equipe de sábios alemães, à frente da qual se encontrava o prof. Zoëllner, físico e astrônomo de elevada reputação científica.

O médium, para tais investigações, foi um médico americano, o Dr. Henry Slade, cujo entusiasmo pela observação científica dos fenômenos supranormais, que com ele se manifestavam, nunca se arrefecera diante da repulsa com que muitos vultos eminentes do mundo científico receberam sua oferta de pôr-se à disposição deles, para a averiguação da origem de tão estranhas manifestações. Nem mesmo a atitude insólita de um cientista inglês, que, depois de impor condições contrárias às manifestações, o processou indignamente como mistificador, conseguiu quebrantar o ânimo do corajoso paladino do Espiritismo!

Absolvido, graças ao testemunho de um dos maiores sábios da Inglaterra, o grande naturalista Alfred Wallace, prosseguiu o Dr. Slade no seu espinhoso roteiro, servindo, abnegadamente, de “cobaia” para todos os homens de ciência que quisessem dedicar alguns momentos à investigação dos fenômenos metapsíquicos.

Dotado de raras qualidades morais, senhor da alta missão que lhe estava reservada e possuidor de excepcionais faculdades mediúnicas, o Dr. Slade estava fadado a tornar-se ótimo aparelho para a pesquisa dos fenômenos espíritas, nas mãos dos sábios de Leipzig.

De fato, logo na primeira sessão, efetuada na residência do astrônomo alemão e na presença de outras sumidades, como os professores Fechner, Weber, Wundt, Scheibner, todos sábios de fama mundial, o médium demonstrou forte radiação magnética que se desprendia das extremidades de seus dedos. Dupla radiação magnética, aliás, porque ora atraía o polo norte, ora o polo sul da agulha magnética.

Com efeito, valendo-se duma bússola, encerrada numa caixa de latão com tampa de vidro, solicitou, o prof. Zoellner, ao afamado médium, passasse, horizontalmente, suas mãos espalmadas sobre o instrumento. A agulha, a princípio, permaneceu imóvel, como que para demonstrar que o médium não trazia oculto, em suas mangas, nenhum ímã ou fragmento de ferro; mas, momentos depois, ao perpassar suas extremidades digitais sobre a bússola, a agulha foi agitada violentamente, revelando a presença de forte campo magnético!

A experiência foi renovada de várias formas, em sessões diferentes. Assim é que, doutra feita, estando o médium e os experimentadores sentados, em volta duma pequena mesa, sobre a qual colocaram as mãos unidas umas às outras, o prof. Weber, célebre por suas descobertas no campo da Eletricidade, teve a idéia de colocar, no centro da mesa, uma bússola encerrada em caixa de vidro, de modo que por todos pudesse ser observada facilmente. Minutos após, a agulha principiou a mover-se bruscamente, descrevendo arcos que oscilavam de 40 a 60°, até que, por fim, deu um giro completo de 180°!

Afastando-se, voluntariamente, da “corrente” estabelecida sobre a mesa, pelo mútuo contato das mãos dos observadores, o Dr. Slade deu a todos a oportunidade de se certificarem que, de fato, era dele a radiação magnética, porque os movimentos da agulha cessaram incontinentemente; e só voltaram, quando ele, novamente, ocupou o primitivo lugar na mesa: então a força foi tamanha que a agulha tornou a dar uma rotação completa!

Repetida a experiência com duas bússolas, verificou-se que a ação da radiação magnética era invisivelmente “controlada” porque, enquanto uma bússola acusou forte atração magnética, a agulha da outra, colocada a seu lado, permaneceu imóvel, neutralizada, portanto, a influência do

campo magnético. Além disso, o médium ora emitia magnetismo positivo, ora magnetismo negativo, pois seus dedos atraíam umas vezes o polo sul, outras vezes o polo norte da agulha magnética. Outra prova do controle do magnetismo do médium foi dada quando, a pedido de Zöllner, o médium tentou a imantação duma agulha de *crochet*: contrariamente à expectativa de todos, a agulha só ficou imanada numa das extremidades, e com magnetismo negativo, pois o polo que se formou foi o polo sul; a outra extremidade da agulha não acusou o menor fluxo magnético, apesar de as linhas de força do polo sul serem tão possantes que imprimiam uma rotação de 180° na agulha da bússola!

Como se depreende dessas experiências, para que os fatos se processassem como se processaram, deveria estar presente algum poder controlador, estranho ao médium e aos assistentes, poder controlador este, que conhece técnicas ainda ignoradas, mediante as quais logrou o domínio sobre as leis naturais que regem os fenômenos do magnetismo.

E tanto isso é verdade que os fenômenos se desenvolveram à revelia do médium; e, muitas vezes, contra a vontade de todos. E foi o que aconteceu logo na primeira reunião dos sábios alemães com o médium americano. Estavam, todos, preocupados com a verificação da radiação magnética do médium, na expectativa duma possível confirmação das experiências realizadas anteriormente pelos professores Fechner e Erdmann com Mme. Ruf; quando mal se positivou a radiação magnética do médium americano, retumbou na sala tremendo fragor, despencando-se pesado reposteiro, de envolta com a galeria, partida sem contato por poderosa força misteriosa, a mais de dois metros de distância do médium!

E quando, em seguida, o médium, de pé, na expectativa de obter uma mensagem por escrita direta, colocou sobre a mesa uma ponta de lápis de pedra e cobriu-a com uma lousa nova, comprada para esse fim, pelo prof. Zöllner, todos ouviram, admirados, um ruído, como se mão invisível ali estivesse escrevendo misteriosa mensagem, embora a mão do médium, houvesse permanecido completamente imóvel.

Virada, no entanto, a pedra, lá estava a seguinte mensagem em inglês: “Perdoem-nos pelo que aconteceu; não era intenção nossa causar prejuízo.”

Ora, mensagens como esta, escritas sem contato material, como se as letras fossem materializadas sobre a lousa, eram transmitidas a cada passo, durante as investigações dos sábios alemães com o Dr. Slade! E isso a despeito do rigoroso controle dos investigadores. Mensagens houve, até, que foram escritas em lousas duplas, amarradas e lacradas, e depois colocadas a distância, sem o mínimo contato físico. Outras vezes, os próprios investigadores seguravam a lousa. Mas, a despeito de tudo e de todos, as mensagens vinham confirmar a interferência de inteligências extraterrenas na manifestação dos fenômenos. O próprio médium, preocupado em demonstrar que a escrita não provinha de prévia preparação da lousa, pediu aos investigadores formulassem uma frase mental. Imediatamente a frase surgiu na superfície interna da lousa. E como eram frases improvisadas, nas quais nem os próprios pesquisadores haviam pensado antes, não se pode admitir qualquer mistificação. Além disso, para rebater tal hipótese, basta se atente na variedade e na simultaneidade dos fenômenos. Para imitá-los seria necessário grande equipe de prestidigitadores, com numerosos comparsas, além de ambiente adequado e de complicada aparelhagem - coisa que não existe, absolutamente, numa investigação científica, como as que estou a descrever.

Realmente, os sábios alemães observaram, com o Dr. Slade, espantosa simultaneidade de fenômenos supranormais. Assim, enquanto observavam a ação do médium sobre a bússola, uma campainha foi levitada, e, a tilintar ruidosamente, andou a esvoaçar pela sala. Simultaneamente, pequena mesa, colocada a quase dois metros de distância, movimentou-se sozinha, deslocou-se, em seguida, até ocultar-se debaixo da mesa maior, ao redor da qual se encontravam, sentados, os investigadores e o médium. Momentos depois, a mesa desapareceu misteriosamente, como se houvesse sido desmaterializada, para aparecer, mais tarde, em pleno ar, junto ao teto e de lá precipitar-se sobre os investigadores, contundindo um deles.

Doutra feita, o médium segurou uma harmônica, sem tocar nos teclados, e, enquanto o instrumento, movido por força desconhecida, executava trechos musicais, a campainha soou sozinha e passeou voando na sala. Simultaneamente, uma delicada mão tocou nas mãos dos assistentes e um papel esfumado, previamente colocado pelo prof. Zöllner debaixo da mesa, mostrou a impressão de um pé descalço - pé esquerdo, que, pela deformação de alguns dedos, provou que seu misterioso dono usava sapatos de bicos finos...

Comparada com os pés do médium, a impressão nenhuma semelhança demonstrou. Outras vezes as impressões de mãos e de pés eram deixadas em farinha de trigo, colocada em pratos, no chão, longe do médium. E, neste caso, a pedido dos próprios sábios alemães, os membros momentaneamente materializados comprovavam sua solidez apertando, ou beliscando os investigadores, e deixando, em suas roupas, a impressão permanente desses contatos furtivos pelo testemunho das manchas de farinha de trigo...

Muitos outros fatos, cada qual mais notável, foram testemunhados pelos sábios alemães. Não seria possível, portanto, nos limites duma única palestra, esgotar inteiramen-

te o assunto. Todavia, o que disse já deve ter sido suficiente para demonstrar que o *modus operandi* desses fenômenos escapa à Ciência de nossos dias. Conseqüentemente, não se pode admitir que tudo seja, apenas, obra do subconsciente do médium, já que a hipótese de fraude, em investigações como as que estou relatando, não seria uma calúnia apenas - seria o cúmulo da calúnia!

Não! Desagrade a quem desagradar, o fato é este: a única explicação racional para tais fenômenos é a que lhes dá o Espiritismo!

FATOS E PROVAS SOBRE O ESPIRITISMO

Os adversários do Espiritismo costumam afirmar enfaticamente que os fenômenos espíritas, melhormente denominados fenômenos mediúnicos, não existem senão na imaginação dos espíritas, de vez que tudo se explica ou pela alucinação ou pela fraude!

Infelizmente, como a maioria dos brasileiros, coagida por seus diretores espirituais, nunca leu coisa alguma sobre o Espiritismo e desconhece, por conseguinte, o padrão moral dos investigadores e o valor científico das provas coligidas, está muito arraigada entre nós a convicção de que o Espiritismo é fonte de loucura e que os espíritas, quando não são psicopatas, são papalvos que se deixaram ludibriar pela solércia de médiuns exploradores.

Todavia, para pulverizar tamanha sandice, bastaria contrapor ao caviloso argumento o testemunho dos sábios que, desde a segunda metade do século passado, tiveram oportunidade de estar em contato com a fenomenologia espírita. Pode-se afirmar, sem receio de desmentido, que, em nenhum outro setor dos conhecimentos humanos, houve a participação de investigadores dotados de tão diversas culturas especializadas; nem dominados por tão manifesta má vontade, desejando cada qual interpretar os fatos à sua maneira, de acordo com seus preconceitos. Não obstante, dentre os que persistiram, controlando demoradamente os fenômenos e repetindo observações e experiências, não

houve absolutamente nenhum que pudesse negar a autenticidade dos fatos. Ao contrário, antropologistas como Lombroso, fisiologistas como Richet, físicos como Hare, Crookes, Barrett e Lodge, psicólogos como Meyer, Morselli e Flournoy, psiquiatras como Wolff e Fischer, engenheiros como De Rochas, laboratoristas como Gibier, químicos como Mapes, astrônomos como Flammarion e Zöllner, matemáticos como Morgan e Von Lindermann, magistrados como Edmunds etc, todos expoentes da cultura no gênero de suas especialidades, uns, convertidos completamente à Doutrina Espírita, outros, infensos à teoria, mas todos de acordo sobre a realidade dos fatos, que não podem ser explicados, na maioria dos casos, nem pela alucinação coletiva, nem, muito menos, pela trapaça!

Na verdade, em alucinação coletiva, hipótese de si mesma discutível, não se pode pensar, porque, para provar os fatos, foram obtidas provas duradouras, como chapas fotográficas, modelos em parafinas, impressões em argila ou em papel esfumado, gráficos em aparelhos registradores, além do controle por meio de aparelhos ultra-sensíveis, como o contador de Geissler e a célula fotoelétrica. Ora, se o fenômeno fosse apenas alucinatório, não poderia, em hipótese alguma, deixar a prova material de sua existência - seria apenas subjetivo, adstrito aos centros nervosos dos médiuns. Com fotografias, trabalhos plásticos e gráficos de precisão, obtidos em aparelhos movimentados por mecanismo de relojoaria, fica eliminada a hipótese de alucinação: e fraude, será?

Partindo do fato de poderem ser simulados, nos palcos, quase todos os fenômenos espíritas, os opositores do Espiritismo generalizam, abusivamente, o caso, enquadrando toda a fenomenologia no capítulo da simulação. Ninguém nega que, em certos casos e em dadas circunstâncias, conforme o caráter do médium, pode dar-se a falcaturia. Não,

porém, quando os investigadores são idôneos e competentes. Com Home, por exemplo, todos os fenômenos se desenrolavam em plena luz, sem qualquer preparação prévia.

Foi em plena luz, na residência de Crookes, o próprio sábio segurando o instrumento, um acordeão, enquanto o médium caminhava à distância de vários metros, executou, sem contato visível com o teclado, belos trechos musicais! Foi também em plena luz que o próprio médium se viu levitado até ao teto, podendo lá escrever, a carvão, um sinal, que ficou para demonstrar que não se tratava de alucinação; em seguida, sempre levitado, saiu por uma janela, e, voando sobre a rua, numa altura correspondente ao quarto andar, onde se encontrava, entrou, finalmente, por outra janela para pousar, suavemente, ao solo! Tudo isso, sob o olhar vigilante de Crookes e de outros cientistas, por ele convidados!

Além de tudo, há, na fenomenologia espírita, uma particularidade que, por si só, afasta a hipótese de farsa - é a simultaneidade das manifestações, fato assinalado por numerosos investigadores.

No caso específico de Home, quando o acordeão, seguro por Crookes, tocava sozinho uma melodia, simultaneamente notas diversas eram vibradas, num piano, por mão invisível, as cortinas agitadas violentamente e um lenço retirado do bolso dum assistente e atirado ao canto da sala com um nó apertado... fenômenos que, se fossem fraudulentos, exigiriam a participação de vários comparsas! Fatos semelhantes e, até, muito mais assombrosos foram registrados por sábios insuspeitos, que controlaram numerosos médiuns. Sem embargo, os adversários do Espiritismo continuam a trombetear, estentoricamente, que os fenômenos são uma farsa, raciocinando dessa forma: os fenômenos espíritas são imitados pelos prestidigitadores; os prestidigitadores trabalham por meio de truques e de ilusões dos sentidos; logo, os fenômenos espíritas são truques e ilusões.

Na verdade, se essa lógica de arromba fosse válida, a Ciência estaria derrocada. Pois o método experimental, exatamente aquele que lhe deu o atual prestígio, permitindo-lhe até colocar em órbita satélites artificiais, esse método consiste, precisamente, em imitar, no laboratório, os fenômenos naturais, com o fito de determinar-lhes as leis... A verdade, porém, é que a imitação dum fenômeno, seja ela produzida por um sábio ou um prestidigitador, nunca anulou, por si só, a existência real do fato.

De resto, não pode haver termo de comparação entre os fenômenos espíritos, sempre supranormais, demonstrando conhecimentos não equacionados pela ciência terrena e produzidos sem qualquer *mise en scène*, com os truques dos prestímanos, realizados à distância do público, de um ângulo propício, sob a proteção de cortinas, disfarçados por jogos de luz e com a participação de comparsas adestrados.

Contrastando com essa encenação, nas investigações espíritos, o médium é previamente despido, e, depois de minuciosamente examinado, metido num macacão de filô ou num saco especial. Em seguida, é enjaulado e trincafiado. Muitas vezes, por precaução, é também algemado ou amarrado com cordas ou correntes. Não há comparsas. Não pode haver trampolinagem. O controle é rigoroso. A iluminação razoável, salvo em certos casos, quando a luz inibe os fenômenos, obsta a manifestação, paralisa a produção. Mas, nestes casos, a supressão do controle visual é compensada pelo controle dos aparelhos automáticos, ou de circuitos elétricos ou pelo contato direto e permanente entre o médium e seus controladores. Além disso, fenômenos há que se processam na escuridão mas que, nem por isso, deixam de ser probantes. Eis um exemplo: em plena treva, estando o médium algemado e amarrado, completamente tolhido em sua liberdade, nota-se, de repente, que toda frase pronunciada na sala é, imediatamente, transformada em misterioso letreiro de linda fluorescência. Qualquer frase, dita por qualquer pessoa. Não há possibilidade de fraude, como se vê. Fraude haveria se o letreiro luminoso houvesse sido ante-

riormente confeccionado, colocado no devido local e com a instalação elétrica pronta para funcionar logo que a ligação fosse feita. Mas, nesse caso, ainda que o truque não fosse descoberto imediatamente, sê-lo-ia logo em seguida, porque só determinadas frases pronunciadas por determinadas pessoas, exatamente as que conhecessem o conteúdo dos letreiros, apareceriam escritas em letras luminosas - as demais, pronunciadas pelas outras pessoas, não produziriam o fenômeno. De toda forma, o truque só seria possível para um número muito restrito de frases e o logro só surtiria efeito com indivíduos incautos, desprovidos de senso crítico e privados de examinar o ambiente e de controlar o médium. Ora, no Espiritismo, doutrina de rígida moral, destinada à regeneração do homem, pela compreensão de que só a perfeição e o mérito individual o levam até Deus - fonte da Suprema felicidade - no Espiritismo, repito, não haveria, jamais, clima para semelhantes trampolinices coletivas.

Se há médiuns trapaceiros e desonestos - e há de havê-los certamente, porque, como todo homem, o médium é falível - a verdade é que tais infelizes, via de regra, não são espíritas, não cabendo, portanto, ao Espiritismo a mínima responsabilidade por seu procedimento. Mas, ainda quando o sejam, a doutrina não merece inquinada pelo fato de certos adeptos, malgrado a intenção que revelam, não lograrem praticá-la como o exigem seus postulados morais. Porque isso acontece com todas as filosofias e com todas as religiões. É portanto, mal das criaturas e não das doutrinas.

A grande verdade, no entanto, é que os fenômenos espíritas são irremovíveis e insofismáveis; que o Espiritismo é uma filosofia de elevadíssimo padrão moral; e que os médiuns, em geral, são criaturas abnegadas, que se submetem, docilmente, às exigências dos cientistas, convictas da missão que lhes cabe realizar, em benefício da humanidade, e desejosas, quase sempre, de ajudarem o próximo, e dando de graça o que de graça receberam!

A RESPEITO DA INSEMINAÇÃO “*IN VITRO*”

Dentre as cartas, que, ultimamente, me chegaram às mãos, se destaca a duma amável ouvinte, culta e inteligente, que após exagerados encômios ao valor doutrinário dessas palestras, confessa, lealmente, que, agora, quando, empolgada pelo Espiritismo, principiava a despojar-se de arraigado ceticismo religioso, eis que surgem as investigações da equipe do prof. Petrucci na Itália a entremostrear a possibilidade da inseminação fora do corpo humano, deixando-a perplexa, sem saber que pensar acerca da origem do homem.

Pergunta-me, pois, a missivista se, à maneira do que ocorrerá a outros sistemas espiritualistas, também a Doutrina Espírita não ruirá inteiramente, se, porventura, a Ciência lograr gerar uma criança no laboratório?

Antes de entrar no âmago da questão, só para tranquilizar a consciência da talentosa argüidora, quero assegurar-lhe, sem a mínima hesitação, que quaisquer que sejam os resultados finais dessas assombrosas investigações, a Doutrina Espírita continuará de pé. E, de pé, continuará por uma razão muito simples: é que a Filosofia Espírita, ao contrário dos sistemas especulativos, foi erigida sobre um bloco maciço de fatos irremovíveis. E basta confrontar, sem preconceito, os fenômenos anímicos, uns cientificamente estudados no hipnotismo, outros criteriosamente observados pelos investigadores da afamada Sociedade de Pesqui-

sas Psíquicas, de Londres, com os fenômenos espíritas, furiosamente controlados por numerosas sumidades do mundo científico, basta confrontar essas duas categorias fenomenais para chegar-se à conclusão de que a existência da alma é fato irretorquivelmente comprovado.

Com efeito, os fenômenos anímicos, que, em situações mal definidas, despontam, quer no sono normal, quer no sonambulismo espontâneo, quer no transe hipnótico, demonstram, insofismavelmente, que o Espírito pode libertar-se eventualmente do corpo somático, e, independentemente do mecanismo cerebral, conservar não só as faculdades normais como as supranormais, raramente exibidas durante a encarnação, mas certamente utilizáveis na vida livre do Além. Ora, constatada a libertação do Espírito durante a encarnação, por efêmera que seja essa liberdade, demonstrada fica a possibilidade da sobrevivência após a destruição do corpo carnal, conforme acreditam todos os espiritualistas. E que a sobrevivência não é passageira, como querem certos materialistas impenitentes e sim duradoura e, quiçá, eterna, conforme afixam as religiões, é fato confirmado na fenomenologia espírita, mediante a identificação do Espírito de antigos habitantes deste mundo. Haja vista o que sucedeu com o Espírito de meu avô materno, que, vários anos depois de “morto”, se me manifestou por intermédio duma médium que nada sabia a seu respeito, identificando-se-me com tamanha riqueza de dados íntimos, de segredos de família, de fatos pessoais, de retalhos do seu passado, e, tudo isso, numa linguagem que lhe era peculiar, temperada de ironia e de facécia, numa personificação tão característica que, terminada a palestra que manteve comigo, convicto estava eu de que, na verdade, o Espírito sobrevive à morte do corpo físico. E, se sobrevive é porque já existia durante a encarnação. De modo que eu que, como tantos outros, buscara, em vão, a prova da exis-

tência da alma nos dados da Embriologia, da Fisiologia Nervosa e da Psicologia, acabei convencido, por uma espécie de demonstração *a posteriori*, que, existindo *post-mortem*, o Espírito não poderia deixar de ter existido durante a vida terrena, quaisquer que fossem suas relações com o corpo carnal. E é assim, à margem dos debates metafísicos e das especulações teológicas, que o Espiritismo, estribado em fatos de observação, comprova essas três verdades fundamentais para o destino da humanidade: a existência da alma, a sobrevivência da alma e a comunicação das almas dos “mortos” com os habitantes da Terra. Quaisquer que sejam os futuros progressos da Ciência, nada destruirá essa conquista do Espiritismo, tão sólida é a base em que repousa.

Dito isso, vou mostrar a posição do Espiritismo em face das investigações de Bolonha. Diz o noticiário da imprensa que os cientistas italianos conseguiram preparar um “berço biológico”, ou seja um meio de cultura em que o óvulo e o espermatozóide se encontram em situação muito semelhante à que ocorre no organismo feminino após a cópula; e que, graças a isso, não só o óvulo foi fecundado como, uma vez transformado em ovo, processou-se a segmentação, a princípio, de acordo com a embriogenia, mas, posteriormente, perturbada por inesperada deformação, motivo por que as investigações não ultrapassaram, por enquanto, o prazo de vinte e nove dias.

Como se vê, os pesquisadores nada mais fizeram do que imitar a natureza. E não vejo nisso o menor motivo para escândalo. Nem a Ciência tem de dar satisfações a preconceitos religiosos. O erro provém da pressuposição de que o filho é carne de nossa carne e sangue de nosso sangue, quando, na realidade, exceção feita para os cromossomos com os respectivos genes, os pais nada mais dão aos filhos. Ao contrário, desde o início da fecundação o novo ser conserva sua autonomia, permanecendo separado do organismo

materno por uma barreira biológica, através da qual recebe do sangue da mãe alguns elementos químicos previamente selecionados. Nessas condições, sob o ponto de vista biológico, pouco importa que o ovo seja cultivado no útero ou no tubo de ensaio. De toda forma sua individualidade biológica será preservada.

E sob o aspecto moral serão, acaso, calamitosas as conseqüências, se, amanhã, a Ciência gerar uma criança nas retortas do laboratório? Em que pese a retificação que certas religiões terão de fazer em suas falsas concepções, nada existe no fato que se lhe possa inculpar como imoral. E ao Espiritismo nada afetará o prodígio. Formado no útero ou no recipiente do laboratório, o corpo humano é, sempre fruto da movimentação de forças espirituais, trabalho mental de embriologistas do Além, que presidem a formação do corpo fetal desde o início da fecundação. E isso não é aparágio do gênero humano: ocorre com todos os seres vivos. Com uma diferença - é que, no que concerne à criatura humana, a construção do corpo carnal está subordinada a uma lei moral. As leis da Genética, como todas as leis naturais, são controladas por certa categoria de Espíritos. O Universo é, pois, como disse Flammarion, um dinamismo psíquico, já que é dirigido pelo pensamento dos Espíritos superiores, instrumentos da vontade divina. E os cientistas deste mundo nada mais são do que instrumentos dos desígnios dos cientistas do Além aos quais estão permanentemente ligados por meio de um sexto sentido - a intuição. Ao contrário do que se imagina, pois, a hereditariedade é espiritualmente controlada na espécie humana. Cada Espírito, ao encarnar, deve receber exatamente o corpo que carece para suas necessidades, no sentido de seu progresso. Assim sendo, o corpo é previamente planejado no Mundo Espiritual. Depois, a radiação mental dos cientistas do Além dirige toda a embriogenia, desde a seleção do espermato-

zóiide até o nascimento do feto. Em havendo, pois, as condições físico-químicas imprescindíveis, o corpo fetal tanto pode ser construído no útero, como no recipiente dum laboratório. De toda maneira, Espíritos especialistas desencadearão as energias indispensáveis à atuação dos genes e aos fenômenos biológicos dela decorrentes. Pouco importa que o cientista julgue que tudo foi obra sua. Na verdade, porém, sua atuação nos fenômenos físico-químicos, foi apenas o reflexo do pensamento dos cientistas que, do outro lado da vida, estão interessados no progresso da Ciência. E esteja o embrião num “berço biológico” ou alojado no útero, de toda forma, o Espírito destinado à encarnação será trazido do plano espiritual em que se encontrar, para ser imantado gradativamente, célula a célula, no novo organismo em gestação. De qualquer modo o Espírito que vier a animar o corpo artificialmente gerado, estará num grau de evolução compatível com as combinações de genes possíveis no material colhido para a inseminação artificial. Será, de fato, um filho de laboratório, um Espírito desprovido de pai e mãe, mas, de toda forma, um Espírito eterno, criatura de Deus e, por conseguinte, um irmão nosso, sujeito às mesmas leis fisiológicas e morais que nós, e não um monstro, como poderiam supor os que por um erro multissecular, estão acostumados a considerar os filhos como pedaços da alma e sangue do seu sangue, quando, na verdade, os filhos são Espíritos eternos, como nós, e como nós provisoriamente encarnados. A posição do filho é, pois, situação efêmera, para estreitar laços de afinidade espiritual. O que nós somos mesmo é - irmãos. Mas irmãos não pela carne, que é caduca, mas pelo Espírito, que é eterno. E quer a Ciência consiga, ou não, gerar uma criança no laboratório, o problema da origem da vida continuará no pé em que está. Porque na verdade, o segredo permanecerá com os Espíritos superiores, que supervisionaram a reencarnação.

Logo, o Espiritismo, que ensina tais verdades, em nada poderá ser prejudicado com a inseminação *in vitro*, mesmo que se chegue à formação dum ser humano, pois, de toda forma, o que terá estado em jogo será a natureza dirigida pelo pensamento dos Espíritos - os encarnados e os desencarnados - todos obedecendo aos supremos desígnios do Criador.

DA PLURALIDADE DOS MUNDOS HABITADOS

De longínqua cidade mineira e com o indefectível atraso de nossos serviços postais, acabo de receber, acompanhada de um recorte de O Globo de 11 de novembro, com uma entrevista do professor de Física da Pontifícia Universidade Católica desta capital, amável missiva de um ouvinte deste programa, em que se me pede um comentário concernente à hipótese da pluralidade dos mundos habitados, aceita, em princípio, pelo sacerdote-cientista.

Inicialmente, devo declarar alto e bom som que estou de pleno acordo com o sábio sacerdote, no que tange aos conceitos científicos e às previsíveis conseqüências do lançamento de satélites artificiais; e que aplaudo, com sincero júbilo, o desassombro anticanônico com que o esclarecido membro da Igreja Católica afirmou de público e raso que: “Mesmo prescindindo de provas concretas pode-se sempre afirmar que o Universo todo, que, em sua extraordinária variedade representa a riqueza de Deus no sentido material, também seja lugar apropriado para representar a riqueza de Deus no sentido espiritual, isto é, com a existência de outros seres inteligentes.”

De fato, quando se compara nosso pequenino planeta, considerado pela Igreja como o centro das atenções de Deus, mundo privilegiado, que, além da encarnação do homem, mereceu a encarnação do próprio Criador do Universo, personificado em Jesus Cristo; quando se compara este insig-

nificante mundozinho torto, que, acochado por forças incoercíveis, traduzidas, a miúdo, em terríveis cataclismos, em lastimáveis intempéries, rodopia através da imensidão do espaço, em chocante contraste com a majestosa grandeza e a deslumbrante beleza de outros astros mil vezes mais portentosos; quando, em suma, se compara o nosso mundo com os mundos que nos rodeiam, não podemos deixar de conjecturar que a vida não é apanágio da Terra. Na verdade, que pensaríamos nós de um rei poderosíssimo, que mandasse construir imenso palácio, com milhares de faustosíssimos salões e amplíssimos quartos e riquíssimas alcovas e, a despeito de tudo, e contra tudo, encafuasse os filhos no cômodo mais reles do luxuosíssimo palácio, naquele que, aparentemente, estaria destinado ao abrigo dos mais ínfimos servos da real mansão? Pensaríamos, certamente, que, embora, riquíssimo e poderosíssimo o rei, além de um pai degenerado, era totalmente louco pois não haveria qualquer finalidade na grandiosa obra que empreendera!

Como conceber, então, que Deus, a infinita sabedoria, pudesse criar um Universo infinitamente grande e povoado de mundo incontáveis, para, ao fim, localizar a vida exclusivamente nesta água-furtada da divina criação, que é a nossa pobre Terra, e deixar eternamente vazios, sem vida, os outros mundos, os maiores, os mais belos os que, melhormente, atestam a sabedoria de Deus?

Claro que, quando falamos vida não na concebemos tal qual se encontra aqui - concebemo-la sobre outros aspectos e formas que se adaptam tão bem aos outros, quanto a vida terrena se ajusta ao nosso planeta.

Raciocinar doutra forma, imaginar que só há vida onde existem condições semelhantes às da Terra é raciocinar como o peixe de que nos fala Flammarion. Sim, porque, se um peixe da superfície se atrevesse a arriscada incursão nas camadas profundas do oceano, e lá quisesse convencer ao

cego habitante das eternas trevas marinhas da existência de outros mundos habitados - um sólido, palmilhado por estranho bípede implume, e outro gasoso, cortado pelo vôo incessante de maravilhosa fauna alada, o peixe dos abismos oceânicos jamais aceitaria a “revelação” do habitante das claras águas superficiais, por mais que o outro lhe assegurasse que todas as vezes que logrou aflorar a cabeça fora d’água pôde comprovar a existência dos referidos mundos. Obstinado, o peixe das profundezas marinhas continuaria a afirmar, enfaticamente, que a vida só poderá existir no mundo aquático e em trevas, já que ele nada vê.

Idêntico raciocínio costumam fazer os homens de ciência, que negam a existência de seres vivos noutros mundos, sob a alegação de que em nenhum deles existem condições para a manutenção da vida.

Entretanto, quem já teve oportunidade de várias vezes testemunhar a sobrevivência da alma, de comprovar a materialização efêmera de um Espírito que habitou, como nós, este mundo e que, desprovido do corpo carnal, continuou tão vivo, ou mais, do que quando encarnado neste mundo, e a prova é que, valendo-se de forças e de leis que a Ciência terrena ainda ignora, podem reconstruir, momentaneamente, com o auxílio de certos médiuns, um corpo carnal idêntico ao que possuíram em vida; quem já teve ocasião de certificar-se da existência da vida fora do corpo, independente da matéria, não pode, absolutamente, duvidar de que os outros mundos são outras tantas moradas de seres inteligentes, os quais, como a raça humana, percorrem, através desses globos celestes, os eternos caminhos da eterna evolução rumo a Deus, que é a suprema meta, porque é o centro da infinita perfeição e da felicidade absoluta.

Mesmo dando de barato que somente nos planetas que possuem condições de habitabilidade idênticas às da Terra a vida pode subsistir, ainda assim, tão numerosos são os

astros, (centenas de milhares só em nossa galáxia) que muito fortes são as probabilidades de haver, espalhados no Universo, muitos mundos que reúnem as condições exigidas ao desenvolvimento da vida.

De toda forma, portanto, a teoria da pluralidade de mundos habitados encontra apoio na lógica dos fatos e no conceito de sabedoria que todos nós, teístas, quer sejamos católicos ou espíritas, formamos a respeito do Criador do Universo.

Por isso mesmo, não me causa espécie que um físico do calibre do mestre da Pontifícia Universidade Católica admita a existência de seres inteligentes em outros mundos, se bem que ele pareça querer restringir o círculo da vida a mundos semelhantes ao nosso. O que me impressionou, no entanto, foi o fato de um sacerdote católico, embora físico provento, não haver encontrado a mínima incompatibilidade entre o ensino da Igreja e a provável demonstração direta da existência de selenitas, marcianos e venusianos nos próximos anos, graças aos fantásticos progressos científicos e tecnológicos recentemente conquistados.

Na verdade, não é o primeiro padre que aceita a pluralidade de mundos habitados. Poucos, porém, teriam a coragem de proclamá-lo publicamente. Vejamos porquê.

A Igreja admite, como dogma, que Jesus foi Deus encarnado para salvar os homens, que, afastados da lei de Deus, subjugados à tentação de Satanás, caminhavam, todos, para as caldeiras do Inferno. Desprende-se, então, uma partícula da santíssima trindade - o filho - e fazendo-se homem, chama a si todas as dores da humanidade e, por seu sofrimento, nos salva a todos nós de irremediável perdição.

Parece que aqui houve um erro de previsão e flagrante injustiça. Erro de previsão quando o Criador, ao criar os primeiros Espíritos humanos, imaginou que eles próprios pudessem salvar-se por seus méritos pessoais. Mas a prin-

cipiar por nosso pai Adão, ou melhor, por nossa mãe Eva, logo se viu que a criatura de Deus era mais fraca do que Ele supunha... Também pudera. Se Belzebu, que era anjo, decaiu revoltando-se contra seu criador, como não haveria de fracassar Adão, espírito estritamente humano, nada semelhante aos anjos, se, além de suas próprias fraquezas ingênitadas, ainda teve de arrostar a tentação de um anjo criminoso, transformado em eterno malfeitor, com salvo-conduto para excursionar neste planeta e com inteira liberdade para ilaquear a boa fé dos incautos, como o primitivo habitante do Éden? E, à guisa de Adão, como não haveriam de fracassar as demais criaturas, todas imperfeitas e todas sujeitas a onímoda tentação do solerte e sagassíssimo rei do Inferno e da sinistra camarilha que o obedece passivamente?

Verificada, porém, a impossibilidade de o homem erguer-se por si mesmo, quis Deus remediar seu próprio erro e, para isso, faz-se homem, não para nos salvar por sua doutrina e por seu exemplo, mas para aplacar a ira de Deus, chamando sobre si as dores provocadas pelas iniquidades humanas e restabelecer a reconciliação entre o Criador e a criatura.

Infelizmente, porém, parece que ainda uma vez, a previsão falhou. Porque a despeito da doutrina e dos exemplos, os homens não compreenderam a grandeza do missionário - mataram-no hediondamente na cruz e voltaram as costas aos seus exemplos - foram fabricar bombas atômicas e teleguiados, para tornarem mais eficientes as futuras hecatombes...

Sei perfeitamente que há várias interpretações em relação a finalidade da divina encarnação. Não pretendo discutí-las, no entanto, mas apenas ressaltar o seguinte: se a encarnação de Deus se tornou imprescindível à salvação dos homens, então houve flagrante injustiça na condenação de todos os que antecederam à vinda do Salvador, e que fra-

cassaram, porque, por eles mesmos, não se poderiam salvar - fato difícil de aceitar porque Deus é a Suprema Perfeição, e, por conseqüência, não poderia jamais praticar a mínima injustiça.

Admitido, porém, que Deus encarnou, de fato, neste mundo, evidente se torna que, para ser justo, deverá encarnar, sucessivamente, em todos os mundos onde haja criaturas inteligentes. Do contrário, a Terra e a humanidade terrena seriam privilegiadas - e como o privilégio é sempre repugnante às consciências bem formadas, não se poderia admitir tamanho absurdo partindo d'Aquele que para nós encarna a perfeição infinita. Logo, Jesus, que, para a Igreja Católica, é Deus, na pessoa do Filho, uma das pessoas da misteriosa Trindade, estaria forçado a encarnar em todos os mundos onde as criaturas por si mesmas não se pudessem salvar. Ora, encarnar a mesma pessoa em vários mundos chama-se exatamente reencarnar. De modo que, em aceitando a pluralidade de mundos habitados, terá de aceitar *ipso facto*, a Igreja Católica, a reencarnação de Deus nos diferentes mundos necessitados do divino exemplo, da divina doutrina ou do divino sacrifício... Conseqüentemente, a Igreja, que repele, indignada, a reencarnação dos Espíritos humanos, imperfeitos e carecedores de inúmeras oportunidades para se corrigirem de suas impurezas e deficiências originárias, a Igreja será forçada a aceitar a doutrina da reencarnação por uma via muito mais transcendental - reencarnação de Deus nos diversos mundos habitados, para se quitar com a própria justiça divina.

CONTRA OS PRECONCEITOS CIENTÍFICOS

Nunca, jamais, a paixão falseou tanto a interpretação dos fatos como no explosivo domínio da fenomenologia espírita!

Ainda que se despreze inteiramente a opinião dos sectários fanáticos, que, impulsionados por uma fé de todo em todo irracional, estribada, apenas, em duvidosos textos de pretensas escrituras sagradas, antepõem aos fatos de observação as provas experimentais, versículos bíblicos; ainda que se despreze, liminarmente, a condenação dessa gente, força é reconhecer que também nos meios científicos se nota, desgraçadamente, a influência poderosíssima de muitos preconceitos, que contribuem para deformar as conclusões das investigações experimentais, dos fenômenos mediúnicos.

Embora seja regra elementar do método experimental, os cientistas que investigam os fenômenos espíritas fingem esquecer que: quando, no decurso duma experiência, surgem várias hipóteses para explicar os fatos observados, deve-se considerar como verdadeira a que explica maior número de fatos. Fingem esquecer, disse eu, porque, no fundo de suas consciências, ele sabem muito bem que a única hipótese que abarca o conjunto dos fenômenos é a espírita, mas não querem, ou não podem arrostar as idéias que, embora errôneas, já conquistaram direito de cidade. Manda a justiça se ressalve, no entanto, que dentre os sábios que repul-

saram o Espiritismo, muitos não o fizeram por tibieza, apenas: foram ludibriados, porém, por seus próprios preconceitos, que se entrechocaram com a teoria espírita. Repeliaram-na *a priori*, ao invés de deixarem a natureza falar, para verificarem se ela era pró ou contra o Espiritismo.

Pode-se mesmo afirmar que, em relação aos fenômenos espíritas, muitos homens de ciência investigam não para descobrir a verdade, mas para sufocá-la definitivamente, eliminando, da liça, um competidor importuno das teorias que lhe granjearam fama e honrosa posição na hierarquia científica.

Quereis, porventura, uma prova? Pois dar-vos-la-ei incontinenti.

Quem não conhece, de nome, ao menos, o célebre professor Charles Richet? Sábio de fama mundial, emérito catedrático da Faculdade de Medicina de Paris, autor de memoráveis descobertas científicas, glória legítima da França, o prof. Richet dedicou cerca de cinquenta anos à investigação dos chamados fenômenos ocultos. Durante este longo período esteve em contato com vários médiuns de fama, investigou os fenômenos espíritas com toda argúcia e rigor técnico de que era capaz, obteve provas estupendas da sobrevivência da alma, e, conseqüentemente, a confirmação das hipóteses aceitas pelo Espiritismo. Não obstante, depois de tão árduas e prolongadas experiências, confessou, rasgadamente, em seu *Tratado de Metapsíquica*, que a única teoria que parecia explicar o conjunto dos fatos era a espírita, mas, tão infensa era sua formação intelectual ao Espiritismo, que ele preferia não concluir nada, não formar teoria alguma e continuar, apenas, a juntar fatos sobre fatos, para ver se, mais tarde, alguma generalização científica poderia ser feita!

Como vedes, prezados irmãos, uma atitude berrantemente anticientífica, tomada, ostensivamente, por um dos maiores sábios do século passado.

Aliás, noutra obra de vulgarização, já traduzida para o vernáculo, o eminente mestre francês, refletindo a mentalidade que ainda impera na maioria dos círculos científicos, teve a hombridade de confessar publicamente aquilo mesmo que, desgraçadamente, a maioria dos investigadores costuma fazer, sem ter, no entanto, a coragem de declarar abertamente. Confessou Charles Richet em *O Sexto Sentido*, obra interessantíssima, diga-se de passagem, que, em investigando os maravilhosos fenômenos mediúnicos, os mesmos que foram batizados nos austeros salões das academias com o pomposo nome de fenômenos criptestésicos, ou, mais condensadamente, criptestesia, todo o seu esforço convergiu, não no sentido de comprovar a existência dos fatos, mas, ao contrário, de demonstrar a inexistência deles.

Para dirimir dúvidas, dou a palavra ao mestre da Sorbonne. Diz ele, textualmente, à página 103 de *O Sexto Sentido*, edição de 1940, da Sociedade de Metapsíquica de São Paulo: “Minhas muito numerosas experiências, muitas vezes interrompidas, prosseguidas durante cinqüenta anos nas condições mais diversas, embora as dificuldades de todas as espécies, permitem estabelecer com grande nitidez, a existência do conhecimento da realidade por meios diferentes dos sensoriais normais.” Mais adiante, depois de advertir que os resultados de suas investigações não podem ser atribuídos ao acaso, afirma peremptoriamente: “Seria loucura supor que minha vida e minha experimentação foram cercadas de coincidências.” E, logo em seguida, revelando seu estado de espírito durante essas investigações, confessa abertamente: “Procurei estabelecer a ausência da criptestesia. Empreguei grandes esforços para não constatá-la. Não obstante, cheguei, por minhas próprias experiências, a confirmar o que as alucinações verídicas já me haviam ensinado, a saber que algumas vezes a realidade fere por vias misteriosas nossa inteligência. Para recusarmos a ad-

mitir isso, continua o sábio fisiologista, para recusarmos admitir isso, é preciso ter a triste coragem de desdenhar a ciência experimental!”

São palavras textuais de Richet, meus irmãos. Se, por um lado, elas fazem honra à coragem com que o mestre confessou seus esforços para eliminar uma hipótese bastante incômoda para a ciência materialista, por outro lado, podemos verificar quanto a paixão turbou o raciocínio do sábio, pois estando, como esteve, frente a frente com a teoria espírita, a única que lhe daria a explicação racional do conjunto de fatos, afastou-a, propositadamente, só porque contrariava seus preconceitos acadêmicos!

Esta, aliás, tem sido, infelizmente para a humanidade, a trilha seguida pela maioria dos cientistas. E ao focalizar o nome aureolado do grande sábio, não me move outro sentimento senão o de tomar, como padrão para discussão, um vulto eminente como ele, cuja autoridade científica é incontestável, e, pela crítica de sua atitude, face ao Espiritismo, justificar, perante meus amáveis irmãos, por que motivo muitos sábios que experimentaram no terreno da fenomenologia espírita, não aderiram à Doutrina Kardequiana.

É por considerar Richet autêntica expressão da cultura científica e uma autoridade em matéria de fenômenos metapsíquicos que o elegi, dentre muitos, para o tema desta palestra.

Agora, vou tentar reproduzir uma das mais notáveis experiências arquitetadas por Richet, onde se nota claramente o contraste entre os fatos observados e as hipóteses induzidas, tudo em detrimento da única hipótese que ressalta aos olhos de quem não se deixa cegar pela paixão.

Imaginemos, neste momento, que temos diante dos olhos uma sala, onde se vêem duas mesas retangulares, distantes uma da outra cerca de três metros. Numa das mesas, sentam-se três pessoas - o médium, ao centro, e de cada lado,

um controlador para observar seus movimentos e impedir sua problemática ação sobre o móvel. Na outra mesa, por detrás da primeira, está colocado um quadro alfabético, em posição oblíqua, escorado e escondido por um anteparo. Nela, sentam-se duas pessoas: uma, de lápis em punho, vai percorrendo o letreiro, cujas letras não estão, aliás, na ordem normal do alfabeto mas, ao contrário, foram dispostas, de propósito, numa ordem totalmente arbitrária. Ao lado dessa pessoa, está outra, com papel e lápis, para anotar as letras escolhidas. Prestai bem atenção: o médium está de costas para a mesa onde se coloca o quadro alfabético; mas, ainda que estivesse de frente, nada poderia ver porque o alfabeto fica oculto, por um anteparo, e, além disso, as letras estão do outro lado do quadro, de frente para a pessoa encarregada de anotar as letras escolhidas. Pois bem: estabelece-se um circuito elétrico, dentro do qual se coloca uma campainha e se dispõe tudo de tal modo que, toda vez que um dos pés da mesa perde contato com o solo, a campainha tilinta imediatamente. Note-se bem: o contato elétrico é estabelecido com um dos dois pés do móvel que estão mais próximo do médium, o qual tem suas mãos, controladas, sobre a mesa, de modo que, se ele quiser forçar o móvel, em vez de erguer, só poderá calcar, cada vez mais, o pé do móvel sobre o solo.

No entanto, com tal disposição experimental, imaginada pelo prof. Richet, conforme descreve no *Tratado de Metapsíquica*, sempre que a ponta do lápis, guiada pela pessoa que estava sentada por trás do médium e em frente ao quadro alfabético, passava sobre a letra necessária à formação da palavra, o pé da mesa era levantado, a campainha retinia e a pessoa encarregada de anotar escrevia no papel a letra apontada pela mesa.

Nessas condições, a mesa transmitiu mensagens muito interessantes, inclusive em latim e em escrita especular, isto é, em escrita invertida, que só se lê refletida num espelho.

Além disso, transmitiu mensagens em francês arcaico, assinadas por Villon, cujo estilo se equiparava ao do afamado boêmio, cuja verve escarminha vergastou, muitas vezes, a tirania de Luiz XI. Doutra feita, estando presente o sábio William Crookes, que foi especialmente à França, para assistir às experiências de Richet, a mesa transmitiu mensagem em inglês, língua que o médium ignorava totalmente.

Ora, para Richet tudo isso é criptestesia - faculdade supranormal, pela qual o médium pode ver sem ajuda dos olhos. E a levitação para ele é movimento muscular inconsciente, o tal aventado por Chevreul, e desmoralizado pelas investigações de Gasparin, Thury, De Rochas, Maxwell e tantos outros sábios, que provaram que havia, também, levitação sem contato de espécie alguma, e, portanto, sem auxílio de qualquer contratura muscular, consciente ou inconsciente. Também a afamada Sociedade Dialética de Londres, constituída de grandes vultos da ciência inglesa arrasou, numa série de experiências memoráveis, a hipótese absurda de Chevreul.

A hipótese de que as letras tenham sido escolhidas pelo médium é de todo em todo improcedente. Pelo simples fato de que, durante a experiência, o médium não entrava em transe - ficava no estado normal, conversando ou obrigado a ler em voz alta um livro qualquer. Também os demais investigadores, inclusive Richet, palestravam, cantavam ou liam durante o tempo todo. Isto, por si só, afasta, outrossim, a hipótese de telepatia. Alucinação coletiva também não era. Porque a mensagem anotada, perdurava, como prova permanente de um fenômeno passageiro. Hipnotismo não era também, porque o circuito elétrico não poderia ser interrompido por efeito hipnótico. De modo que, a despeito de tudo e de todos, a única hipótese que se impõe é, incontestavelmente, a espírita. Villon e os demais Espíritos, conhecedores de forças e de leis que ainda desconhe-

cegos, mas cujos efeitos constatamos diariamente no Espiritismo, conseguiram transmitir suas mensagens e demonstrar, assim, que a vida continua depois da tumba.

Uma coisa é acreditar na sobrevivência da alma, outra coisa é prová-la experimentalmente. E é o que o Espiritismo vem fazendo para reforçar a confiança do homem na justiça divina, estimulando-o, destarte, a aperfeiçoar-se a fim de merecer, no Além, vida mais feliz do que esta da Terra!

DA EXISTÊNCIA DA ALMA

Nada deverá interessar tanto ao homem quanto saber se nele existe ou não uma alma imortal. Da aceitação ou da negação deste fato, resultará, fatalmente, seu comportamento em relação à vida terrena.

Em que pese, porém, a transcendental significação do problema, a questão tem ficado, até hoje, circunscrita ao campo da Metafísica e ao domínio da religião - com a solução adstrita, por conseguinte, à dialética e à dogmática. A Ciência, essa tomando como absoluta a relativa interdependência existente entre as faculdades da alma e as funções somáticas, considera o Espírito como subproduto do cérebro, transformando, destarte, a Psicologia - etimologicamente ciência da alma - em mera fisiologia nervosa...

Sem embargo, seguindo outra via de acesso, vou demonstrar, não apenas com argumentos lógicos, mas com fatos irrecusáveis, que as correlações entre as faculdades da alma e o sistema nervoso, embora muito estreitas, não são, contudo, absolutas, devendo o cérebro ser considerado, não como o produtor das faculdades do Espírito, mas, tão-somente, como o instrumento adequado às manifestações anímicas no plano terreno. Vou demonstrar mais - que, durante a vida terrena, já se pode constatar, com provas objetivas, a presença, no homem, do corpo espiritual com o qual viverá no Além. Em suma, vou demonstrar a existência da alma, como um fato positivo - e não como um artigo de fé.

Ninguém nega que, normalmente, os “estados de consciências”, eufemismo com que a Ciência oculta as faculdades da alma, estão ligados à fisiologia cerebral. Ligeira diminuição da circulação cerebral pode provocar perda da consciência. E se o distúrbio for crônico, todas as faculdades mentais serão seriamente afetadas, inclusive a memória.

Contrastando com isso, apresenta-se-nos o fato de indivíduos afogados, momentos antes de perderem a consciência, se haverem recordado, com estranha nitidez, das mínimas particularidades do passado, vendo, numa espécie de visão panorâmica, tudo o que com ele ocorreu desde as primícias da vida. Casos houve, até, em que objetos perdidos foram reencontrados mercê dessa prodigiosa memorização.

Ora, se a memória fosse, de fato, propriedade exclusiva do cérebro, não se compreenderia como, exatamente, no momento em que o órgão está gravemente afetado, privado de oxigênio, a memória possa adquirir tamanha intensidade, superando a do estado normal. Eis aqui, pois, o primeiro indício de que as faculdades da alma não são, mesmo, propriedades da matéria, fabricação dos neurônios.

Prossigamos, porém. Como toda gente sabe, as sensações são coletadas por receptores específicos e de lá transmitidas ao cérebro, onde se transmutam em percepções. Assim: o receptor para a visão, são células em cone ou em bastonete da retina; o receptor para a audição é o órgão de Corti, localizado no ouvido interno; o receptor para o olfato são as células olfativas da mucosa nasal; os corpúsculos de Meissner e de Pacini são os receptores para o tato; os corpúsculos de Krause, para a sensação de frio; os de Ruffini, para as de calor; as terminações nervosas livres, para a dor etc, todas constituindo as vias através das quais as diferentes sensações atingem à consciência.

Vale dizer que: sem retina, ninguém poderá ver; sem órgão de Corti, ninguém poderá ouvir; sem células olfativas, ninguém poderá sentir odor, etc.

Entretanto, no estado de sonambulismo, seja ele espontâneo ou provocado, o indivíduo vê de olhos fechados, vê de olhos rigorosamente vendados e, até, através de corpos opacos; vê, portanto, sem ajuda da retina, fato inexplicável à luz da Ciência. Da mesma forma, com o conduto auditivo hermeticamente tapado, o sonâmbulo ouve sons inaudíveis ao ouvido normal; ouve, até, conversas a grandes distâncias - tudo absolutamente contrário à fisiologia e ao arrepio das leis físicas.

Isso prova que a consciência ou melhor - o Espírito - possui vias extrasensoriais para o contato com o mundo exterior. Prova mais: que a sensação é propriedade imanente do Espírito e não, apenas, fenômeno físico-químico inerente a receptores adequados.

Ainda mais - é ponto pacífico, na Fisiologia, que os receptores das diversas sensações, respondem, especificamente, aos estímulos, quaisquer que sejam. Por exemplo: a retina, tanto faz que o excitante seja a luz, a corrente elétrica ou o traumatismo, reage, sempre, com um fenômeno luminoso.

Contudo, não só no sonambulismo, como no hipnotismo ou no Espiritismo, pode ocorrer - e ocorre freqüentemente - a transposição dos sentidos, de tal forma que o indivíduo passa a ver pela extremidade dos dedos, por exemplo, enquanto que a retina permanece absolutamente cega.

Pode, também, ouvir por diversas partes do corpo, o cotovelo, por exemplo, ao passo que o aparelho auditivo se torna completamente insensível aos sons.

Ora, como nos dedos não existem células em bastonetes, nem em cone, e como, no cotovelo, não existe, outrossim, órgão de Corti, é óbvio que, embora, normalmente, tais re-

ceptores sejam os instrumentos adequados, a sensação não reside na matéria, não é propriedade do neurônio - é faculdade do Espírito, razão por que, em certos casos, erroneamente considerados patológicos, pode escapar, momentaneamente, do órgão próprio, afluindo para outra região do corpo somático.

Por outro lado, é sabido que durante o transe, seja ele sonambúlico, hipnótico ou mediúnico, a sensibilidade desaparece totalmente da superfície do corpo, embora as fibras receptoras lá permaneçam perfeitas.

O indivíduo pode ser espetado, furado, queimado, torturado que pouco se lhe dá - nada sente! Também não reage, muita vez, às mais violentas excitações, um tiro ao pé do ouvido não lhe provoca o menor reflexo de defesa; um chumaço de algodão embebido de amônia não lhe causa qualquer incômodo. Não sente nada, não ouve nada, não percebe nenhum odor! Todos os sentidos estão como que bloqueados. Entretanto, a inteligência pode estar muito mais aguçada. Tanto assim que resolve, em transe, problemas que, acordado, não sabe solucionar!

Experiências interessantíssimas de De Rochas, que fora diretor da Escola Politécnica de Paris, demonstraram que, durante o transe, escapa, do corpo dos sonâmbulos uma emanção de dupla coloração, azulada à direita e avermelhada à esquerda, a princípio de forma indefinida, que, a pouco e pouco, adquire exatamente a aparência do corpo carnal, como se fosse o seu *fac-simile* etéreo: é o corpo astral dos ocultistas, o corpo espiritual de São Paulo, o perispírito dos kardequistas.

Valendo-se da clarividência de diversos sensitivos, simultaneamente em transe, De Rochas pôde certificar-se de que a sensibilidade escapando da pele, permanece fora do corpo, em camadas concêntricas, até três metros de distância. Qualquer contato com elas, provoca dor e contraturas mus-

culares no sonâmbulo. Uma alfinetada na mão do corpo astral, determina um ferimento correspondente na mão do sensitivo. Tudo demonstrando que a sensibilidade pertence, de fato, ao corpo astral, ao perispírito e não ao sistema nervoso.

E será, acaso, o corpo astral uma realidade objetiva? Sim. É, de fato, uma realidade. Eis a prova. Primeiro a prova subjetiva. Emília Sagée, bela professora francesa, em pleno vigor físico, desdobrava-se com a maior facilidade, sendo o fenômeno testemunhado por todas as jovens educandas de um colégio que, em 1845, existiu em Vólmar, nas proximidades de Riga. Às vezes, durante a refeição, estando sentada, seu “duplo” escapulia do corpo, permanecendo de pé, atrás dela, movimentando-se sincronicamente com a gesticulação do corpo físico. Duma feita, na ocasião em que uma colegial se enfeitava diante do espelho, viu nele, refletida, a imagem do duplo da professora que, no momento, se aproximou para ajudá-la a vestir-se. A moça desmaiou de emoção. Todavia, a reflexão da imagem, de acordo com as leis da Ótica, é prova de que não foi alucinação. Mesmo porque, doutra feita, estando a professora no jardim e observada por quarenta e duas alunas, seu duplo veio, inexplicavelmente, sentar-se à cabeceira duma mesa, em torno da qual estavam reunidas todas as jovens. Ainda mais - duas alunas só se convenceram de que não era a própria professora, em carne e osso, quando tocaram e atravessaram, sem resistência, o corpo espiritual ali presente!

Não se pode recusar tão forte prova testemunhal. Sobre tudo quando se sabe, que, ao ser despedida do colégio, a desditosa professora, confessou, lacrimosa, que, com aquele, era o décimo oitavo educandário que a mandava embora!

Contudo, vamos às provas objetivas. Respondendo ao desafio do filósofo Von Hartmann, o Conselheiro Aksakof, homem de vasta erudição e de caráter ilibado, estampou em seu livro, *Animismo e Espiritismo*, várias provas fotográficas, obtidas em condições que comprovam, insofismavelmente, a objetividade do corpo espiritual ou perispírito. E muitos outros exemplos existem na literatura espírita. Ora, as máquinas fotográficas não sofrem alucinações.

Logo o perispírito é um fato. E que pode deslocar-se à grande distância do corpo físico. Provam-no exemplos como este: certa vez, estando eu muito preocupado com a doença duma sobrinha, vali-me das faculdades supranormais de minha senhora, pedindo-lhe que fosse, em Espírito, à Paráiba do Sul, cidade que ela não conhecia, e verificasse a verdade. Entretanto, em estado cataléptico, aparentemente morta, assim permaneceu alguns minutos. Voltando, em seguida, ao normal, descreveu tudo exatamente: a cidade, a casa, as pessoas, a doença da menina e o engano do médico assistente. Fui imediatamente ao telefone. Meu irmão, espantado, confirmou, inclusive uma queda sofrida pela criança. Tudo confirmado, estribei-me na orientação e prescrevi a medicação homeopática. A doença, que já durava 15 dias, desapareceu como que por encanto. Conteí apenas um caso. Poderia contar muitos. A Sociedade de Estudos Psíquicos, de Londres, ninho de sábios, publicou em *Fantasmas dos Vivos* cerca de 700 casos semelhantes. Penso, porém, que a prova está feita. Mostrei que os estados de consciência não dependem tanto do cérebro como se admite. Mostrei que as sensações, em última análise, não dependem dos órgãos receptores. Mostrei que o corpo espiritual está sujeito às leis da ótica e que pode ser fotografado. Mostrei, finalmente, que o Espírito, ainda em vida, pode agir fora do corpo. Provei, portanto, a existência da alma!

QUE É O PENSAMENTO?

O pensamento é a própria essência da vida. Impalpável como o éter, é evidente como a luz. Misterioso como a vida, é mais potente do que o Sol. Porque fez, sozinho, o milagre da civilização.

Libertou o homem da caverna; arrancou-o das presas agressivas de inimigos ferozes; impeliu-o ao domínio de todos os elementos; fê-lo rei da natureza. Desbravou selvas indevassáveis. Sulcou mares ignotos. Entrelaçou cinco continentes. Edificou milhares de cidades. Transformou a fisionomia da Terra: mesclou todas as raças.

Fez mais, o pensamento. Rompeu os grillhões da escravatura terrena. Quebrou as grades que mantêm o homem encarcerado num mundo torto, hostil à vida, sacudido de cataclismos, sujeito às intempéries, girando no infinito, como um átomo de pó arrastado pela brisa, em meio de milhares e milhares de universos, cujas distâncias entre si, se contam em milhões de anos-luz!

E, destarte, livre em espírito, posto que, acorrentado materialmente ao planeta, o homem viajou num raio de luz, através da vertigem apocalíptica do espaço-tempo...

E pesou mundos. E ultrapassou nebulosas.

Depois de vencer a selva, o mar e o espaço, o pensamento escapou da Terra para conquistar o Universo inteiro!

Tudo isso realizou o pensamento humano. E mais do que tudo isso, anulou todas as distâncias e aproximou o homem de Deus, pelas vibrações da prece!

E, no entanto, esta força colossal, este poder incalculável, escapa, sorratamente, ao registro dos mais engenhosos aparelhos!

Não modifica o equilíbrio da balança mais sensível. Não impressiona o aparelho mais delicado. Não se pesa; não se mede; não se vê e não se palpa; é imponderável! E, contudo, é evidente, insofismável, irreduzível. Está, indissolivelmente, ligado à vida do homem, de tal sorte que, despojado dele, o homem não passaria de um macaco degenerado, vivendo automaticamente, conduzido pelos instintos, condenado eternamente à toca, para sobreviver à sanha dos animais mais possantes e menos tímidos..

É justa, portanto, a consagração que, em todos os tempos, mereceu o pensamento. Pitágoras, como Platão e Aristóteles, e todos os gênios, só valem pelo que pensaram...

Entretanto, ninguém como Descartes valorizou tanto o pensamento.

Para o afamado autor de *Discurso sobre o Método*, a existência do homem está, em última análise, condicionada à existência do pensamento. Não a existência do homem físico, carnal, mas a do homem eterno, imortal, supra-físico - o Espírito, que gera o pensamento.

“Penso, logo existo”. Três palavras que valem um epinício à supremacia espiritual do homem. A maior apologia do pensamento, no mais singelo e universal dos entimemas. Centro de gravitação de todos os raciocínios do método cartesiano. De sorte que, na filosofia da dúvida, o pensamento é a única certeza indestrutível...

Em que pese, porém, a influência outrora exercida pelo filósofo nos círculos intelectuais, o pensamento, que para ele era tudo, continua, ainda hoje, muito desconhecido em sua essência, e, até, muito discutido quanto à origem...

Os métodos de investigação científica estão, atualmente, tão aperfeiçoados que um fisiologista não se sentiria constrangido se lhe pedissem a quota exata de energia, gasta pelo organismo, num simples piscar de olho.

Em compensação, ficaria perplexo, se convidado fosse a medir a despesa do organismo, durante uma penosa elucubração mental.

É fácil medir a contração do bíceps. Mas é difícil aquilatar o dispêndio de energia necessária à produção do pensamento. Porque tudo se passa como se o cérebro não consumisse nada.

Calculando-se em energia química, o trabalho do organismo é maior para mexer o dedo mínimo do que para compor um poema!

Fato paradoxal. Contrário à experiência pessoal dos que saciam nos textos a sede de saber; e que se esforçam para transmitir aos outros o fruto de sua experiência e de suas reflexões.

Não obstante, o fisiologista sente-se coagido a confessar que a *Oração aos Moços* de Ruy Barbosa, a *Virgem* de Murilo ou a *Virgem* de Praxíteles - três obras-primas da Literatura, da Pintura e da Escultura, - brotaram espontaneamente, sem trabalho, porque o metabolismo, dosado nos momentos patéticos da inspiração em plena ebulição mental, quando os pensamentos jorram, feito fachos de luz, não acusa nenhum acréscimo sensível do consumo de energia orgânica. Entretanto, fatos existem - e muitos numerosos - que induzem a pensar que o trabalho mental, se pouca, ou mesmo nenhuma energia química requer do organismo, em compensação, consome outra espécie de energia, muito desconhecida ainda, mas já pressentida de longa data, por um grupo de investigadores afeitos à complexa fenomenologia do Magnetismo, do Hipnotismo e do Espiritismo, energia esta que principia agora, a ser entrevista nas oscilações do campo eletromagnético da massa encefálica, mercê das ampliações obtidas com as válvulas eletrônicas...

A esta nova energia - energia psíquica, ou “força psíquica” de William Crookes - é que se deve supor esteja ligada a manifestação do pensamento. Futuras experiências decidirão o problema.

Todavia, não se pode desprezar o fato de que há indivíduos que sob certas condições fisiologicamente pouco conhecidas, emitem esta energia com tal intensidade que se torna possível um estudo mais profundo do pensamento. Já não se pode negar que o pensamento se transmite independentemente do sistema nervoso. Porque as comunicações telepáticas, a grandes distância, estão mais do que demonstradas.

De resto, o pensamento pode materializar-se. Não é tão abstrato e intangível como se imagina geralmente. Os indivíduos magnetizáveis ou hipnotizáveis e também os médiuns vêem os pensamentos dos seus magnetizadores, dos seus hipnotizadores, ou das pessoas presentes, quando se trata de sessão espírita. E vêem com um realismo incrível.

A hipótese de fenômeno alucinatorio não satisfaz quase nunca.

Binet cita experiências muito interessantes. Sugerindo a presença de um retrato sobre um móvel sua “paciente” além de vê-lo tal qual fora imaginado pelo ilustre professor, ainda o via retratado num prisma, ou refletido num espelho, sempre de acordo com leis físicas que ela ignorava inteiramente!

Féré, por sua vez consigna o fato extraordinário de que a visão destas imagens mentais - ou “formas-pensamentos”, como as denominam os teosofistas - obedece ao mesmo mecanismo de acomodação observado em relação às imagens reais! Além disso, Darget, logrou gravar, numa chapa fotográfica, uma imagem mental. Não se trata de fotografia do pensamento, porque o fator luz não entra no fenômeno. Trata-se da gravação, em completa obscuridade, de uma ideoplastia conforme a expressão de Bozzano.

Em duas palavras, a experiência se processou assim: uma chapa fotográfica, dentro dum estojo de madeira; o estojo é envolvido em papel enegrecido para maior segurança contra a ação da luz; numa câmara escura, a chapa é colocada à pequena distância da frente do experimentador; depois de pensar concentradamente com a máxima energia mental, em uma garrafa, Darget, o experimentador, teve a fortuna de, à revelação, encontrar na chapa a ideoplastia da garrafa, exatamente como a imaginara!

Esta experiência, não é a única do gênero.

Outros investigadores obtiveram resultados equivalentes embora depois de muitos fracassos. O determinismo do fenômeno é muito obscuro ainda. Mas a Ciência já está na trilha de sua maior descoberta - a descoberta da energia psíquica, a energia do pensamento!

E, seja como for, um fato é inegável: o pensamento principia a ser uma realidade tangível...

CONTRA FATOS NÃO HÁ ARGUMENTOS

Vai para 39 anos, em agosto de 1922, o Times, de Londres, sempre sóbrio em matéria de sensacionalismo jornalístico, abriu suas colunas, quiçá pela primeira vez, para publicar espetacular reportagem, que causou assombro à sociedade inglesa, imbuída de tradicional convencionalismo.

Assinada por conhecido redator do prestigioso órgão da imprensa britânica, que, na ocasião, excursionava a bordo do Makura, transatlântico japonês, rumo ao lendário país das cerejeiras, a reportagem fora colhida dos próprios lábios do comandante, o que lhe emprestou excepcional penhor de autenticidade.

Os fatos dizem respeito à circumspecta senhora inglesa, residente em Honolulu, no Havaí, que, sem ser espírita e não querendo ser médium, possuía, a contragosto, a valiosa faculdade da escrita automática, como a denominam os parapsicólogos. Na verdade, era médium dotada de psicografia mecânica, já que sua consciência não participava do fenômeno, permanecendo aparentemente em estado normal, a palestrar com os circunstantes, enquanto sua mão traçava, com vertiginosa rapidez, estranhas mensagens. E, para maior perplexidade da própria médium, as mensagens, não raro, eram escritas em caracteres hieroglíficos, que permaneciam indecifráveis.

Sabedor desse fato, e tendo-a duma feita a bordo, rumo às plagas orientais, o comandante, que ardia de curiosidade, passou a assediá-la, insistindo para que lhe desse oportunidade de comprovar sua notável faculdade. Posto que contrafeita, a passageira, que não desejava desagradar tão agalado marinheiro, acabou aquiescendo. Em companhia dele, a médium sentou-se à volta duma mesa, tomou do lápis e, sem concentrar-se, aguardou que alguma Entidade se lhe manifestasse. Todavia, não esperou muito. Prontamente perdeu o controle do braço direito, que, dormente, se lhe inteiriçou, para, em seguida, garatujar, com incrível velocidade, complicados hieróglifos ilegíveis!

Decepcionada, a médium, que só teria motivos para desejar captar a simpatia do comandante, não pôde ocultar sua desilusão, exclamando: “Que pena! Quem se manifestou foi o tal oriental, que escreve a seu modo!”

Não obstante, o velho lobo do mar, presentiu que, ao contrário do que supunha a médium, o documento poderia ter imenso valor, razão por que solicitou à psicógrafa que lh'o desse, pois desejava conservá-lo sob custódia, até que pudesse ser decifrado. Sem hesitar, a médium satisfez a vontade do comandante. E foi bom, porque assim o entrevistado pôde exibi-lo à bisbilhotice do repórter londrino, reforçando seu depoimento. E melhor ainda, pôde mostrar ao jornalista, boquiaberto, a tradução do texto enigmático!

Sim, porque de posse da mensagem psicográfica, o comandante não descansou enquanto não viu o mistério desvendado. Certo de que a escrita era originária da Índia, ele sentiu intenso júbilo, quando, certo dia, veio a saber que a bordo viajavam dois eruditos hindus.

Era a sonhada oportunidade - pensou ele. Contudo, embasbacados diante dos hieróglifos, os sábios não pescaram patavinal!

Estava, pois, o bravo marujo japonês receoso de fracassar no desigual combate com os mistérios do Além, quando, por felicidade, embarca em seu navio, um dos mais sábios arqueólogos do mundo. Sem perder tempo, o comandante procurou interessá-lo pelo problema. Perplexo diante do misterioso documento, o arqueólogo prorrompeu em exclamações de surpresa, deixando transparecer a emoção de que estava possuído. À medida que percorria, com o olhar, os misteriosos caracteres, interpelava o comandante como obtivera tão estranho documento, ficando, a princípio, sem resposta as insistentes perguntas. E explicações claras só as teve depois que, com grande espanto, o comandante ouviu do sábio a assertiva de que a mensagem fora transmitida em escrita hierática, forma abreviada da escrita sagrada usada pelos sacerdotes egípcios e que predominou na Ásia Menor 5.000 anos antes da Era Cristã!

Diante disso, o comandante não pôde mais ocultar a origem do documento.

Aliás, a menos que o tradutor a acoimasse de mistificação, a fonte da mensagem não lhe poderia ser negada. Porque, em linhas gerais, o documento principiava por um agradecimento do autor à médium, que lhe propiciara oportunidade de comunicar-se com nosso mundo. Em continuação, tecia irônicos comentários acerca do chocante contraste entre a atual comodidade, quando as viagens se fazem em majestosos paquetes, e a época em que o misterioso autor estivera encarnado, tendo de sujeitar-se a viajar no lombo de lerdos e pachorrentos camelos. Comentava, em prosseguimento, cenas que, no momento, se desenrolavam, longe das vistas das pessoas presentes, no interior do camarote do comandante, ali sentado ao lado da médium. E, por fim, fornecia valiosos dados sobre as condições meteorológicas, formulando votos de boa viagem.

Foi essa a súmula da reportagem do Times.

Embora, sob o aspecto científico, o depoimento se resinta dum vício insanável, - a omissão da identidade das pessoas implicadas - não se lhe pode imputar origem fraudulenta. Porque, citado o nome do transatlântico e invocado o posto do tripulante, é evidente que, se se tratasse dum farsa jornalística, o comandante imediatamente protestaria, máxime em se tratando dum oficial japonês, cuja noção de dignidade pessoal é mundialmente reconhecida. Ora, como diz o velho adágio “quem cala, consente”. Logo, até prova em contrário, força é admitir-se a veracidade da reportagem do Times e a autenticidade dos fatos nela mencionados. E, aceita a legitimidade dos fatos, demonstrada fica não só a sobrevivência do Espírito, como a comunicação dos mortos - pontos fundamentais da Filosofia Espírita.

De fato, a recusar-se a origem extraterrena da mensagem, forçados seríamos a admitir que a médium, uma criatura de cultura vulgar, sem nenhuma instrução especializada, pudesse dominar uma escrita desaparecida, há setenta séculos, e conhecida, presentemente, por uma dezena, talvez, de políglotas dedicados à Arqueologia ...

Não! Sejamos sensatos. A única hipótese racional, no caso, é a proclamada pelo Espiritismo. Todas as outras são, na verdade, mais milagrosas e antinaturais. Com efeito, repugna à razão admitir uma ciência infusa; revolta-se o bom senso contra a onisciência do subconsciente; rebela-se a própria experiência comum contra um saber hereditário, herdado de remotos ancestrais. Ora, se o conhecimento da escrita hierática não foi dado, instantaneamente, por ciência infusa; se não proveio do subconsciente e se não foi herdado de antepassados egípcios, é claro, e é lógico, que a escrita foi, com efeito, produzida por antigo habitante deste mundo, que, servindo dum médium inglesa, pôde, eventualmente, comunicar-se com nosso plano existencial, po-

sitivando sua sobrevivência, e, portanto, confirmando, mais uma vez , a imortalidade da alma. E é assim, apresentando fatos e acumulando provas, que o Espiritismo, a despeito das assacilhas de uns e das diatribes de outros, prossegue serenamente no seu roteiro glorioso, confiante em que, um dia, reunirá a humanidade pelo amor fraterno, construindo um mundo melhor para felicidade de todas as criaturas e para a glória de Deus!

MELHORAR O HOMEM

A barrotadas de arrasadoras armas bélicas, as grandes potências poderão, num entrechoque horrendo, não só se destruírem mutuamente, como pulverizar grande número de nações pacíficas e quase desarmadas. Vale dizer que enorme extensão, senão a totalidade de nosso planeta, está permanentemente ameaçada de pavorosa destruição. Donde se colhe que, dum momento para outro, milhões, quiçá bilhões de habitantes da Terra podem ser massacrados na mais horrorosa catástrofe de todos os tempos!

Diante disso, perguntar-se-á: como pode o homem que, com sua inteligência, com seu raciocínio e seu poder criador, construiu a mais portentosa civilização que se poderia imaginar, permanecer infenso ao conhecimento de si próprio e repelindo as hipóteses, as teorias e, até, os fatos que demonstram a existência do Criador e a plurivivência do Espírito eterno?

Aliás, para conceber a onipresença de Deus no Universo, basta o testemunho da onipotência e, por conseqüência, da onisciência revelada nas leis que regem a fenomenologia universal; e para aceitar a infinita bondade do Criador, é suficiente compreender a finalidade da vida terrena; e para entender a perfeição da justiça divina, é suficiente admitir a lei da reencarnação, que oferece à criatura humana tantas oportunidades quantas sejam necessárias para ela atingir a perfeição, e, além disso, valorizar a lei de causalidade mo-

ral, pela qual cada Espírito, esteja ele encarnado ou desencarnado, recebe o fruto da árvore que plantou. Quem praticou o bem, recebe aqui mesmo ou no plano espiritual que mereceu, após a desencarnação, a recompensa correspondente. Quem praticou o mal, sofre, aqui ou alhures, o castigo corretivo da infração que cometeu. De toda forma a encarnação visa a apressar a evolução intelectual e moral do Espírito que foi dotado de um corpo físico, cuja vida é alimentada pelo corpo bioplasmático ou, melhor, pelo corpo espiritual, que é a emanção do Espírito eterno.

Na verdade, na presente conjuntura mundial, o homem não pode imitar o avestruz, que, segundo o conceito popular, quando se lhe apresenta um perigo, evita vê-lo, metendo a cabeça debaixo das asas. Mas, ao homem, cujo Espírito é radiação do Criador, cabe arrostar a hecatombe, zelando pelo auto-aperfeiçoamento e unindo-se, com amor, aos seus semelhantes. Somente assim, haverá paz e felicidade na Terra. De resto, urge a união de todos que crêem em Deus e na cooperação dos Espíritos que, pelo esforço próprio, através dos séculos, podem interpretar a vontade do Criador. Todos, seja qual for a religião ou a seita das quais são sectários, devem orar, pelo menos ao despertar e à hora de dormir, em benefício dos Protetores, máxime dos Mentores dos estadistas que governam as diferentes nações, sobretudo das mais poderosas. Com a prodigiosa força da oração sentida pelo Espírito que reza, com a máxima sinceridade, criar-se-á no mundo, intransponível barreira vibratória contra guerras iminentes, assaltos e seqüestros diários, que enodoam nossos foros de povo civilizado!

Outrossim, é premente a necessidade de coibir a desbragada libidinagem e a desenfreada linguagem torpe que se infiltraram em todas as camadas sociais. Se os devassos soubessem o que lhes espera após a desencarnação - a demorada permanência no próprio túmulo com todas as sen-

sações inerentes à putrefação do corpo carnal e, ao depois desse martírio, a zombeteira companhia de antigas meretrizes e de asquerosos rufiões - certamente procurariam libertar-se, enquanto antes, da lascívia que continuou a assediá-los após a desencarnação! Por outro lado, se os pornográficos e os pornofônicos estivessem informados de que, após demorada permanência unido ao corpo carnal, em decomposição cadavérica, só se libertariam das emanções pútridas, emitidas pelo Espírito simultaneamente com o palavrão e registradas no perispírito - camada protetora do corpo espiritual - depois de obrigatória estada em local de emanção compatível com a de seu perispírito, isto é, numa latrina, num encanamento de esgoto, num charco fétido, etc., aposto que, desde já, se esforçariam para corrigir-se, respeitando a palavra, dote do homem e donativo divino!

Para terminar, aqui deixo um lembrete de Jesus, o Espírito mais perfeito que, até hoje, encarnou na Terra.

Criticado pelos fariseus porque seus discípulos não lavaram as mãos antes da refeição, como mandava a tradição, Jesus retrucou-lhes: “Não compreendeis que tudo que entra pela boca... é lançado em lugar escuso? Mas o que sai da boca vem do coração; e é isso que contamina o homem. Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, calúnias, blasfêmias.”

Como se deduz, são os sentimentos que inspiram as boas e as más ações. Em síntese, para melhorar o mundo (e isso deve ser feito com a máxima urgência) é imprescindível melhorar o homem!

